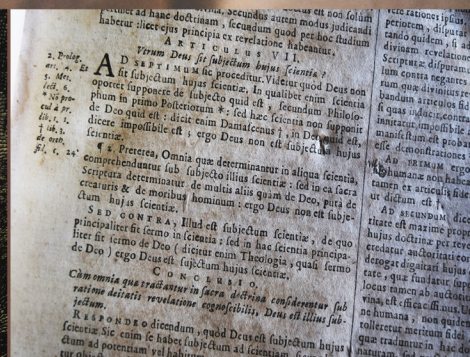
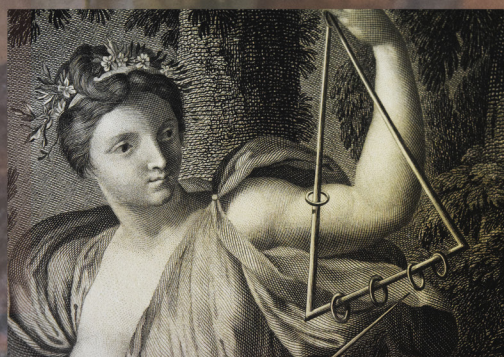




BIBLIOTECA
DE OBRAS RARAS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Universidade Federal do Rio de Janeiro

I SEMINÁRIO DA BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES - UFRJ

20 E 21 DE MARÇO
2019



Apoios:



ORGANIZAÇÃO
Rosani Parada Godoy
Wanessa Oliveira da Silva
Sterlane Menezes Jacques Silveira

I SEMINÁRIO DA BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS
DA ESCOLA DE BELAS ARTES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANAIS

Rio de Janeiro
2020

Anais da Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ

Editor

Wanessa Oliveira da Silva

Design Gráfico

Wanessa Oliveira da Silva

Revisão

Rosani Parada Godoy

Wanessa Oliveira da Silva

Sterlane Menezes Jacques Silveira

Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ.
Anais da Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ.
Rio de Janeiro : EBAor-UFRJ, 2019.
99 p. : il. ; 18 x 26 cm.

ISBN: 978-65-00-09206-6

1. Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ - Periódicos.
2. Obras raras. I. Título.

CDD- 027.581

Os textos e imagens apresentados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores, incluindo as questões de direitos de uso de imagens de terceiros.

Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ
Av. Pedro Calmon, 500 - Prédio da Reitoria -
7º andar - Cidade Universitária
Ilha do Fundão - CEP: 21.941-901
Rio de Janeiro, RJ
obrasraras@eba.ufrj.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Entre ornatos, bibelôs e coisas utilitárias: sobre o decorativo na Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (MARIZE MALTA).....	6
O anatomista, a arte e a ciência (DALILA SANTOS).....	14
A Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e a formação do artista (SONIA GOMES PEREIRA).....	19
O curso de graduação em Conservação e Restauração da EBA-UFRJ: a EBAOR como espaço para ensino-aprendizagem (ANA PAULA CORRÊA DE CARVALHO).....	23
Descrição bibliográfica de livros raros e especiais: fatores de vantagens para a recuperação da informação (WANESSA OLIVEIRA DA SILVA).....	29
O processo de descrição bibliográfica e disponibilização via web das obras raras dos séculos XVI e XVII da Coleção do Prof. Frederico Edelweiss (ALÍCIA D. LOSE; ELAINE B. SAMPAIO; LÍDIA MARIA B. B. TOUTAIN; MARIA ALICE S. RIBEIRO; TALITA B. B. SANTIAGO).....	35
Obras raras como corpus para análise de termos: relações de equivalência entre termos correntes e termos anacrônicos (MOZART T. BRAGA; THOMAS F. S. NÍZIO; TIAGO A. SILVA).....	43
Catálogo de gravuras de indígenas no acervo da Biblioteca Nacional: uma proposta de Iniciação Científica (FÁBIO F. S. MONIZ; RAYSA O. BLYTH).....	52
As encadernações da Coleção de Obras Raras e Especiais da Casa de Oswaldo Cruz: um estudo para sua preservação (ANA ROBERTA TARTAGLIA).....	58
O conhecimento gerado a partir do acervo de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB) (RAPHAEL DIEGO GREENHALGH; NÉRIA LOURENÇO; MARIANA G. G. GREENHALGH).....	65
As bibliotecas de obras raras como espaço de difusão do conhecimento (EVA LUCIA MEDVEDEFF).....	73
A Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como espaço de difusão do conhecimento (FABIANA M. DE LACERDA; MELINA B. DO SANTOS).....	78
As obras raras do Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: difusão do conhecimento e dinamismo entre os acervos bibliográfico, museológico e arquivístico histórico (RÁISA M. F. SOUZA; ANA PAULA M. ALVES; ETHEL M. CUPERSCHMID).....	85
Exposição Theatro Municipal do Rio de Janeiro: além do preto e branco (ALESSANDRO OSSOLA).....	93

APRESENTAÇÃO

O Primeiro Seminário da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBAOR/EBA/UFRJ), Seminário 185 anos da EBAOR, foi realizado nos dias 20 e 21 de março de 2019, na Faculdade de Letras, Cidade Universitária.

A Biblioteca de Obras Raras da EBA (EBAOR) possui obras que representam valor extremamente significativo, por ser parte importante da história, da arte e da cultura brasileira, e também, pela raridade da coleção que lhe concede valor patrimonial indiscutível. A primeira menção da Biblioteca da Academia como espaço de estudo e de sociabilidade encontra-se registrada no discurso do diretor Henrique José da Silva assinalada na ata de 20 de março de 1834: “Abriu-se então o portão da biblioteca e o porteiro chamando os alunos, o diretor dirigio lhes a seguinte falla em nome da Congregação: Sres. principia uma nova era para a Academia da Bellas Artes” (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841). O diretor estimulava os alunos para que se aproximassem da perfeição nos seus estudos, e que ambicionassem as recompensas nacionais. O acervo da Biblioteca, nesse período, teve um papel importantíssimo na formação desses alunos como futuros artistas, alguns deles assumindo a direção da Academia.

Sendo assim, a EBAOR valeu-se da data memorável para ressaltar a importância deste acervo e promover a Biblioteca como espaço de ensino e produção de conhecimentos junto à comunidade interna e externa, propondo o tema “As bibliotecas de obras raras como espaço de difusão do conhecimento” para discussão. O evento, que consistiu em um projeto de extensão, tratou-se de um universo para compartilhamento de experiências, principalmente, entre bibliotecários curadores de acervos raros e professores que atuam com esses acervos. A EBAOR valeu-se dessa ocasião para apresentar o Ex libris da EBAOR que está em processo de elaboração pela professora de Desenho da EBA Dalila dos Santos.

O Seminário obteve repercussão nacional, reunindo palestrantes e ouvintes de vários estados do Brasil. A programação contou com 17 apresentações de comunicações de estudantes, técnicos e docentes. Os professores da EBA, convidados a palestrar no evento, relataram suas pesquisas desenvolvidas por meio do acervo da EBAOR e as aulas da graduação lecionadas no espaço da Biblioteca, utilizando seu acervo. Os debates realizados ressaltaram a responsabilidade e a importância das bibliotecas de obras raras como promotoras de produção de conhecimento. Foram discutidas estratégias de como impulsionar o uso das bibliotecas detentoras de acervos raros e a responsabilidade dos bibliotecários diante desses e de outros desafios.

A segurança dos acervos raros foi um dos temas que fez parte dos debates, evidenciando que a maioria das instituições brasileiras ainda são carentes de ações preventivas destacando assim a responsabilidade do bibliotecário e das instituições perante os desafios enfrentados em face do crescente número de obras raras furtadas nos últimos anos no país.

As discussões e o compartilhamento de experiências proporcionado pelos palestrantes e ouvintes foram enriquecedores. O público incentivou a realização de novas edições do Seminário e outros projetos de extensão para divulgação dos serviços oferecidos pelas bibliotecas que mantêm a guarda de acervos raros.

Com esta publicação apresentamos os textos integrais das exposições orais realizadas durante o evento, possibilitando o compartilhamento do conhecimento gerado por meio do Seminário.

ENTRE ORNATOS, BIBELÔS E COISAS UTILITÁRIAS: sobre o decorativo na Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ

Dr^a. Marize Malta
Prof^a. Escola de Belas Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Para além da bibliografia que desde os tempos da Academia Imperial de Belas Artes amparava os cursos de Pintura, Escultura, Gravura e Arquitetura, há uma significativa quantidade de manuais sobre decoração na Biblioteca de Obras Raras da EBA. Mesmo que o curso de Arte Decorativa só tenha sido criado pelo regimento de 1948, o interesse pelo decorativo já se fazia presente em fins do século XIX e pode ser observado por meio das muitas publicações sobre o tema. Abrangendo diversos autores, ofícios, materiais, formas e metodologias, pretendemos apresentar as diversas modalidades de livros sobre decoração existentes no acervo da EBAOR e compreender as fontes que serviram de inspiração para os trabalhos decorativos na bicentenária escola de arte, ultrapassando a fragilidade do estigma daquilo que foi tomado como “meramente decorativo” e distante dos interesses artísticos.

Figura 1: Amostra de publicações sobre o decorativo - pranchas, capas e papeis de guarda.



Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (EBAOR).

Sobre o decorativo

As questões relacionadas ao decorativo estiveram postas na periferia da História da Arte por inúmeras razões que não iremos tratar neste texto. As posturas teóricas e historiográficas da arte e da estética ao longo dos últimos séculos impuseram ao decorativo, às artes decorativas e às artes menores (que não são sinônimos) atitudes ambíguas e análises repletas de equívocos.

Se o ato de decorar – utensílios, corpos, edificações – acompanhou a humanidade desde os seus primórdios, foi tomado no século XX, nas consequências das práticas da produção industrial do século XIX, como excesso, falsidade,

ostentação, algo que deveria ser ultrapassado. Nesse sentido, o decorativo esteve relacionado ao ornamento, como se fosse algo que encobria a forma das coisas, suas essências e não como ato deliberado de personalizar e embelezar.

Soma-se a isso o embate entre os estatutos dos artífices e dos artistas, em que os primeiros eram considerados meros executores e os segundos, verdadeiros criadores, sendo os artistas aqueles capazes de conceberem a forma pura e a beleza essencial, cuja fruição era privilégio da experiência exclusiva do olhar, enquanto os artífices produziram peças com utilidade – tecidos, vasos, móveis, joias, etc. – cujo uso envolvia uma experiência sinestésica com o usuário. Os primeiros aprendiam o ofício nas oficinas, os últimos, nas academias de arte.

Nos oitocentos, idealmente as academias/escolas de belas artes formavam artistas, enquanto as nascentes escolas/liceus de artes e ofícios ofereciam aprendizado para artífices. Por outro lado, a demanda pelo decorativo estava em pauta e foi preocupação de ambos os profissionais. Não é de se desprezar ainda o fato de que houve vários discursos no período em prol da união entre as artes e os ofícios, entre o saber fazer (coisas úteis) e saber criar (coisas inúteis), cujo exemplo mais emblemático foi desenvolvido pelo movimento Arts and Crafts e esteve na proposta inicial de Joaquim Lebreton para a Academia Imperial de Belas Artes, instituída pelo decreto do Príncipe Regente como Escola Real de Ciências Artes e Ofícios, projeto que não se realizou. Dentro dessa corrente, alguns artistas, como no Movimento Estético inglês, buscaram criar peças utilitárias cujo caráter artístico estivesse em evidência, no objetivo de estetizar o cotidiano, como uma estratégia de levar a arte para o convívio de uma boa parte dos consumidores. Ao projetarem tecidos, móveis, jarras, papéis de parede, luminárias, tapetes, objetos que seriam usados dentro dos ambientes domésticos, as bases da educação estética estariam garantidas, e esta, conforme crença da época, favoreceria a formação de bons cidadãos.

Sobre a ausência do decorativo

As narrativas da história do ensino acadêmico no Brasil, em especial a partir da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) e sua sucessora, a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), recaem sobre a formação de pintores, escultores, arquitetos e gravadores (de medalhas e pedras preciosas), além de as exposições de seus trabalhos e das críticas. Pouco ou nada se referenciam às práticas da decoração, como se elas não fizessem parte de interesses artísticos e das práticas profissionais dos artistas nem fossem presentes na Academia.

Por outro lado, ao longo dessa história de mais de 200 anos, a presença do decorativo é incontornável, ocorrendo por vários meios e fins, apesar de somente ser registrada nas entrelinhas. Muitos artistas atuaram em trabalhos de cunho decorativo, executando relevos arquitetônicos, projetando vinhetas e capas de revistas, frisos e painéis decorativos para espaços interiores, diplomas e cartazes, estampas para papéis e tecidos, objetos utilitários, vitrais, mosaicos, cujo aprendizado dos ornatos e da composição decorativa foi fundamental.

Se a historiografia deu preferência a se aprofundar quase que exclusivamente na produção pictórica ou escultórica, ou seja, na criação estritamente visual, variados artistas atuaram em diversos tipos de trabalhos artísticos (Malta, 2017: 167), incluindo obras decorativas. Portanto, a ausência do decorativo é um problema mais historiográfico do que um fato. A publicação de François Bournand, de 1885, intitulada *Histoire de Beaux-Arts et des Arts Appliqués à l'Industrie*, presente na Biblioteca de Obras Raras da EBA (EBAOR), apresenta diversas modalidades de arte – manuscritos, miniaturas, gravuras, arquitetura, escultura, mosaico, mobiliário, vidro, metal, tapeçaria – sem mencionar a pintura, de certo procurando responder a uma deficiência de mercado, cujos livros de belas artes recaíam sobre a história da pintura.

Ao percorremos o acervo do Museu D. João VI-EBA-UFRJ e das Obras Raras (EBAOR) é flagrante a presença do decorativo, especialmente nas publicações existentes nessa preciosa biblioteca que, junto ao museu e ao arquivo histórico, constituem o setor de Memória e Patrimônio da EBA, onde a história dessa instituição bicentenária está salvaguardada.

Alguns editores se dispunham a criar uma verdadeira coleção para o ensino das artes, como Alcide Picard, que, sob a direção de Jules Comte, desenvolveu a *Bibliothèque de l'Enseignement des Beaux-Arts* (Biblioteca de Ensino das Belas Artes). As 59 publicações procuravam dar conta do que se julgava ser uma pedagogia completa. Para além de referências sobre arquitetura, pintura, escultura, gravura, anatomia, arqueologia, mitologia, música e estilos artísticos, estavam presentes temáticas sobre composição decorativa, faiança, moedas, tapeçaria, porcelana, vitrais, jardins, mobiliário, mosaico, ilustração e encadernação, bordados e rendas. Sendo assim, as artes e os ofícios estavam reunidos, apresentando um conjunto de práticas e conhecimentos do que era próprio ao campo da arte. Tal coleção ainda recebera o aval da Academia francesa e da Escola de Belas Artes de Paris, a partir de premiações. Alguns dos livros dessa coleção estão presentes na EBAOR.

Grande parte das publicações sobre o decorativo presentes na EBAOR é de língua francesa, seja porque a AIBA teve nos artistas franceses seus principais idealizadores e primeiros professores, quanto pelo fato da língua francesa ser praticamente uma língua franca no mundo ocidental durante o século XIX, reforçado pelo fato da academia francesa ser referência para as demais escolas de arte. Entretanto, se a maioria dos livros são francófonos, há presença de obras em alemão e italiano, mostrando outras referências para o decorativo.

Sobre a presença do decorativo

No século XIX não se concebia criar uma forma sem ornamento e, assim, os artistas deveriam aprender a utilizá-lo (SNODIN; HOWARD, 1996). Para se alcançar o domínio de criação ornamental, haveria que se dar o desenvolvimento da capacidade visual para o ornato, alcançada durante as aulas na Academia/Escola Nacional de Belas Artes. Uma das funções do ornamento seria iluminar a imaginação (BLOOMER, 2000) e, portanto, os exercícios de cópias de ornatos tinham seu papel na formação do olhar para os detalhes e seus usos decorativos.

As cadeiras de Desenho de Ornamentos, Pintura de Ornamentos, Escultura de Ornamentos, Desenho de Ornatos e Figura foram as primeiras iniciativas para se desenvolver um olhar decorativo (MALTA, 2011) nos futuros artistas na AIBA. A obra *Le guide de l'ornemaniste* (1826), por exemplo, já estava presente na listagem das obras constantes na biblioteca da Academia, a partir de levantamento de Félix Émile Taunay em 1850 (FERNANDES, 2001, p. 355-357). Muitas das gravuras utilizadas em salas de aula eram publicadas em pranchas e armazenadas na biblioteca da Academia¹. E é significativo existir um livro em que o destaque é para os mestres ornamentistas (GUILMARD, 1880).

Além de saber representar os ornatos, era preciso saber usá-los e para isso os manuais com repertório ornamental eram de fundamental importância, principalmente em uma época em que as referências eram retiradas de obras existentes do passado. Os artistas deveriam saber reconhecer os ornamentos gregos, bizantinos, persas, renascentistas, barrocos, góticos, neoclássicos, etc., como também serem capazes de recriarem versões historicistas para as demandas do presente. Um dos manuais mais emblemáticos do período foi o criado por Owen Jones – *The Grammar of Ornament*, presente na versão em francês (JONES, 1865) na EBAOR. Ele era uma espécie de “bíblia” dos artistas ao sistematizar as principais referências artísticas de cada cultura, país, época, traduzidas por seus ornamentos em cores. Mas outras gramáticas estavam presentes, como a de Albert Racinet, de 1869, que apresentava os ornamentos aplicados em objetos, móveis, tecidos, etc.

Alguns eram específicos para principiantes, a exemplo do livro de Giocondo Albertolli, de 1805, direcionado para estudantes de Arquitetura. Não podemos nos esquecer que a AIBA e a ENBA formavam arquitetos e que somente em 1945 o curso de Arquitetura se desligou da Escola para se tornar uma graduação autônoma. Face a essa realidade, há muitos livros direcionados à decoração de tetos, pisos, paredes, portas ou detalhes compositivos de painéis parietais e de tetos, como os reunidos por Cesar Daly.

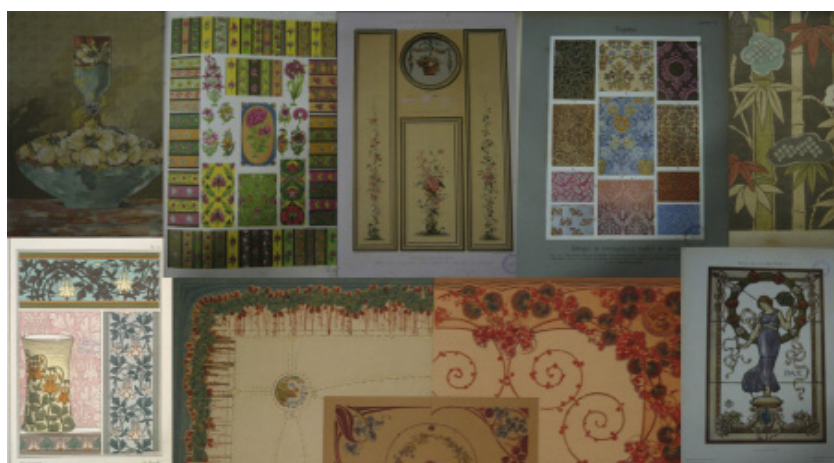
Exceto esses compêndios, era comum se encontrar livros de motivos ornamentais específicos, como repertórios clássicos (ROMAIN, 1839), de Luís XVI (BAJOT, s.d.) e árabes (BOURGOIN, 1873), por exemplo, especificando a postura dos manuais mais gerais e fornecendo detalhes para aqueles que desejassem se aprofundar em determinada gramática decorativa.

Saber reconhecer os estilos históricos era o primeiro passo para dominar os repertórios decorativos, a exemplo dos livros de Emile Bayard e Léon Roger-Milès, incluindo Arquitetura e Artes Decorativas, cuja abordagem cronológica e os exemplos europeus predominavam.

A área da decoração de interiores possui diversas fontes bibliográficas na EBAOR, apontando para uma demanda pouco explorada na história das práticas artísticas da Academia. Há tanto exemplos de ambientes existentes – decoração de interiores do palácio Eliseu (*Le Palais...*) – quanto para espaços do presente – disposição de móveis de estilo em vários tipos de cômodos (BAJOT, s.d.) e decoração de interiores para residências (BLANC, s.d.; HAVARD, 1884).

No campo dos ambientes interiores, há também livros que trazem exemplos de obras realizadas, como as pinturas decorativas do grande foyer da Ópera de Paris (BAUDRY, 1876), mas, com interesse especial, existem tratados sobre pintura decorativa (FLEURY, 1898, 1905) em que se apresentam técnicas, composições e exemplos, ricas fontes para estudiosos e restauradores, mostrando inclusive fórmulas de tintas para se alcançar certos efeitos.

Figura 2: Exemplos de pranchas de manuais para o decorativo existentes na EBAOR.



Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (EBAOR).

É interessante perceber a presença de alguns exemplares exclusivos sobre letras e monogramas (HANOCQ, 1881), (MULIER, s.d.), (BUSSENOT, s.d.), boas referências para aqueles que iriam criar cartazes, capas de revistas, diplomas, a exemplo de projetos de Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo e Eliseu Visconti, existentes nos acervos do Museu Nacional de Belas Artes, Museu D. João VI e algumas coleções particulares.

A grande maioria das publicações acerca do decorativo recai na linguagem art nouveau, coincidindo com o momento em que o ornamento não era mais aplicado a partir de referências históricas, mas criado, preferencialmente, pelo próprio artista a partir da observação da natureza. Para esse fim, vários manuais apresentavam o método de como extrair o desenho do natural e dele desenvolver motivos decorativos e suas múltiplas aplicações na decoração de objetos. Há cinco publicações significativas na EBAOR a esse respeito: de Christy (1888); dois de M. Chevre (1899 e 1900), de Eugène Grasset (1896) e outro de Fraipont (1900), que tratam de exercícios de composição decorativa a partir da natureza, em especial de flores. Muito provavelmente, o repertório ornamental criado por Theodoro Braga (BRAGA, 1903), ex-aluno da ENBA, em *A planta brasileira aplicada á ornamentação*, teve como fonte tais livros, bem como muitos alunos da ENBA devem tê-los consultado para criarem suas decorações florais para serem aplicadas a diversos fins.

O aprendizado da criação do ornamento também se fundamentava em saber desenvolver sua sistematização, respaldada em exercícios de geometria e composição da forma. Célebres, nesse sentido, são os livros de Jules Bourgoïn (1880 e 1883), com diversos métodos de combinações, seja de um único motivo ou de vários reunidos. Ele mesmo advertia que não se tratava de exemplos a serem copiados, mas indicações de como desenvolver motivos ornamentais. Saber dispor os ornamentos ou os objetos em um lugar, de forma apropriada, e de conhecer as formas “certas” para se alcançar a harmonia de uma peça eram orientações próprias dos manuais de composição decorativa, como na publicação Henri Mayeux, de 1885, que fazia parte da coleção Biblioteca de Ensino das Belas Artes, anteriormente citada. Não custa lembrar que ainda em 1949, quando passa a funcionar o curso de Arte Decorativa na ENBA, Quirino Campofiorito assume a principal disciplina do curso: Composição Decorativa (VIANA, 2015, p. 281).

Salvo as obras sobre a prática da criação do ornamento, havia tantos outros que forneciam exemplos, em desenho ou fotografia, de objetos e ambientes criados por artistas europeus contemporâneos, ou seja, na linguagem moderna, que corresponde ao art nouveau. As publicações francesas e italianas tendiam a uma linguagem mais vegetalista e orgânica, enquanto as de língua alemã, incluindo Áustria e Alemanha, forneciam exemplos de uma arte nova mais sintética e geométrica, ofertando aos alunos ambas as correntes do movimento.

Figura 3: Duas vertentes da arte nova nos manuais da EBAOR: Arte Nova vegetalista – *Album de la décoration* e Arte Nova geométrica – *Das moderne ornament*.



Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (EBAOR).

Igualmente significativa é a série que conta com vários volumes sobre o Museu de Artes Decorativas de Paris, que apresenta o acervo por meio de fotografias, tratando-se de importante fonte para se discutir o que se considerava artes decorativas na época, incluindo, fora exemplares europeus, peças da China e do Japão. Destacam-se também publicações que reuniam as principais peças apresentadas nas exposições universais, como o mobiliário da exposição de 1900 (Lambert).

Os autores mais recorrentes na EBAOR a respeito do decorativo são Henri Havard, Alfredo Melani e Cesar Daly, os primeiros com seis livros cada um e o terceiro com quatro. Eram, em certo sentido, aqueles considerados autoridades no assunto. Enquanto o primeiro era historiador da arte, Melani foi professor e diretor da Escola Superior de Arte Aplicada à Indústria de Milão e Daly atuou como arquiteto e dirigiu trabalhos de restauração na França. Apesar de ser um único livro, merece destaque um livro sobre o lar, que tratava tanto da decoração, quanto das questões de conforto

ambiental, de autoria de uma mulher – Augusta Mol Weiss, voz solitária, no meio de tantos autores homens.

Por mais que a maioria dos livros sobre o decorativo versasse sobre exemplos, repertórios, bases teóricas de composição e histórias dos estilos, é digno de nota as obras que forneciam modos de execução, como para pintura decorativa, já mencionada, e marcenaria. Tratados de ebanisteria, encaixes antigos, detalhamentos de montagem, propriedades das madeiras e acabamentos serviam como importantes orientações para aqueles que desejassem desenhar móveis e até executá-los.

Ademais os muitos livros sobre mobiliário, há os que versam especificamente sobre serralheria, tapeçaria, tecidos, rendas, ourivesaria, joalheria, mosaicos, vidros, papéis de parede, pedra, terracota, porcelana, reunindo uma grande variedade de tipologias de artes decorativas, sugerindo o quanto tais artefatos poderiam ter interesse em uma escola de artes.

Figura 4: Encadernações e folhas de guarda dos livros sobre decorativo na EBAOR.



Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (EBAOR).

A maioria dos livros que trata de ornamentação e decoração existente na EBAOR abrange o período de 1870 a 1910, o que implica em termos editoriais uma época de grande valorização do decorativo. Dentre manuais, gramáticas e publicações técnicas, históricas, estilísticas e teóricas, encontramos no conjunto modos de se compreender o que se entendia por arte decorativa e decoração que, em nada, eram vistos como menores ou inferiores às demais artes visuais, com presença significativa em um biblioteca voltada para o ensino das artes. E os atrativos desses livros não estão apenas nos seus conteúdos, mas igualmente nas cromolitografias, encadernações e folhas de guarda, tão decorativas quanto o assunto que apresentam, mostrando o quanto de potencialidade para diversas áreas de pesquisa eles contêm, aguardando pesquisadores que acreditam na potencialidade do decorativo e que há muito de artístico no que se designou como “meramente decorativo”.

REFERÊNCIAS

ALBERTOLLI, Giocondo. **Corso elementare di ornamenti architettornici**: ideato e disegnato ad uso de principianti. Milano: s.n., 1805.

ALBUM de la Décoration. Paris: A. Calavas, [s.d.].

BAJOT, Édouard. **Du chair et de la disposition des ameublement de style**: étude des meubles au point de vue de leur destination variée depuis les salles d'apparat jusqu'aux petits appartements dans lesquels se traduisent toutes les exigences de la vie privée. Paris: Libraire Louis Chaux, [s.d.].

_____. **Motifs Louis XVI**. Paris: Charles Schmid, [s.d.].

BAUDRY, Paul. **Peintures décoratives du Grand Foyer de L'Opera**. Paris: Goupil, 1876.

BAYARD, Émile. **Le style moderne**: l'art de reconnaître les styles. Paris: Garnier frères, [1931].

BERTIN, L.; COMPAGNON, L. **Documents**: pratiques d'ameublement: ébénisterie, sculpture, tournage. [s.l.]: E. Thézard Fils, [s.d.].

BLANC, Charles. **Grammaire des arts décoratifs, décoration intérieure de la maison**. Nouv. ed. Paris: H. Laurens, [s.d.].

BLOOMER, Kent. **The nature of ornament**. Rhythm and metamorphosis in architecture. New York: W.W. Norton & Company, 2000.

BOILEAU, Louis-Auguste; BELLOT, E. **Evaluation de la menuiserie**: traité complet de l'évaluation de la menuiserie ou méthode générale pour mesurer, détailler et mettre à prix les ouvrages de menuiserie e bâtiment et aux de menuiserie d'art. [Paris: Carilian Jeune, 1847].

BOURGOIN, Jules. **Grammaire élémentaire de l'ornement pour servir à l'histoire et à la pratique des arts et a l'enseignement**. Paris: Ch. Delagrave, 1880.

_____. **Les arts arabe**. Paris: A Morel et Cie, 1873.

_____. **Theorie de l'ornement**. Paris: Ducher e Cie., 1883.

BOURNAND, M. François. **Histoire des beaux-arts et des arts aplliqués à l'industrie**. Paris: E. Bernard, 1885.

BOUSSENOT, Gustave. **Chiffres e monogrammes et suite de compositions décoratives des styles et de fantasies**. Paris: L. Eudes, [s.d.].

BRAGA, Theodoro. **A planta brasileira (copiada do natural) applicada á ornamentação**. Belém do Pará, 1905. 42 p. (Manuscrito, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP).

CHAMPIER, Victor. **Documents d'atelier**: art décoratif moderne. Paris: G. d'Hostingue, 1898.

CHEVRY, M. **Essais de décoration en couleers d'après la nature**. Paris: Monrocq, [1900].

_____. **Exercices de compositions décoratives d'après la nature**: fleurs, plantes, végétaux. Paris: Monrocq, [1899].

CHRISTY, E. **L'ornementation d'après la nature**. Paris: André Daly Fils & Cie, 1888.

DALY, César. **Décorations exterieures: empruntées a des monuments français du comencement de la Renaissance à la fin de Louis XVI**. Paris: Ducher, 1881.

_____. **Décorations intérieures**: empruntés à des edifices français du commencement de la Renaissance à la fin du siècle de Louis XVI. Paris: Ducher, 1880.

_____. **Décorations intérieures**: peintes. Paris: Ducher, 1877.

_____. **Motifs divers de serrurerie**. Paris: Andre, Daly Fils & Cie, [s.d.].

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. O Ensino de pintura e escultura na Academia de Belas Artes. In: PEREIRA, Sonia G. (org.). **185 Anos de Escola Nacional de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002, p.9-41.

FLEURY, Paul. **Traité classique du peintre décorateur**. Paris: Garnier Frères, 1905.

_____. **Nouveau traité usuel de la peinture en bâtiment décor et décoration**. Paris: Garnier Frères, 1898.

FOURNIER, Paul. **Traité d'ébénisterie et de marqueterie**. Paris: Garnier Frères, 1905.

FRAIPONT, G. **La fleur et ses applications décoratives**. Paris: Librairie Renouard/ Henri Laurens Éditeur, [1900].

GRASSET, Eugène. **La plante e ses applications ornementales**. Paris: Librairie Centrale des Beaux Arts/ E. Levy Éditeur, [1896].

GUILMARD, D. **Les maîtres ornemanistes**: dessinateurs, peintres, architectes, sculpteurs et graveurs: écoles française, italienne, allemande et des Pays-bas. Paris: E. Plon, 1880.

HANOCQ, Ch. **Album de chiffres**. Paris: E. Denné, 1881.

HASENAUER, Kark Freiherrn von. **Ausschmückung der Interieurs des K.K. Kunsthistorischen Hof-Museums in Wien**. Wien: Schroll, 1892.

HAVARD, Henry. **Dictionnaire d'l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours**. Paris: Ancien Quantin, [1897-1890]. 4v.

_____. **Histoire de l'orfèvrerie française**. Paris: Librairies – Imprimeries Réunies, 1896.

_____. **Histoire et philosophie des styles**: architecture, ameublement, décoration. Paris: Charles Schmid, 1900.

_____. **L'art atravers les moeurs**. Paris: G. Decaux; A. Quantin, 1882.

_____. **L'art et le confort dans la vie moderne**. Le bon vieux temps. Paris: Ernest Flammarion, [1904].

_____. **L'art das la maison**: grammaire de l'ameublement. 4 ed. Paris: Ed. Rouveyre, 1884.

J. PILTERS, Krefeld. **Das Moderne Ornament**. [s.l.]: Cristian Scoll, [s.d.].

JONES, Owen. **Grammaire de l'ornement**. Londres: Bernard Quaritch, 1865.

LAMBERT, Th. **Meubles de style moderne**: Exposition Universelle de 1900. Paris: Charles Schmid, [s.d.].

LE MUSÉE des Arts Décoratifs: collection de l'Union Centrale des Arts Décoratifs. Paris: Armand Guérinet. [s.d.].

LE PALAIS de L'Élysée: décorations intérieures. Paris: Armand Guérinet, [s.d.].

LYONGRUN, Arnold. **Neue-Jdeen**: für Dekorative Kunst und das Kunstgewerbe. Berlin: Kanter & Mohr, [s.d.].

MALTA, Marize. Artistas entre flores, folhas e fitinhas: um olhar decorativo na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro e os modelos ornamentais no século XIX. In: CAVALCANTI, Ana et al. (orgs.). **Modelos na arte**. Ensino, práticas e crítica. 200 anos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2017, p.165-181.

_____. **O olhar decorativo:** ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011.

MAYEUX, Henri. **La composition décorative.** Paris: A. Quantin, [1885].

MELANI, Alfredo. **Arte italiana:** raccolta di 150 tavole di modelli arquettonici, figurative e ornamentali di diverso stile. Milano: Ulrico Hoepli, 1888.

_____. **Decorazione e industrie artistiche.** Milano, U. Hoepli, 1888.

_____. **L'arte di distinguere:** gli stili architettura. 2. ed. Milano: Ulrico Hoepli, [s.d.].

_____. **L'arte nell'industria.** Milano: Casa Editrice, [s.d.].

_____. **Manuale d'arte decorativa:** antica e moderna. 2 ed. Milano: Ulrico Hoepli, 1907.

_____. **Pittura italiana antica e moderna.** 2 ed. Milano: Ulrico Hoepli, [s.d.].

MULIER, E. **Lettres et enseignes:** art nouveau. Paris: Ch. Juliot, [s.d.].

RACINET, M. A. **L'ornement polychrome.** Paris: Librairie de Firmin-Didot, [1869].

ROGER-MILÈS, Léon. **Comment discerner les styles du VIII au XIX siècle:** caractères et manifestations des formes en architecture et décoration. 2 ed. Paris: Librairie G. Baranger Fils, 1909.

ROMAIN, Jules. **Ornements classiques.** Paris: Librairie d'Architecture de Bance Aîné, 1839.

SNODIN, Michael; HOWARD, Maurice. **Ornament:** a social history since 1450. New Haven/London: Yale University Press/ The Victoria and Albert Museum, 1996.

VIANA, Marcele Linhares. **A arte decorativa na Escola Nacional de Belas Artes:** inserção, conquista de espaço e ocupação (1930-1950). Rio de Janeiro, 2015. Tese (doutorado em Artes Visuais), Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015.

WEISS, Augusta Moll. **Le livre du foyer.** Paris: Librairie Armand Colin, 1910.

NOTA:

1. Muitas gravuras originalmente vinham agrupadas em volumes específicos. Na medida em que foram usadas ao longo dos séculos, acabaram por se dispersar ou se deteriorar. Muitas delas estão catalogadas separadamente no Museu D. João VI, apesar de terem sido do acervo da biblioteca.

O ANATOMISTA, A ARTE E A CIÊNCIA

Dalila Santos

Doutora em Artes Visuais,
Profª. de Desenho, Escola de Belas Artes/UFRJ
dalila@eba.ufrj.br

Resumo

Esta comunicação trata dos livros didáticos de Desenho Anatômico do acervo da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes (EBAOR) e foi apresentada no I Seminário da mesma em seus 185 anos. Observamos que esses livros comprados objetivando o estudo do corpo humano, por seus artistas/ estudantes da área de Artes Visuais, poderiam ter sido escolhidos dentre uma série de publicações voltadas também, para a área da Medicina. Entretanto isso não acontece. Ao analisarmos esses livros percebemos o cuidado na escolha de seus títulos. O olhar estético perpassa a coleção, nos oferecendo imagens que embora cuidem dos estudos do corpo, suas estruturas internas, músculos, mímica facial e corporal, priorizam imagens de cunho artístico, bem mais do que só o científico. A escolha e compra desse material didático nos mostra o cuidado na seleção dos títulos para esse determinado fim. Assim, o corpo humano, objeto de estudo desses livros, permite que possamos atualizar o passado no presente, já que através dele essas publicações podem continuar em uso nas aulas da disciplina Desenho Anatômico, nos dias de hoje.

Anatomia, arte e ciência

Os livros sempre estiveram perto de nós. Em formato físico ou virtual acompanhando desde sempre estudos, pesquisas, momentos de lazer, diversão, enfim conhecimento, dividido conosco por autores diversos.

As bibliotecas, espaços de guarda e acervo de muitos desses livros que nos acompanham, são repositórios de culturas várias, além de lugar de preservação e legitimação desse conhecimento e poder da cultura. Esses lugares surgem antes de Cristo com suas formas de registro em argila ou papiros. Elas nunca estarão completas mas resistem bravamente ao tempo e ao obscurantismo que possa desejar que desapareçam já que como repositórios de ideias podem ser extremamente perigosas ao permitir a transferência de informação aos seus usuários.

Assim é responsabilidade de todos nós zelarmos pelos acervos ali contidos, reconhecendo sua importância e trabalhando na divulgação desse material histórico, como no caso da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes (EBAOR).

A parte do acervo de que trataremos, será a dos livros didáticos, voltados aos estudos do corpo, gestos e atitudes relacionadas ao Desenho Anatômico na área das Artes Visuais. Observamos que tal tipo de Desenho compartilha com a área da Medicina o mesmo interesse, o corpo humano, mas olhado por esta última de maneira diferente do que pelos artistas em seus desenhos. O estudo do corpo pode ser olhado pela medicina em forma de dissecações; análise de estruturas musculares profundas; na neurociência por tipos de bioassinais: elétricos, químicos, magnéticos, acústicos, óticos. Reivindicamos então o olhar estético que nos parece foi precioso na escolha para compra de tais publicações.

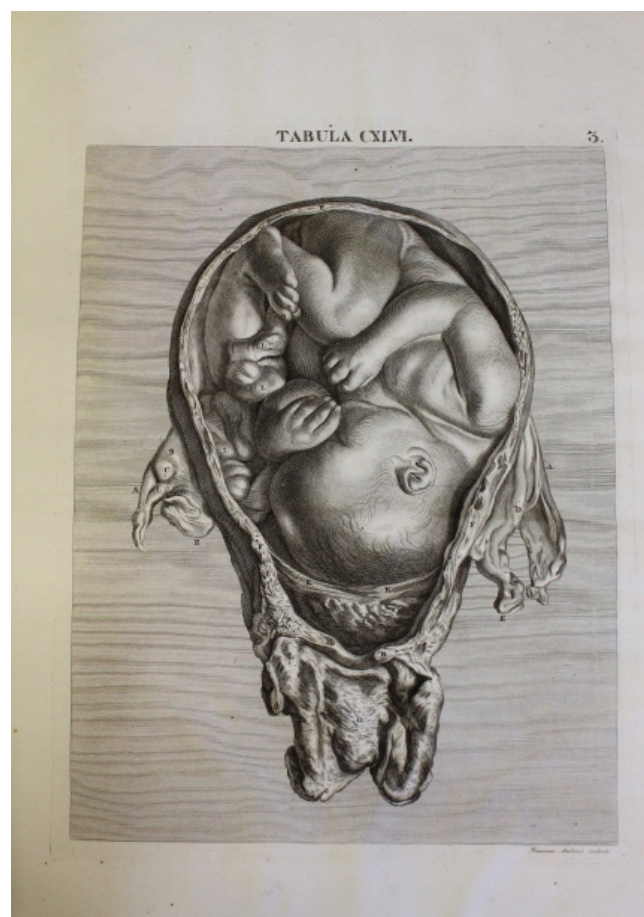
O acervo da EBAOR foi sendo adquirido por compra de seus administradores com o cuidado, certamente, de servir às áreas específicas dos cursos da, na época chamada, Academia Imperial das Belas Artes (AIBA).

Ao nos acercarmos do acervo sobre o assunto Desenho Anatômico, nos surpreende que a escolha de exemplares adquiridos, que poderiam ser voltados à área médica, não acontece. O cuidado estético perpassa a coleção. Podemos folhear os livros e sentiremos o olhar confortavelmente instalado sobre imagens de Atlas Anatômicos que “conversam” com nossas necessidades de saber sobre esse objeto de nossa atenção. Na escolha e cuidado dos livros que comporiam o acervo didático neste campo, percebemos a preocupação de que não se perdesse o olhar artístico sobre esse corpo, estudo de anatomistas e exercício de artistas. Devemos lembrar ainda que os primeiros professores da disciplina, eram médicos, mas nem por isso o olhar estético deixou de estar presente.

A disciplina Desenho Anatômico no campo da Arte Visual prioriza o estudo dos ossos, ou seja, do esqueleto como estrutura interna e fixação dos músculos profundos agindo como alavanca sobre o esqueleto, para movimentar esse corpo, apesar de tais músculos não serem nosso principal motivo de estudo. O que vai nos interessar serão os músculos cuticulares, responsáveis pela forma externa e modelagem desse corpo. Com relação às atitudes e expressões também recairão nossas observações. Estudar esse acervo precioso nos revela as escolhas de compras, e o que podemos encontrar?

O livro *Icones anatomicae, quotquot sunt celebriores ex optimis neotericorum operibus summa diligentia depromtae et collectae* de Leopold Marci Antonii e Floriano Caldani nos apresenta imagens em pranchas produzidas em calcografia, talho doce, gravura manual. É uma técnica extremamente refinada e trabalhosa, usada para produção de documentos de valor e usadas na época para reprodução de imagens.

Figura 1 e 2: pranchas 135 e 146 do livro “Icones Anatomicae...” de Marcus Caldani e Florianus Caldani.



Fonte: Acervo da EBAOR.

A imagem é de um tronco de mulher, grávida com o feto colocado em posição de nascimento. A dissecação nos mostra isso. Com braços, pernas e cabeça não representados, no entanto o gravador se preocupa em apresentar um longo tecido, macio (percebe-se pela maestria do artista), que envolve toda a base onde o tronco está apoiado. Que cuidado é esse? Se o caso estudado fosse somente da representação do momento de dissecar o corpo, seria necessário o panejamento em si? Porque tanto trabalho de gravação que parece não atender à necessidade daquele momento? Há uma única resposta. O olhar estético. E é esse livro com todas as pranchas mostrando belíssimas gravuras que temos no acervo de Desenho Anatômico da EBAOR. Inclusive, uma das pranchas é o desenho de uma Vênus. Por que razão um desenho como esse ligado às artes aparece em um atlas de desenho anatômico? Pela beleza desse corpo, nos parece, ele é escolhido para ilustrar o assunto.

Podemos entender o olhar anatomista e o olhar artístico do gravador presente naquele momento. Todos dois cada um à sua maneira, trabalha sobre o morto para compreender o vivo, sobre a imobilização para perceber o movimento.

Desta forma, buscar nesses livros estudos dessas discussões para aulas e acompanhamento, pelos alunos, é completamente atual.

Ainda no mesmo acervo podemos encontrar livros que apresentam imagens de movimentos da musculatura da face de pessoas, com aparente paralisia facial. É o caso do livro *La mimique* de Édouard Cuyer.

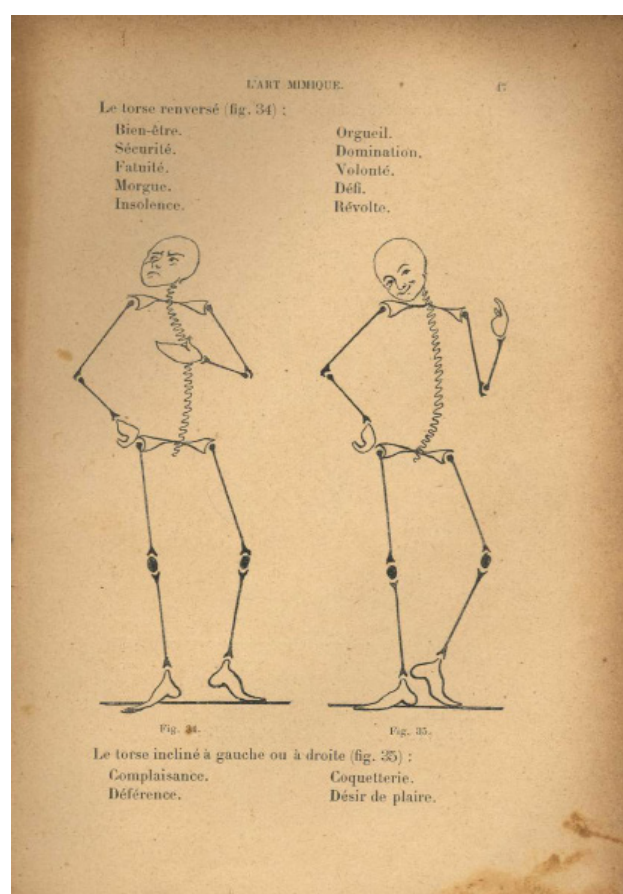
Figura 3: “Influence de l’expression de la bouche sur l’expression des yeux” do livro “La mimique”, p. 11.



Fonte: Acervo da EBAOR.

São retratos gravados, não esquemas. Estimulados por condutores de energia elétrica sobre determinados músculos da expressão, esses estudos anatômicos mostram que um lado do rosto pode sorrir sob esse estímulo elétrico enquanto o outro mostra expressão de tristeza. Pode-se deduzir (para a ciência) que o problema está no cérebro e não na musculatura. Para o artista, é aprendizado de que cada expressão é provocada pela retração ou estiramento de tal ou qual músculo, informação que ele levará para seus estudos.

Figura 4: L’art mimique: suivi d’un traité de la pantomime et du ballet de Charles Aubert.



Fonte: Acervo da EBAOR.

Outro exemplo da atualidade do acervo são os livros que apresentam gestos e mímica de corpo para expressar atitudes. *L'art mimique: suivi d'un traité de la pantomime et du ballet* de Charles Aubert exemplifica bem esse assunto.

Ainda hoje são os estudos desse gestual que empregamos para criar desenhos ilustrando textos ou construindo personagens.

Considerações finais

Assim as escolhas criteriosas para a compra dos livros, obedeceu bem mais do que o desejo de trabalhar sobre o corpo humano com o olhar científico, mas o cuidado priorizou o quanto seriam úteis para os estudantes e artistas que os consultassem. Cuidado de mestres atentos às necessidades que os estudos da Arte trariam a seus alunos. O corpo nosso é o mesmo dos livros apresentados, com a abordagem criteriosa da escolha pela forma estética, atualizando o passado no presente. Desta forma, o acervo no campo do Desenho Anatômico, oferecido pela EBAOR, pode ser usado como material didático atual.

As mesmas observações podem ser feitas em relação a outros acervos da biblioteca, como as pranchas botânicas, estudo de moedas e medalhas, ornatos, etc.

Finalmente, o acervo de uma biblioteca como a EBAOR estará constantemente se atualizando pelo interesse que cada um de nós tenha por suas coleções.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Charles. **L'art mimique**: suivi d'un traité de la pantomime et du ballet. Paris: E. Meuriot, 1901.

BARBIER, Frederic. **História das Bibliotecas**: de Alexandria as Bibliotecas virtuais. São Paulo: EdUSP, 2018.

CALDANI, Leopoldo Marco Antonio; CALDANI, Floriano. **Icones anatomicae**: quotquot sunt celebriores ex optimis neotericorum operibus summa diligentia depromptae et collectae. Venetiis: Ex Calcographia Joseph Picotti, 1801-1813.

CUYER, Édouard. **La mimique**. Paris: O. Doin, 1902.

A BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES E A FORMAÇÃO DO ARTISTA

Sonia Gomes Pereira

Historiadora da arte e museóloga,
Professora titular emérita da EBA-UFRJ
sgomespereira@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a importância da biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes em relação ao modelo acadêmico de formação de artistas. Remontando a uma tradição originária no Renascimento, a função narrativa era primordial na obra de pintores e escultores. Trata-se, em geral, de narrar histórias de caráter exemplar, tiradas de textos religiosos, mitológicos, históricos e literários. Os artistas, portanto, precisavam ter uma cultura humanista, adquirida, principalmente, através da leitura.

Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da UFRJ

A Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da UFRJ tem origem na biblioteca formada na antiga Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro – instituição criada por decreto em 1816, aberta finalmente em 1826, em prédio neoclássico, projeto de Grandjean de Montigny, na antiga Travessa das Belas Artes.

Desde o início de sua existência, os seus mestres se preocuparam com a formação de uma biblioteca de apoio ao trabalho dos professores e à formação dos alunos. Isso fica patente ao analisarmos o primeiro projeto de sua criação, feito por Joachim Lebreton. Passados os primeiros anos difíceis, de intensa rivalidade entre professores franceses e portugueses, durante o mandato do diretor Henrique José da Silva (1826- 1834), os diretores seguintes – especialmente Félix-Émile Taunay (1834-1851) e Manuel de Araújo Porto Alegre (1854-1857) – empenharam-se diretamente na formação na Biblioteca da Academia. Félix Taunay fez uma extensa doação de livros, provavelmente em 1851, que é indicada em relação de autoria do Prof. Alfredo Galvão. Porto Alegre empenha-se em realizar obras no prédio, com o objetivo de organizar espaços destinados à Biblioteca e à Pinacoteca.

Assim, desde meados do século XIX, já contava a nossa Academia com duas seções consideradas indispensáveis ao funcionamento de qualquer academia: uma Pinacoteca – onde estariam expostos modelos da tradição europeia – e uma Biblioteca – onde se agrupariam livros de diversas categorias, necessários à formação humanista de um artista na época.

O que deveria conter uma biblioteca de academia? Naturalmente obras de caráter técnico, como tratados de perspectiva, manuais de técnicas artísticas, livros de história da arte europeia, especialmente relativos à Antiguidade greco-romana e à arte do Renascimento em diante. No caso brasileiro, eram importantes também livros de história natural, que se reportassem à fauna e à flora nacionais. Tudo isso fazia parte do universo de interesse dos artistas, como apoio à sua obra, tanto naquela época, quanto também nos dias de hoje.

Mas aqui nesse artigo, pretendo comentar um outro tipo de livros que eram muito importantes na formação de artista no sistema tradicional de ensino: são os livros de histórias da mais variada origem: religiosos, políticos, literários.

Para melhor explicar esse tema, é preciso retroceder ao Renascimento italiano, ao século XV, quando se firmaram as bases de uma tradição artística, que iria prevalecer por longo tempo, até século XIX, ainda com ecos no século XX – a retomada da antiga Retórica clássica.

Sabemos que, desde o mundo antigo, havia uma separação entre o que se chamava na época as artes liberais e as artes mecânicas. Entre as liberais, encontravam-se atividades ligadas à produção de conhecimento intelectual e, portanto, consideradas superiores. Eram as sete artes liberais: o *trivium* (retórica, lógica ou dialética e gramática) e

quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). Aí se encontravam toda a sabedoria do mundo clássico e que as universidades, criadas na Idade Média, a partir do século XII, estudavam e propagavam.

As atividades manuais eram incluídas nas artes mecânicas, consideradas inferiores, pois eram consideradas destituídas de atividade intelectual. Sua produção, assim como o seu ensino, passava-se nas oficinas, numa relação empírica e, em grande parte, moldada pela continuidade de modelos entre mestre e aprendiz. Era aí, entre as desprestigiadas artes mecânicas, que se encontravam a pintura e a escultura.

O Renascimento italiano representou, de maneira geral, uma grande mudança em relação aos padrões artísticos da época anterior – a Idade Média – e uma retomada dos valores da Antiguidade Clássica.¹ Empenhou-se numa nova atitude dos artistas, especialmente em prol da liberalização das artes visuais, pleiteando que essas atividades exigiam, também, atividade intelectual e, portanto, deveriam ser incluídas entre as artes liberais. Esse argumento corresponde à famosa frase de Leonardo: A pintura é uma coisa mental.

Assim, em vez da simples mimesis do mundo material – que Platão tanto desprezava – o pensamento renascentista invoca outras funções para as artes visuais, indo buscar exatamente no meio da poesia as suas novas bases: é do que trata a famosa teoria *ut pictura poesis* – na pintura como na poesia. Dessa forma, são as normas da antiga Retórica clássica que são trazidas para o universo da pintura e da escultura. Tomam uma forma estruturada no Tratado de Pintura de 1435, em que seu autor, o grande teórico e arquiteto Leon Battista Alberti, afirma: a função da pintura é narrar histórias.

Tratam-se, na verdade, de histórias de caráter exemplar, sejam elas religiosas mitológicas, históricas, alegóricas, literárias. As grandes fontes para esses temas narrativos são naturalmente a Bíblia e toda a extensa literatura de vidas de santos, mas também grandes obras clássicas, sejam do mundo antigo – como Cícero (106 AC - 43 AC), Tito Lívio (59 AC - 17) e Sêneca (morto em 65) –, sejam do mundo renascentista – como Dante (1265-1321), Ariosto (1474-1533) e Torquato Tasso (1544-1595).

Dessa forma, a partir do Renascimento – e da criação das academias de arte no século XVI –, a formação do artista baseava-se em dois grandes campos de aprendizagem.

De um lado, o domínio da representação da figura humana, incluindo conhecimento detalhado da anatomia e, também, das expressões faciais e corporais – que se chamavam na época a Fisiologia das Paixões. Para bem contar histórias, que exigiam pathos peculiares, o pintor e o escultor precisavam representar emoções somente através dos movimentos corporais e da indicação de expressões faciais.

Por outro lado, era preciso iniciar o jovem artista na grande literatura clássica, tornando-os familiarizados com grandes enredos e suas implicações morais, para que melhor pudessem desenvolver soluções formais adequadas a cada uma dessas histórias.

Em qualquer academia de arte, os concursos usuais propostos aos alunos giravam em torno desses temas, inclusive no grande concurso final de Prêmio de Viagem. Na nossa Academia, não era diferente.

Por exemplo, para o concurso de Prêmio de Viagem em 1852, é votado pela Congregação da Academia o tema São João no Cárcere² (Figura 1), saindo vencedor Vitor Meirelles.

Figura 1: Vitor Meireles, São João Batista no Cárcere, 1852, o/t, 88,7 x 105,9 cm.



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes.

Seguindo ainda com o exemplo da carreira de Vitor Meireles, é possível perceber a importância das fontes

escritas em sua obra. Em 1875, o artista recebe a encomenda do governo imperial de fazer uma obra relativa a um fato da história nacional do século XVII: a luta pela expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro (Figura 2). Foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que forneceu fontes historiográficas para a realização do quadro, com o enfoque desejado pelos encomendantes: destacar no episódio histórico o fato de que, nessa luta, uniram-se pela primeira vez as três raças – o branco, índio e o negro – contra o inimigo holandês. Era importante, portanto, destacar a unidade nacional, que constituiu, como sabemos, um dos grandes objetivos políticos do reinado de D. Pedro II.

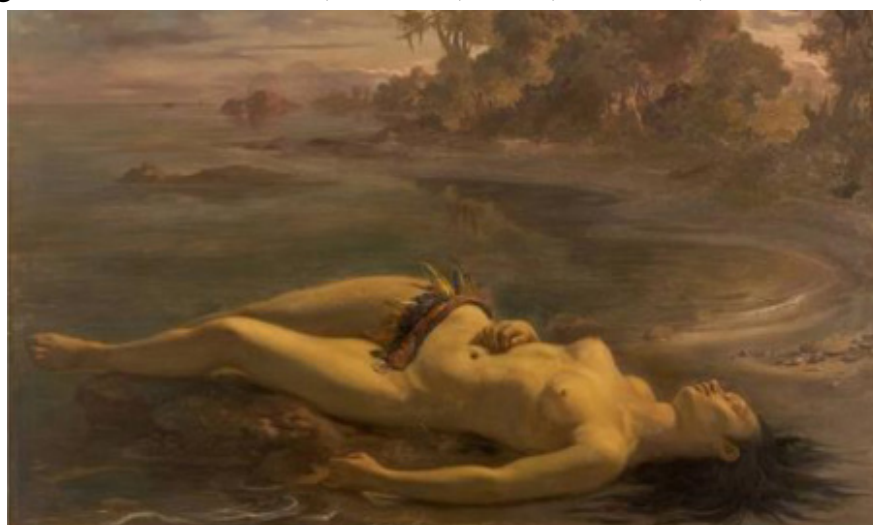
Figura 2: Vitor Meireles, Batalha dos Guararapes, óleo/tela, 500 x 925 cm.



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes.

Outro exemplo importante pode ser dado com uma obra indianista de Vitor Meireles, realizada em 1866. O indianismo foi uma importante vertente cultural no século XIX brasileiro, muito proeminente na literatura e nas artes visuais. Seguiu o pensamento romântico de valorizar a natureza e os povos que viviam em contato direto com ela. No Brasil, ainda teve outra conotação: nos anos que se seguiram à independência, havia a vontade de reconhecer as origens da nova nação, não na colonização portuguesa, mas em algo anterior a ela, os índios que aqui já se encontravam. Assim, Vitor Meireles, nessa obra Moema (Figura 3), apoiou-se no poema épico Caramuru de Santa Rita Durão, escrito em 1781.

Figura 3: Vitor Meireles, Moema, 1866, óleo/tela, 129 x 190 cm.



Fonte: MASP

Muitos outros exemplos poderiam ser aqui indicados, mas acredito que os três acima evidenciam a importância das fontes escritas, dos livros, na formação e na atuação dos pintores e escultores no século XIX.

Mais adiante, no século XX, a arte moderna fará grande oposição à função narrativa da arte, reivindicando a sua completa autonomia – isto é, a arte vale por ela mesma, pela sua materialidade formal, e não tem de representar nem narrar nada. Mas essa pretensão das vanguardas europeias nem sempre funcionou no caso brasileiro. No século XX brasileiro, ainda veremos muitos artistas apegados à narração, inclusive alguns ligados formalmente ao modernismo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Leon Battista. **Tratado sobre a Pintura**. São Paulo: Unicamp, 1992 (original de 1435).

LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES – Notação 6161. Museu D. João VI / EBA / UFRJ.

PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte, ensino e academia**: estudos e ensaios sobre a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faperj / Mauad, 2016.

NOTAS:

1. Em seu próprio tempo, o Renascimento enfatizou para si mesmo uma ruptura radical com a Idade Média, que desprezava. O livro de Giorgio Vasari, *As Vidas dos mais ilustres arquitetos, escultores e pintores*, primeira edição de 1550, é dividido em duas partes: os Antigos (gregos e romanos) e os Modernos (a partir de Giotto no século XIII, nos primeiros sinais de mudanças que estruturariam a arte renascentista italiana). A historiografia mais tradicional continuou a enfatizar essa ruptura radical entre Idade Média e Renascimento. Mas autores mais recentes têm procurado mostrar que há continuidades entre esses dois períodos e que, mesmo na Idade Média, parte do pensamento e dos modelos clássicos não estava totalmente perdido. Mas, de qualquer maneira, não é possível negar novas preocupações e interesses nas gerações italianas nos séculos XV e XVI. Entre esses, a questão da liberalização das artes visuais.

2. Na Sessão de 21/10/1852 da Academia Imperial de Belas Artes: “O Diretor declara que o objeto da presente sessão é o concurso de viagem a Roma ...depois de suficiente mente discutido o objeto, o Sr. Diretor resumindo os debates propõe o assunto oferecido pelo Professor Substituto de Pintura Histórica - São João Batista no Cárcere – o qual é unanimemente aprovado... (NOTAÇÃO 6161, p. 506).

O CURSO DE GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DA EBA/UFRJ: a EBAOR como espaço para ensino-aprendizagem

Ana Paula Corrêa de Carvalho
Professora do Curso de Graduação
em Conservação-Restauração da
Escola de Belas Artes EBA- UFRJ
anapaulacorreia@ufrj.br

Resumo

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre a experiência do processo de ensino-aprendizagem no âmbito do Curso de Graduação em Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ e a Biblioteca de Obras Raras da EBA (EBAOR). Essas atividades foram realizadas entre os anos de 2011 e 2016. A Graduação criada em 2010, contava com duas disciplinas voltadas para a Conservação e Restauração de Obras sobre Papel I e Conservação e Restauração de Obras sobre Papel II, totalizando cerca de 480 horas. A partir da análise da metodologia e das ações interdisciplinares, que envolveram docentes, profissionais da biblioteca e os estudantes pode-se concluir que muitos trabalhos acadêmicos foram satisfatórios e contribuíram para a formação de profissionais conservadores-restauradores críticos e reflexivos.

Introdução

O bacharelado em Conservação e Restauração, do Departamento de Arte e Preservação – BAP, da Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ), implantado em 2010, oferece duas disciplinas ligadas diretamente à preservação de obras em papel: Conservação e Restauração de Obras sobre Papel I, com 240 horas, atualmente ministrada pela prof^a. Dr^a. Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares e Conservação e Restauração de Obras sobre Papel II, com 240 horas, atualmente ministrada pela prof^a. Dr^a. Ana Paula Corrêa de Carvalho. Juntas, essas disciplinas totalizam, 480 horas, e abordam as tipologias de documentos em suportes (papel), bem como obras de arte sobre papel, como gravura, aquarela, entre outras. Nestas aulas também são tratados temas como a estrutura dos livros e questões éticas sobre a prática da conservação-restauração como campo disciplinar.

Além destas disciplinas, os estudantes cursam aulas de Ciência da Conservação (química sobre os materiais), Desenho, Ética e Estética da Conservação-Restauração, Conservação Preventiva, entre outras, aliando teoria e prática. Ao tratar do tema do patrimônio bibliográfico, Hernampérez (2004) afirma que teoria e prática são indissolúveis, são unidas; a realidade, a prática da restauração, está condicionada pela forma em que a mesma é percebida. Neste sentido, busca-se capacitar o estudante na tomada de decisões sobre as ações de salvaguarda do patrimônio arquivístico, bibliográfico e iconográfico, entre eles as coleções especiais e obras raras, documentos históricos, artísticos, científicos e culturais.

Os professores de Conservação e Restauração da EBA têm, portanto, como princípio estimular e enfatizar a importância dos estudantes estarem constantemente se atualizando e especializando, caso queiram atuar na área de conservação e restauração de acervos em suporte papel. Focaremos neste texto no processo de ensino-aprendizado voltado à coleções especiais e obras raras.

EBAOR como parte fundamental no processo de ensino aprendizagem

No semestre 2011.1, a prof^a Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, na época coordenadora do Curso de Conservação e Restauração da UFRJ, durante o exercício das atividades da disciplina de Conservação e Restauração de

Obras em Papel I, levou a primeira turma de estudantes para uma visita às instalações da EBAOR, com o objetivo de conhecer sua equipe e seu acervo. Algumas ações que foram realizadas de forma sistemática:

- Primeira etapa - Trocamos informações com a equipe da biblioteca sobre o perfil da turma e seleção da temática e seleção das obras a serem analisadas e tratadas. Já em sala de aula foram discutidos textos de reflexão teórica, que iriam subsidiar a tomada de decisão ou orientar o estudante.
- Segunda etapa - Visita à Biblioteca para uma prática da interdisciplinaridade (interfase com os bibliotecários e toda a equipe). A bibliotecária chefe da EBAOR fez uma apresentação de um breve histórico do acervo e sua relevância como patrimônio nacional.
- Terceira etapa - Na Biblioteca - reconhecimento dos materiais e das técnicas e introdução aos processos de diagnóstico.
- Quarta etapa - Em sala de aula – foram discutidas sugestões e redigidos relatórios em conjunto (estudantes e professores).

Os resultados destes relatórios e diagnósticos técnicos foram compartilhados com a equipe da EBAOR. Na figura 1, observamos a interação entre os estudantes em dia de atividade na biblioteca.

Figura 1: Estudantes realizando atividade de diagnóstico de Coleção na EBAOR.



Foto da autora, 2016.

Conhecer materiais e técnicas é fundamental para o futuro conservador-restaurador. Na etapa do diagnóstico é realizada a identificação dos materiais e as intervenções que foram realizadas no passado. Para Bojanoski: a correta identificação dos problemas existentes nos bens culturais é uma das principais etapas da metodologia da Conservação, exigindo, portanto, a precisão dos termos que constam da documentação, como as fichas de diagnóstico e relatórios finais (2018, p.177).

Na atividade proposta na EBAOR, os estudantes puderam manusear as obras e aprenderam a usar corretamente a terminologia da área da Conservação. Na figura 2 podemos observar um dos momentos do trabalho de análise das obras para posterior preenchimento da documentação de diagnóstico:

Figura 2: Visita à Biblioteca: prática da interdisciplinaridade. História da Biblioteca e das Coleções – EBAOR, 2013.



Foto da autora, 2013.

Em paralelo às atividades de ensino-aprendizagem na EBAOR, foi proposto ainda um projeto de pesquisa intitulado “Higienização e pesquisa nas práticas da conservação”, de autoria da Prof. Dr.^a Maria Luisa Soares, que contou com a Coordenação de Rosani Parada Godoy – Bibliotecária chefe da EBAOR e teve como apoios externos:

Dra. Milagros Vaillant Callol, da União dos Escritores e Artistas de Cuba, (UNEAC) e Me. Edmar Moraes Gonçalves, da Fundação Casa de Ruy Barbosa - FCRB.

Um dos objetivos do projeto era apresentar e abordar novas formas de pensar a relação entre as práticas de higienização de acervos contaminados (Biodegradação) e a conservação integrada.

A biodeterioração é um processo complexo e de difícil solução, ocasionado pelos agentes biológicos que provocam alterações de diversas naturezas nos objetos e coleções de valor cultural (VAILLANT CALLOL, 2013 p.15).

Segundo esta autora, por ter diferentes causas, origens e manifestações “é extremamente importante o conhecimento, por parte dos conservadores, restauradores e todas as pessoas relacionadas com a conservação do patrimônio cultural” do tema da biodeterioração (VAILLANT CALLOL, 2013, p.15). Neste sentido, o projeto desenvolvido entre maio e junho de 2016, tinha também uma atividade teórico-prática e contou com a participação de 28 estudantes, o que permitiu que esses se prevalecessem dessa experiência de prática e pesquisa.

A metodologia adotada para participação dos estudantes foi uma chamada pública voltada aos discentes do Curso de Conservação-Restauração, tendo como pré-requisito terem cursado as duas disciplinas de Conservação e Restauração de Obras em Papel.

O Projeto “Higienização e pesquisa nas práticas da conservação” foi apresentado pela profª Maria Luisa na 1ª Conferência Regional sobre *Preservación Patrimonial: intercambio, prácticos y proyectos futuros, promovida pela Asociación Para la Conservación del Patrimonio Cultural de las Americas-Apoyonline*, realizada de 30 de agosto a 02 de setembro de 2016, na Colômbia. Nesta conferência abordou-se justamente a questão das especificidades da higienização de obras raras, assim como tamanho das obras, e questões relativas à segurança e à necessidade de formação de uma equipe interdisciplinar de especialistas neste tipo de acervo.

Para além dessas ações, a EBAOR passou a servir como norteadora de projetos, como a pesquisa de protótipos de encadernação realizada com a participação de Edmar Gonçalves e dos estudantes Juliana Pinho, Guilherme Alves e Kliwen Querasian com o título: “Estudo sobre Materiais e Técnicas de Encadernação: a encadernação bizantina”. Caracterizado como projeto de pesquisa e extensão, esta prática teve por objetivo a confecção de protótipos de encadernações para que o estudante pudesse aprender sobre as diversas técnicas e materiais indicados neste processo de encadernação de obras raras. Muitos dos trabalhos executados foram posteriormente apresentados na Jornada de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural - JICTAC da UFRJ, como observamos na figura 3:

Figura 3: Estudantes realizando protótipo de Encadernação Bizantina na Fundação Casa de Rui Barbosa.



Foto da autora, 2014.

Outro trabalho de pesquisa foi realizado em sala de aula durante a disciplina Obras em Papel II pelos estudantes Ademildes Ayres e César Casimiro Ferreira, intitulado: “Papel Marmorizado ou Ebru: a Importância para a Conservação e Restauração de Livros”. O estudo destacou-se pela temática sobre a necessidade de se preservar as guardas dos livros das coleções especiais e obras raras por serem partes constituintes da história da obra. Surgiu das discussões promovidas na disciplina, após a realização de visita na EBAOR, onde os estudantes puderam observar a diversidade das guardas originais de inúmeras encadernações. O resultado da pesquisa foi apresentado aos colegas em sala e também na Jornada de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural - JICTAC da UFRJ.

A partir destes esforços, no ano de 2015, tivemos como resultado a primeira monografia de conclusão de Curso de Conservação e Restauração-TCC, que versou sobre a temática do acervo bibliográfico. De autoria de Guilherme Xavier, e com a orientação da profª. Dr.ª Maria Luisa Soares, o estudo foi intitulado “As encadernações de 1850 a 1890 presentes na coleção da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro”. Esse TCC surgiu justamente após uma atividade da disciplina Obras em Papel I, que consistia na visita à EBAOR, onde

nessa ocasião a bibliotecária e uma funcionária da Biblioteca de Obras Raras nos apresentaram as instalações, os poucos equipamentos existentes para execução de suas atividades diárias e alguns exemplares acessíveis de obras raras disponíveis na ocasião da visita. [...] Nessa primeira visita a Biblioteca de Obras Raras do Museu D. João VI, dentre as obras raras apresentadas acima, estava nosso futuro objeto de pesquisa, colocado já sobre a mesa de trabalho (XAVIER, 2015, p.21).

Em 2016, ocorreu outro fato que promoveu nova parceria entre o Curso de Conservação-Restauração e a equipe da EBAOR, o convite para participar do Projeto de Extensão organizado pela própria Biblioteca e pelo Museu D. João VI, denominado “Êba, um dia na EBA”. Esta atividade de extensão contou com a coordenação de Vanessa Nufuentes e com as estudantes Bárbara Lunardi, Maria Gabriela e Thaciara Perminio, as quais realizaram ações educativas voltadas a conservação de livros no CIEP Pablo Neruda, em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. Os estudantes do ensino fundamental puderam saber um pouco sobre o universo dessa temática.

Outra atividade no âmbito desta extensão foi realizada para estudantes do ensino Fundamental da Escola Municipal Tenente Antônio João, localizada na Ilha do Fundão. Com o nome “Conhecendo o Papel”, a oficina sobre esta ação contou com a participação de 14 estudantes do Curso de Conservação-Restauração, e promoveu uma integração entre os estudantes de diferentes níveis de formação e os professores, motivando o interesse pela profissão.

A Exposição Biblioteca de Obras Raras: um recorte de acervo, promovida entre os dias 29 de junho a 20 de julho de 2016, é resultado da pesquisa de dissertação de mestrado da bibliotecária Rosani Godoy, intitulada “Processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857)”. Nesta parceria com a EBAOR, as professoras Maria Luísa Soares e Ana Paula Carvalho orientaram estudantes de suas disciplinas a realizar a conservação e higienização das obras em papel que foram expostas. Além disso, com orientação das professoras Maria Luísa Soares e Dalila dos Santos Cerqueira, o estudante Eduardo Ferreira Moura, Gabriela Lúcio de Sousa, Maria Gabriela Glória e Patrícia Riggo Cordeiro realizaram a confecção do protótipo do livro “Essai sur la physiognomie, destine a faire connoître l’homme & à le faire aimer”, que fez parte da Exposição. A Exposição trouxe ao público a compreensão da história do ensino das artes, narrada pelo acervo e contou com a curadoria da própria bibliotecária Rosani Godoy, tendo como colaboradores toda a equipe da EBAOR e do Museu D. João VI. Todas essas ações renderam frutos em estudos aplicados dos estudantes com parceria dos professores e colaboradores, e culminaram em trabalhos de conclusão de curso e trabalhos em eventos como seminários e congressos como os apresentados no Quadro 1:

Quadro 1: Relação de trabalhos Acadêmicos sobre a Temática do acervo bibliográfico.

Título do trabalho	Tipo
AYRES, Ademildes; CARVALHO A. P. C. de; FERREIRA, César Casimiro. Papel Marmorizado ou Ebru : a Importância para a Conservação e Restauração de Livros In: Caderno de Resumos da V Semana de Integração Acadêmica da UFRJ . 2014.	Apresentação e Resumo
CARVALHO A. P. C. de ; Soares ,M. L.; Gonçalves, E.M ; Xavier G. A; Paolo Fidanza e seu Estudo de Cabeças a Partir de Rafael Sanzio . In: Anais do III Encontro Luso- Brasileiro de Conservação e Restauro	Seminário Internacional
ALVES, Guilherme; Carvalho A. P. C. de; PINHO ,Juliana ; QUERASIAN, Kliwen. Estudo sobre Materiais e Técnicas de Encadernação: a Encadernação Bizantina . In: Caderno de Resumos da V Semana de Integração Acadêmica da UFRJ . 2014.	Apresentação e Resumo
SILVA, Francisco José Pinheiro; SILVA, Lucimar Ramos Gouveia da; XAVIER Guilherme Alves. Coleção de Cabeças Seleccionadas de Personagens Ilustres do Século XVI com Raphael Sanzio, passando pelo século XVIII através de Paolo Fidanza e Chegando ao Século XXI . IN: Revista Arquivos da Escola de Belas Artes, n.23 (especial)- IV Seminário D. Joao VI- Por Dentro : fontes , problemáticas e rumos no MDJVI. Carlos Terra; Marize Malta (org). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2014 p.47- 59	Artigo
Xavier, Guilherme Alves da Costa. As encadernações de 1850 a 1890 presentes na coleção da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro: Um estudo de caso do livro “Coleção de Cabeças de Personagens Ilustres” . Rio de Janeiro, 2015. 94 f.	Trabalho de Conclusão de Curso- TCC

Organizado pela autora, 2019.

Como observado no Quadro 1, os trabalhos foram diversificados, abrangendo diversas áreas e temáticas do campo da Conservação - Restauração de acervos bibliográficos, pois: o campo da preservação torna-se cada vez mais complexo, no qual o conservador-restaurador é um dos agentes, dentre tantos outros que nele atuam. A profissão, na

medida em que se especializou e se tornou mais complexa, passou a exigir diferentes níveis de atuação (BOJANOSKI, 2018, p.69).

Por entender que estas iniciativas promoveram e consolidaram as ações iniciais de ensino-aprendizagem para os estudantes do curso, no ano de 2018, as professoras responsáveis pelas disciplinas de Conservação e Restauração de Papel I e II, propuseram criar o Laboratório de Estudo Pesquisa em Conservação-Restauração de Obras Sobre Papel – LABPEL, do Departamento de Arte e Preservação, do Curso de Graduação em Conservação e Restauração da UFRJ. Este laboratório tem como um dos objetivos fomentar as atividades de pesquisa, ensino e extensão no âmbito do patrimônio documental e bibliográfico da Universidade.

No que se referem às ações que envolvem as bibliotecas, é tácito que estas têm um papel fundamental como difusoras de conhecimento. Por outro lado, como exposto neste breve relato, elas também podem contribuir como espaço de articulação com as práticas educativas. Sendo assim, esperamos dar continuidade a essas atividades, bem como realizar outros projetos de extensão e de pesquisa visando o ensino-aprendizagem através de ações interdisciplinares.

Considerações finais

Neste breve relato de experiência é observado que algumas ações só foram possíveis através da interação interdisciplinar. Nas visitas à Biblioteca foram despertados os interesses dos estudantes em diversas temáticas, e, em muitos casos, as motivações resultaram em iniciativas de participação dos discentes em projetos de extensão e de pesquisa.

Ao término das atividades promovidas pelas disciplinas de Conservação e Restauração de Obras em Papel, os estudantes foram capazes de aprender e praticar sobre a estrutura do livro (terminologia); a diversidade dos materiais; o manuseio correto das obras raras; o diagnóstico (mapeamento, reconhecimento do acervo, dos danos encontrados, etc.); a observação dos espaços e sua relação com as coleções; o uso correto dos EPIs e EPAs; além de dialogar com os bibliotecários (interdisciplinaridade). Não obstante, atentou-se para o limite da ação do Conservador; e no acompanhamento da rotina da Biblioteca, para conhecer seus desafios e exercitar o código de ética.

REFERÊNCIAS

- ASENCIO PADILLA, David; CARRASCO PLEGUEZUELO, Inmaculada Miguel; SÁNCHEZ HERRADOR, Ángel. El deterioro del libro antiguo como fuente de información histórica. **Revista General de Información y Documentación**. Vol. 20 (2010) 281-296. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/viewFile/RGID1010110281A/9051>. Acesso em : 10/10/1015.
- BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Terminologia em Conservação de bens culturais em papel**: produção de um glossário para profissionais em formação. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural)-UFPEL, Pelotas, 2018. 292 p.
- GONÇALVES, Edmar Moraes. **Estudo das Estruturas das Encadernações de Livros do século XIX na coleção Rui Barbosa**: uma contribuição para conservação-restauração de livros Raros no Brasil. Escola de Belas Artes da UFMG. Belo Horizonte, 2008.
- HERNAMPEREZ, Sánchez Arsénico. **Paradigmas Conceptuales em Conservación**. Madrid: Biblioteca Nacional, 2004.
- SÁNCHEZ HERNÁNDEZ. Arsenio. **Los libros también se restaurán...** Con critério. Hipania Nostra. Marzo 2014, n. 14. P.14-19.
- VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría Contemporánea de la Restauración**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- _____. **La Restauración del Papel**. [Madrid]: Editora Tecnos 2010.
- VAILLANT CALLOL, Milagros. **Biodeterioração do patrimônio histórico documental**: alternativas para sua erradicação e controle Biodeterioro del patrimonio histórico documental: alternativas para su erradicación y control. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. 139, 139 p.
- XAVIER, Guilherme Alves da Costa. **As encadernações de 1850 a 1890 presentes na coleção da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro**: Um estudo de caso do livro “Coleção de Cabeças de Personagens Ilustres. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC -- Rio de Janeiro, 2015. 94 f.

DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE LIVROS RAROS E ESPECIAIS: fatores de vantagens para a recuperação da informação

Wanessa Oliveira da Silva
Bibliotecária da Biblioteca de
Obras Raras da EBA-UFRJ
Mestre em Biblioteconomia - UNIRIO

Resumo

O presente artigo aborda a descrição bibliográfica como serviço de vantagem para ampliar o potencial de informação do catálogo, favorecendo os pesquisadores e a geração de novos conhecimentos, como as atividades oferecidas por bibliotecas guardiãs de livros raros. As obras bibliográficas consideradas raras, em sua maioria, possuem especificidades não encontradas em publicações correntes. Essas obras demandam tratamento técnico minucioso, de modo a produzir registros bibliográficos completos e de qualidade com subsídios essenciais e suficientes para a recuperação dos dados. A descrição de obras raras e especiais se distingue das obras dos acervos correntes por necessitarem do registro de todos os dados possíveis que abrangem desde os elementos obrigatórios até a geração das notas especiais, tanto gerais quanto locais. O detalhamento dos registros bibliográficos pode apresentar resultados, tanto imediatos, quanto a longo prazo. A precisão na descrição permite um domínio mais satisfatório, dado o volume de informação gerado por um acervo. O detalhamento dos dados sobre o exemplar e a obra são indispensáveis para o aproveitamento total das possibilidades de recuperação e consequentemente, para a realização eficaz das atividades e serviços que visam a divulgação e o acesso ao acervo formado por livros raros, assim como, a sua conservação e segurança.

Introdução

As obras bibliográficas consideradas raras, em sua maioria, possuem especificidades não encontradas em publicações correntes. Essas obras demandam tratamento técnico minucioso, de modo a produzir registros bibliográficos completos e de qualidade com subsídios essenciais e suficientes para a recuperação dos dados.

Desse modo, o presente artigo aborda a descrição bibliográfica como serviço de vantagem para ampliar o potencial de informação do catálogo, favorecendo os pesquisadores e a geração de novos conhecimentos, como as atividades oferecidas por bibliotecas guardiãs de livros raros.

No Brasil, os acervos considerados raros e especiais passam por um processo de consolidação. Tais acervos são reconhecidos por seu valor como patrimônio histórico, cultural e social, e por também exprimirem a origem e a identidade da instituição mantenedora. Os patrimônios bibliográficos possuem importância indiscutível para o ensino e a pesquisa, visto que estes são os representantes da história, da memória e da cultura de um país e de um povo.

“A ciência alimenta-se da ciência e este é um fato fundamental. As descobertas científicas e as invenções técnicas retrocederiam, e provavelmente desapareceriam, se a comunidade científica não pudesse dispor das informações acumuladas no longo dos anos” (GUINCHAT; MENOU, 1994 p. 22).

Essas obras apresentam características únicas, que testemunham a evolução editorial do livro e necessitam de tratamento técnico minucioso e detalhado, tornando indispensável a adoção do terceiro nível de descrição catalográfica, de modo, a atribuir a cada item descrito singularidade e propriedade.

A descrição bibliográfica completa propicia inúmeros benefícios a recuperação da informação, favorecendo o bibliotecário em sua missão de auxiliar o pesquisador e de promover serviços e atividades que estimulem a produção do conhecimento. À vista disso, tem-se por objetivo destacar a importância da descrição bibliográfica detalhada para obras raras e especiais como fator de vantagem, elencando seus benefícios, principalmente, em poupar o tempo de pesquisa, ao aumentar as discriminações sobre o acervo.

Descrição bibliográfica de livros raros

O catálogo de uma biblioteca é constituído por um conjunto de registros bibliográficos, que inclui: a descrição do item, entradas principais e secundárias, cabeçalhos de assunto e o número de chamada (FURRIE, 2009). O catálogo deve elencar as características exatas dos exemplares, tornando-se a representação do acervo, onde o pesquisador constata se há no item recuperado as informações que atendam sua demanda, sem a necessidade da consulta ao livro. O registro bibliográfico confirma a existência de um documento e concede a ele sua identificação por meio da coleta de dados (ORTEGA, 2010; SILVEIRA, 2013). O registro bibliográfico é a associação entre a representação descritiva e a temática (SILVEIRA, 2013).

O catálogo tem o compromisso de ser “acessível, compreensível e compatível, em nível de qualidade, com a natureza dos itens que arrola, além de viabilizar o intercâmbio de registros bibliográficos” (PINHEIRO, 2012) íntegros, claros, precisos, lógicos e consistentes (MEY, 2009). Para tal, recomenda-se sua adequação às seis aspirações da Bibliografia: 1º precisão; 2º plenitude; 3º ausência de repetição; 4º forma bem disposta; 5º valor crítico; 6º rápida publicação (OTLET, 1934). Segundo Paul Otlet (1934), a Bibliografia é a transcrição dos dados das obras publicadas e o Catálogo é formado pela caracterização do exemplar. Consequentemente, a catalogação torna-se a harmonia entre as práticas que formam as Bibliografias e os Catálogos.

A descrição das obras raras e especiais se distinguem das obras dos acervos correntes por necessitar do registro de todos os dados possíveis que abrangem desde os elementos obrigatórios até a geração das notas especiais, tanto gerais quanto locais, porque “a determinação das características de um livro é indispensável para reconhecê-lo e identificá-lo” (OTLET, 1934, tradução da autora). Devido à quantidade de informação disponível nessas obras, exige-se um processamento técnico exaustivo em uma linguagem que permita e facilite a integração usuário - catálogo.

Além da Bibliografia, a descrição detalhada implica em abordagens do universo da Bibliologia e da História do Livro para colher “dados que não apenas registre a publicação, mas que a identifique, visando sua singularidade [e] segurança” (IFLA, 2006, tradução nossa). O domínio da Bibliografia e da Bibliologia é necessário para a especificação dos elementos para a descrição do livro raro.

As duas ciências surgiram da necessidade em controlar e organizar o que foi registrado, elaborando repertórios que facilitem a busca pela informação. A Bibliografia e a Bibliologia abrangem o estudo das partes intrínsecas (identificação, produção e ciência) e extrínsecas de um livro (encadernação e as marcas adquiridas ao longo dos anos de uso), seus aspectos teóricos e técnicos, fundamentado na pesquisa, na análise bibliológica e na descrição bibliográfica, identificando e qualificando a raridade (ALENTEJO, 2007; CAMPELLO, 2006; OTLET, 1934, p.10; REYES GÓMEZ, 2005, p. 39-40). Esses fatores potencializam o desempenho e a consistência do catálogo, enriquecendo os detalhes.

A análise e a descrição bibliográfica do livro raro devem ser realizadas com atenção, para que a alimentação do sistema computacional disponível para o armazenamento e a disseminação do registro elaborado seja inequívoca. Desse modo, enfatizamos que a descrição deve ser minuciosamente realizada, de forma que a elaboração dos registros bibliográficos seja íntegra e com menos erros. Ademais, é a descrição do exemplar que corrobora a raridade e importância de um livro.

“Devido à natureza de sua criação e às necessidades dos pesquisadores” (MORIARTY, 2004, tradução nossa), regras catalográficas específicas fazem-se necessárias para a descrição dos livros raros. A International Standard Bibliographic Description for older monographic publications (Antiquarian), ISBD(A), elaborada e publicada pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) é a norma internacional de intercâmbio de registros bibliográficos para descrição dos livros antigos e raros, consagrada internacionalmente pela Biblioteconomia de Livros Raros.

As regras específicas ressaltam as distinções dos livros raros, considerando que as formas de representação do livro antigo não são alcançadas pelas normas habitualmente utilizadas para o tratamento técnico de livros modernos, o Código de Catalogação Anglo-Americano (CCAA) da Biblioteca do Congresso Norte-Americano. É imprescindível a consciência do catalogador dada à ausência de uniformidade e peculiaridades dos elementos dos livros raros e especiais. Para tanto, as normas internacionais de descrição padronizadas são imprescindíveis para a realização do tratamento técnico, de modo que não haja ruídos na recuperação dos dados bibliográficos.

Vantagens para os Bibliotecários

A realização dos serviços bibliotecários eficazes e eficientes necessitam de um vasto conhecimento do acervo, o controle é fator fundamental para a salvaguarda e divulgação de acervos. Desse modo, a disponibilidade de um catálogo descrito de forma exaustiva resulta-se em um valioso instrumento de estudo e documentação ao bibliotecário. A minuciosidade e padronização na descrição permite subsídios para gerenciar acervos estruturados e coerentes com o propósito de potencializar seu uso, contribuindo para a produção do conhecimento. Ao bibliotecário, a descrição

detalhada vale-se como fator de vantagem para os serviços de segurança, preservação e divulgação; tendo, sempre, como objetivo principal o atendimento qualificado ao usuário.

Segurança: Deve-se considerar a segurança “como um aspecto de todas as áreas de gerenciamento de bibliotecas”, para proteger sua coleção, é indispensável o controle total do que se possui e organizá-la de modo que se recupere as obras “de maneira rápida e confiável”. [...] “Um nível preciso de detalhes é desejável por” (SHINER, 2011) determinar corretamente se um item foi danificado, visto que, apenas uma prancha ou um mapa pode ser removido de uma obra. Com o registro exaustivo, a biblioteca é capaz de determinar qual foi o dano.

“Os registros de catalogação de livros e manuscritos raros também devem incluir qualquer informação específica da cópia que possa identificar exclusivamente um item ou afetar seu valor” (SHINER, 2011). A descrição minuciosa dos dados bibliográficos confere ao catálogo consistência e a viabilização da legitimação da propriedade de uma obra ao atribuir sua singularidade, possibilitando a prova necessária para a recuperação de obras furtadas (GREENHALGH, 2014).

A organização de acervos de bibliotecas são reputadas como práticas indispensáveis para assegurar o acesso à informação e um serviço de qualidade. Dessa forma é imprescindível a catalogação de nível máximo dos livros comprovados como raros e especiais para alcançar seu domínio, fundamental para a realização de relatórios e, assim, sua contabilização e confirmação de dados (SHINER, 2011).

Preservação: A descrição detalhada deve ser vista como papel importante para a preservação do conhecimento e da memória por contribuir com a busca e o acesso à informação para a reprodução e estudos sobre assuntos e acervos retrospectivos, conferindo-lhes “vida eterna”.

De forma mais direta, com as descrições exaustivas, o bibliotecário propicia a preservação do exemplar, restringindo o acesso somente às recuperações relevantes à cada pesquisa. A exaustão na descrição elenca todas as características do livro, facilitando a precisão no resultado da busca.

Divulgação do acervo: Para o êxito dos serviços de auxílio na produção do conhecimento, as bibliotecas devem se empenhar no serviço de divulgação. As atividades de tratamento, análise e compartilhamento de informação necessitam de qualidade e diferenciação em seu registro, tornando-se acessíveis para seu uso e utilização de novas experiências.

O detalhamento dos registros bibliográficos pode apresentar resultados, tanto imediatos, quanto a longo prazo. A padronização e precisão na descrição permite um domínio mais satisfatório, dado o volume de informação gerado por um acervo. Consequentemente, o bibliotecário terá subsídios suficientes para a realização de diversos serviços de divulgação, como:

- Exposições;
- Assuntos para seminários;
- Auxílio aos professores em sala de aula;
- Inclusão das obras na bibliografia das disciplinas;
- Conteúdos para redes sociais;
- Conteúdos para websites;
- Elaboração de folders, boletins, jornais e cartazes;
- Visitas para divulgação da biblioteca;
- Atividades destinadas aos discentes em parceria com os professores;
- Elaboração de eventos voltados à comunidade interna e externa, e etc.

Vantagens para o usuário

A descrição bibliográfica minuciosa e específica para livros raros é relevante para a consistência dos catálogos, facilitando o aproveitamento total das possibilidades, assim como, a precisão na recuperação dos dados, ampliando o alcance dos pesquisadores. Os dados mal redigidos ou incompletos de uma obra dificulta sua recuperação. É necessário que o bibliotecário identifique e trabalhe os “parâmetros que devem ser considerados na elaboração do registro de informação, de modo que haja maior aproximação entre necessidades de informação de usuários e representações documentárias” (ORTEGA, 2009).

Precisão e tempo da busca: O que se espera de um catálogo é que a descrição de seus registros facilite as práticas dos bibliotecários, outro fator é a recuperação da informação pelo usuário, que conforme a quarta Lei da Biblioteconomia de Shiyali Ramamrita Ranganathan, deve-se poupar o tempo do leitor. Ranganathan (2009, p. 211-225)

ao discorrer sobre os fatores que minimizam o tempo na busca pela informação, destaca a importância da organização e do processamento técnico para aumentar a precisão e diminuir o tempo na busca pela informação.

Ranganathan (2009, p. 211-225) ainda aborda na Quarta Lei a importância do bibliotecário em se atualizar e se preparar para atender a demanda informacional. Para tanto, o uso específico das normas e das necessidades de descrição para a representação de livros raros são essenciais. A principal função dos serviços de acesso à informação consiste na identificação das necessidades dos usuários em potencial e na promoção do acesso à informação, facilitando a difusão do conhecimento.

A preocupação em estabelecer canais de fluxos de comunicação efetiva entre a informação e o usuário deve ser constante com a construção de instrumentos característicos para a representação dos livros raros e, a partir desta contextualização desenvolver instrumentos e políticas de acesso informacional (SILVEIRA, 2013).

Alternativas de interesse: Ao elencar os dados bibliológicos e bibliográficos e as marcas de propriedade de uma obra, o bibliotecário agrega possibilidades de interesse de pesquisa, além da temática.

A recente valorização da materialidade do livro raro como informação despertou o interesse de “especialistas dos mais variados campos para essa área de estudos” (PINHEIRO, 1990). A estrutura do livro, sua encadernação, tipo de papel, ilustrações, também são uma rica fonte de informações sobre o modo de pensar e fazer de um determinado período da história, considerando que “um livro antigo carrega em si mesmo as marcas da sua forma de produção artesanal” (SANT’ANA, 2001).

Outro interesse evidente ao dispor dessas informações são os estudos de propriedade e da formação de coleções, posto que o nível máximo de descrição registra os dados sobre aquisição e histórico da obra. As marcas que o item conserva é a sua “história de vida”.

Considerações finais

A descrição bibliográfica completa que atende as singularidades dos livros raros torna-se indispensável para alcançar o desenvolvimento nas áreas de ensino-pesquisa-extensão, principal missão da biblioteca. Essa representação ainda contribui positivamente para efetivar os objetivos e planejamentos da biblioteca, apresentando resultados, tanto imediatos, quanto a longo prazo.

Contudo o papel da biblioteca de obras raras vai além de ser apenas um repositório de livros, ela deve ser um lugar de disponibilização, compartilhamento e produção do conhecimento, ela “pode ir além das fronteiras de suas paredes” (OLIVEIRA, CRANCHI, 2017).

Em conclusão, é imprescindível a conscientização dos bibliotecários de obras raras da importância da descrição bibliográfica exaustiva e específica para obter domínio do acervo sob sua guarda. Atenta-se que uma obra é selecionada para aquisição de acordo com a importância da sua instância física e informacional, devido a tanto, toda sua extensão deve ser descrita.

O detalhamento dos dados sobre o exemplar e a obra são indispensáveis para o aproveitamento total das possibilidades de recuperação e consequentemente, para a realização eficaz das atividades e serviços que visam a divulgação e o acesso ao acervo formado por livros raros, assim como, a sua conservação e segurança. Os registros provenientes de tal descrição, ainda fornecem dados suficientes para pôr em prática atitudes pró ativas, como a participação nas ações educativas da instituição mantenedora, com atividades multidisciplinar e interdisciplinar, ou até transdisciplinar.

Logo, a inclusão exaustiva dos dados na descrição dos livros raros, torna-se estratégica e vantajosa não apenas por ampliar a performance do catálogo facilitando e agilizando a busca do usuário, mas também, quanto à gestão das bibliotecas guardiãs desse tipo de material.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJO, Eduardo. **Controle bibliográfico**. 2007. (Material didático utilizado no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO).
- CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- FURRIE, Betty. **Understanding MARC bibliographic**. Washington, DC: Library of Congress, 2009. Disponível em: <https://www.loc.gov/marc/umb/um01to06.html>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- GREENHALGH, Raphael Diego. **Segurança contra roubo e furto de livros raros**: uma perspectiva sob a ótica da economia do crime e da teoria da dissuasão. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/17800/1/2014_RaphaelDiegoGreenhalghV1.pdf. Acesso em: 4 mar. 2018.
- GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação documental**. 2.ed. Brasília: IBICT, 1994.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **ISBD(A)**: International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian). 2 ed. revisada. Copenhagen: IFLA, 2006. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s13/pubs/isbda.htm>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catálogo no plural**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.
- OLIVEIRA, A. J. B. de; CRANCHI, D. C. O papel da Biblioteca Universitária como espaço de afiliação estudantil e o Bibliotecário como Educador e Agente Inclusivo. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- ORTEGA, Cristina Dotta. **Os registros de informação dos sistemas documentários**: uma discussão no âmbito da Representação Descritiva. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-21092009-211824/publico/tese_Cristina_Dotta_Ortega.pdf. Acesso em: 19 ago. 2019.
- OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934.
- PINHEIRO, Ana Virginia. A Biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 5, p. 45-60, jan./dez. 1990.
- PINHEIRO, Ana Virginia. Catálogo de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais, para difusão, recuperação e salvaguarda. In: ENACAT: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 1, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-demetodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos /Livros, 2009.
- REYES GÓMEZ, F. La estructura formal del libro antiguo español. **Paratesto**, Madrid, n. 7, p. 9-59, 2010.
- SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/files/Criterios_para_definiao_de_obras_raras.pdf. Acesso em: 18 maio 2017.
- SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Controle de Acervos. In: _____ (Org). **Segurança de acervos culturais**.

Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012. p. 13-32. Disponível em: http://www.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/seguran%C3%A7a_de_acervos_culturais.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

SILVA, Wanessa Oliveira da. **Proposta para entrada de dados da catalogação de livros antigos na Base Minerva do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12698>. Acesso em: 9 abr. 2018.

SILVEIRA, Naira Christofolletti. **A trajetória da autoria na representação documental**. 2013. Tese (Doutorado em Cultura e Informação)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-06052014-114125/pt-br.php>. Acesso em: 3 maio 2017.

SHINER, Elaine. Security and technical processing. In: WILKIE JUNIOR, Everett C. **Guide to security: considerations and practices for rare book, manuscript, and special collection libraries**. Chicago: Association of College & Research Libraries, 2011.

O PROCESSO DE DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DISPONIBILIZAÇÃO VIA WEB DAS OBRAS RARAS DOS SÉCULOS XVI E XVII DA COLEÇÃO DO PROFESSOR FREDERICO EDELWEISS

Alícia Duhá Lose

Graduada em Letras Vernáculas pela PUCRS, Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professora no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
alicia.lose@ufba.br

Elaine Batista Sampaio

Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Einstein. Bibliotecária da Universidade Federal da Bahia.
elainesampaio@ufba.br

Lídia Maria Batista Brandão Toutain

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Metodologia do Ensino Superior pela PUCCAMP e UNICAMP. Doutora em Filosofia pela Universidad de León – Espanha. Professora do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.

Maria Alice Santos Ribeiro

Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do “Lugares de Memória” do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia.
malice@ufba.br

Talita Batista de Brito Santiago

Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia. MBA em Gestão da Informação pela Universidade Salvador. Bibliotecária da Universidade Federal da Bahia.
talita.batista@ufba.br

Resumo

Constituída de valiosas publicações, o espaço informacional “Lugares de Memória”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atualmente abriga dezenove bibliotecas privadas, doadas por bibliófilos, professores e pesquisadores dessa Universidade. O presente trabalho destaca as obras mais relevantes da Coleção Prof. Frederico Edelweiss. De maneira descritiva, apresenta as Obras Raras dos séculos XVI e XVII, utilizando-se de recursos da análise bibliológica (colocionamento do livro raro) e da pesquisa bibliográfica (em fontes bibliográficas e documentais) como padrões metodológicos estruturados para o processamento de dados no catálogo on-line (Pergamum); na organização física do acervo; na digitalização das folhas de rostos das Obras Raras e na disponibilização (Web), através do site CPARQ (Comissão Permanente de Arquivo da UFBA). Como resultado, tem-se a publicização de uma das mais importantes coleções da Bahia, cujas obras raras do citado período remontam a trajetória histórico-cultural da América e do cenário do Brasil colônia.

Introdução

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) que tem sua origem no século XIX acumula significativo acervo, de

evidente valor histórico, científico, artístico, cultural e ambiental, representativo de diversas áreas do conhecimento. Neste contexto, o acervo desta universidade, está em grande parte constituído de obras raras e publicações valiosas, procedentes deste seu passado. Atualmente, o Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA está composto de vinte bibliotecas, dentre elas o espaço informacional “Lugares de Memória (LM)”. Detentora de valiosos bens bibliográficos abriga em seu ambiente, dezenove bibliotecas privadas, doadas por bibliófilos, professores e pesquisadores dessa Universidade. Diante dessas considerações, LM deve compartilhar esse legado de fundamental importância para todas as áreas do conhecimento que lidam com a cultura, a história e a memória de uma nação.

O presente trabalho, mediante recorte temporal, destaca as obras da Coleção Prof. Frederico Edelweiss, tupinólogo, professor, pesquisador e uma das mais expressivas figuras do meio intelectual baiano. Os procedimentos aplicados aos livros raros dos séculos XVI ao XVIII foram baseados no processo de descrição bibliográfica formalizada por notas, compiladas a partir de metodologia qualitativa integrada entre a análise bibliográfica e análise bibliológica.

A análise bibliográfica dos livros raros a ISBD(A) permite a descrição de livros raros produzidos durante os séculos XVI ao XVIII, sendo seus princípios fundamentais os mesmos da ISBD(M). Na análise bibliológica (colocamento do livro raro), oposto ao tratamento dado aos livros modernos, devemos levar em consideração as características especiais derivadas do seu processo de fabricação artesanal e o valor histórico do documento.

Essa conjugação teve como objetivo padronizar e qualificar as informações nos catálogos online do sistema Pergamum e do CPARQ - Comissão Permanente de Arquivo da UFBA. Apresenta - se nesse sentido, o resultado com a padronização na representação descritiva da informação para cadastramento das obras raras e valiosas disponibilização na Web, possibilitando apoiar e estimular atividades de investigação de interesse da Universidade e de pesquisadores nacionais e estrangeiros.

“Lugares de Memória” do Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA: um cenário da história e das personalidades baianas

“Lugares de Memória”, um dos espaços informacionais do Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), inaugurado em 08 de setembro de 2015, possui uma estrutura organizacional composta por quatro núcleos: Estudos Baianos - custódia a memória e a história da Bahia e do Brasil do século XVI ao presente; Memorial UFBA - resgata e preserva a memória institucional da Universidade, cumprindo a determinação legal de ser fiel depositário da produção acadêmica da Universidade da Bahia (1946 - 1967) e da Universidade Federal da Bahia (1968-); ADoHM - cuja finalidade transita pela disseminação, conservação e preservação de conjuntos documentais sobre a música baiana e a sua história; Arquivo Histórico – arquivos de personalidades acadêmicas e de instituições públicas e privadas ligadas à cultura histórica do Estado da Bahia.

A Coordenação Lugares de Memória do SIBI/UFBA reúne um acervo considerado especial e, diante da importância e relevância desse patrimônio, cujo valor de memória cultural extrapola o valor monetário, foi justificável que a Coordenação fosse instituída vinculada diretamente a Superintendência do SIBI, possibilitando assim propor políticas, projetos e procedimentos que viabilizem ações de preservação, conservação e segurança para o patrimônio bibliográfico, arquivístico e museológico que representa a memória da cultura não apenas baiana, mas nacional. E, para nortear suas atividades foram estabelecidas suas competências no art.12º do Regimento do SIBI de 2016.

Com custódia permanente, o acervo do Núcleo Estudos Baianos está composto de sete bibliotecas privadas (particulares), doadas por pesquisadores e professores da UFBA, que se dedicaram ao estudo da história e da cultura baiana e temas correlacionados (SENA, 1985). Estas coleções foram adquiridas, principalmente por doações feitas pela cessão e transferência de direitos na forma de valor simbólico, voluntária e gratuita pelos doadores (professores) ou pela família. De reconhecido valor patrimonial, as coleções que compõem esse acervo, além da relevância bibliográfica que se concentra no conjunto, nelas encontram-se obras que apresentam critérios de raridade (PINHEIRO, 1989), que justifica a aplicação de tratamento diferenciado, no que se refere à divulgação, compartilhamento e acesso ao público. Por esta razão, Araújo e Reis (2016) afirmam: “As coleções especiais em bibliotecas institucionais são distintas dos demais acervos de uma biblioteca por sua constituição temática, finalidade, características materiais e significados patrimoniais para a instituição que as preservam”.

Naturalmente, ao serem submetidos ao adequado processo de descrição bibliográfica, os diversos “títulos ganham significado e passam a ser representantes de narrativas com reflexo da biografia de seu colecionador” (COSTA; NAPOLEONE, 2018, p. 1), cabendo-nos disponibilizar as informações com dispositivos que garantam o acesso a esse conhecimento uma vez que são de suma importância, ao dar suporte às atividades de pesquisa, reforçando a missão da biblioteca universitária.

O Acervo de Obras Raras do Bibliófilo Frederico Edelweiss

O professor e tupinólogo Frederico G. Edelweiss em sua trajetória de vida sempre expressou o seu amor por línguas nativas e livros. E foi esse amor que, ao longo do tempo, o fez adquirir inúmeros documentos, livros e periódicos para a sua notável coleção. Foi ao sabor dos seus interesses intelectuais que compilou obras, formando uma biblioteca que foi qualificada como acervo especial e raro por especialistas e bibliófilos, dentre eles José Mindlin. O professor Edelweiss, como bibliófilo, conhecia o seu acervo, tendo catalogado e classificado, com método próprio – alfanumérico (ETG- Estudos Tupi - Guaraní) – os livros de sua extraordinária coleção, além de personalizá-la com ex-libris (Figura 1).

Figura 1: Ex-libris



Fonte: Coleção Frederico G. Edelweiss

O acervo tornou-se de extrema importância, capacitado a cumprir o seu inestimável papel de divulgador cultural. Além disso, pesquisadores de variados ramos das ciências humanas usufruíam deste precioso repositório, em constantes consultas, conforme sua fala.

Embora tenha eu podido influenciar com os seus estudos específicos determinado setor de indagações linguísticas nacionais, esta honrosíssima demonstração de apreço parece visar sobretudo os serviços mais gerais, que venho prestando a colegas e à mocidade estudiosa, franqueando todas as manhãs a minha biblioteca brasileira, cujo aumento tem sido a constante preocupação de minha vida em seus momentos de lazer, capricho que felizmente me acompanha pela nona década adentro sem desfalecimento por enquanto (EDELWEISS, 1974, p. 2-3).

Também não se podemos omitir os cuidados que o singular colecionador dedicava à riquíssima biblioteca brasileira, a fim de preservá-la como patrimônio público da Bahia. Nesse sentido, o professor Frederico G. Edelweiss oferece todo o material bibliográfico para a Universidade Federal da Bahia (UFBA), por preço considerado simbólico, tendo em vista as valiosas obras raras de sua coleção. Essa tratativa teve início em 17 de maio de 1974 durante o reitorado do Professor Lafayette Pondé, com o aval do ministro de Educação Jarbas Passarinho. Para consolidação do acordo, foi submetido ao Egrégio Conselho Universitário da UFBA, o projeto de incorporação do Centro de Estudos Baianos (CEB) como órgão vinculado à Reitoria.

A partir desse período, segundo Sena (1985, p. 43), “A Biblioteca Frederico Edelweiss é o acervo fundamental do Centro de Estudos Baianos e como tal a ele se incorpora, íntegra e inalienável, sendo parte do seu patrimônio”. Essa coleção composta de 24.876 exemplares entre livros e periódicos, abordando variados assuntos das áreas de Linguística, Tupi-Guarani, Antropologia, História do Brasil e da Bahia, Religião, Viagens e afins. É um acervo de reconhecida raridade, com livros dos séculos XVI ao XIX, assim como Brasileiras de autores consagrados como Robert Southey e Humboldt. No acervo também encontramos obras “Servinas” e da Typographia Régia que retratam a história e a memória do nosso estado e do nosso país.

Representação e Descrição da Informação das Obras Raras e Valiosas do Lugares de Memória SIBI UFBA

A representação da informação, constituída pelo conjunto de procedimentos necessários à produção dos diversos repertórios bibliográficos contemporâneos, tem como abordagem explícita os elementos necessários à descrição e à identificação de publicações. Também confirmam Tolentino e Ortega (2016, p. 3) que: “O processo para a produção

dos registros dos documentos pode ser nomeado de catalogação, embora muitas vezes este termo seja usado de modo restrito à produção de catálogos de bibliotecas.”

Neste contexto, este estudo expõe os resultados (Figura 2) do processo descritivo, dos instrumentos normativos e suas aplicações na prática profissional e nas pesquisas experimentais com as obras raras e valiosas do acervo de “Lugares de Memória” - SIBI/UFBA, que possibilitaram a recuperação da informação nos seus em variados formatos e sistemas.

Figura 2: Resultados da disponibilização via web das obras raras da coleção Frederico Edelweiss

SISTEMA	SÉCULOS	QUANTIDADE
PERGAMINUM	XVI	11 Acervo 12 Exemplares
	XVII	42 Acervo 57 Exemplares
Platформа Чпг	XVI	12 Exemplares
	XVII	57 Exemplares

Fonte: Elaborado por Elaine Sampaio e Talita Santiago

Busca igualmente explorar os aspectos conceituais e metodológicos que sustentam a realização do processo descritivo, assim como os conceitos básicos adotados para seus instrumentos e produtos, em conformidade com as determinações gerais estabelecidas pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA (SIBI). Por fim, apresenta-se como instrumento norteador para as demais unidades informacional, no que tange aos padrões de cadastro de obras raras e especiais na base bibliográfica da UFBA9. Investir nas proposições apresentadas é fundamental, pois elas favorecem a padronização de descrição bibliográfica para coleções especiais. Esta perspectiva é mais uma das contribuições que podem modificar o contexto brasileiro apresentado por Cunha (1987) e Pinheiro (1990), no que se refere à preservação e ao acesso as grandes coleções bibliográficas dos séculos XVI ao XIX.

Etapas do processo de descrição bibliográfica e bibliológica

O processo de descrição bibliográfica ocorreu em várias etapas, tendo início com a composição da equipe multidisciplinar e sua capacitação realizada com cursos e participação em eventos. Metas e procedimentos foram estabelecidos e definidos através de diversas reuniões de alinhamento com a equipe no qual foram elaborados planos de ação determinando prazos e responsáveis pelo cumprimento das atividades. Para Pinheiro (1990), o estabelecimento de procedimentos, que abrangem os tópicos formais da catalogação de obras raras apresenta uma série de problemas, dentre eles, aqueles associados à formação do bibliotecário na área da história do livro. A autora destaca a necessidade de padronizar as técnicas de tratamento, observando a importância das análises para essas obras, que devem ser pautadas pelos aspectos bibliográfico e bibliológico.

No aspecto bibliográfico, a catalogação de obras raras requer detalhes de descrição mais específicos para identificar características singulares e inerentes a esses documentos. Neste mesmo sentido, o manual REGLAS de catalogación (1988, p. 5) certifica que são [...] aquellos documentos que exigen para su descripción bibliográfica ciertas reglas que hagan mención de las características que los distinguen, ya sea en cuanto a su especial contenido o al soporte en que se encierra la información que se pretende catalogar.

A ausência das informações adicionais, portanto interfere na qualidade do registro bibliográfico, pois limita a descrição e, conseqüentemente, a compreensão do usuário no que se refere ao documento que está sendo representado. (CUNHA, 1987; PINHEIRO, 1990; SUNDSTRÖM; SILVA, 2018).

O aspecto bibliológico (colocionamento do livro raro) apresenta-se como uma metodologia capaz de proporcionar o conhecimento do livro raro, pelo exame minucioso acompanhado de ampla compreensão de sua materialidade. Para Toutain, Lima e Ribeiro (2016, p. 381), como elemento de informação “eles podem inclusive carregar significados que os retiram da categoria de livros comuns para as de raridades bibliográficas, adquirindo os símbolos de poder, de status, de riqueza”. São informações que retratam o processo de fabricação e o caráter de “especial”, atribuído pela associação da análise bibliológica à descrição bibliográfica, que traça o perfil do livro antigo sob seu aspecto material, distingue esse tipo de documento de todos os demais (PINHEIRO, 2003, p. 12).

Para tanto, o profissional busca a obra a ser descrita em fontes bibliográficas10 pertinentes ao tema, nos formatos

físicos e/ou digitais com o objetivo de recuperar informações sobre sua completude, história, raridade e importância, à luz dos processos sociais que constituíram cenários de sua produção, circulação e salvaguarda.

Etapas para preservação e difusão do conhecimento

A partir do século XVIII, a compreensão de preservação do patrimônio cultural foi consolidada e as noções de preservação e restauração foram incorporadas aos acervos documentais. Desde então, esta perspectiva induz às instituições o estabelecimento de políticas de conservação e preservação de acervos, contudo (...) a plena proteção patrimonial ainda encontra barreiras como falta de percepção da sociedade quanto ao valor de sua cultura, omissão das autoridades em cumprir com providência a proteção dos patrimônios, conforme determina a Constituição de 1988 e, carência de recursos financeiros para conservação, preservação e recuperação dos bens culturais (TOUTAIN, LIMA; RIBEIRO, 2016, p. 374)

A biblioteca universitária, ciente da importância de seus acervos, poderá definir ações de preservação associada à concepção de proteção do patrimônio e resgate da memória institucional e bibliográfica. Neste contexto, os acervos sob sua guarda servem de testemunho, ao colaborar com pesquisa e extensão, possibilitando também o acesso público para difusão do conhecimento e interação social, cultural e institucional. Em função disso a descrição da informação agregada à digitalização preservacionista contribui para a divulgação e o acesso integral ao documento, proporcionando novas visões sobre uma realidade ainda não conhecida. E para disponibilização dos registros bibliográficos via web utilizou-se de dois sistemas informatizados: Pergamum e CPARq.

A Rede Pergamum, criada em 04 de outubro de 1999, é constituída pelas instituições usuárias do software Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas e tem como filosofia a cooperação no tratamento da informação. Em 2006, o Sistema de Biblioteca da UFBA (SIBI) passa a fazer parte da rede, implantando o sistema de gerenciamento de acervo bibliográfico nas suas bibliotecas (Figura 3). As características tecnológicas utilizadas por este sistema - banco de dados SQL Server e Oracle; formato MARC21; protocolo Z39.50 Cliente/Servidor e formato ISO-2709-, são imprescindíveis para o compartilhamento de informação, a exportação de dados e, conseqüentemente, para a catalogação padronizada.

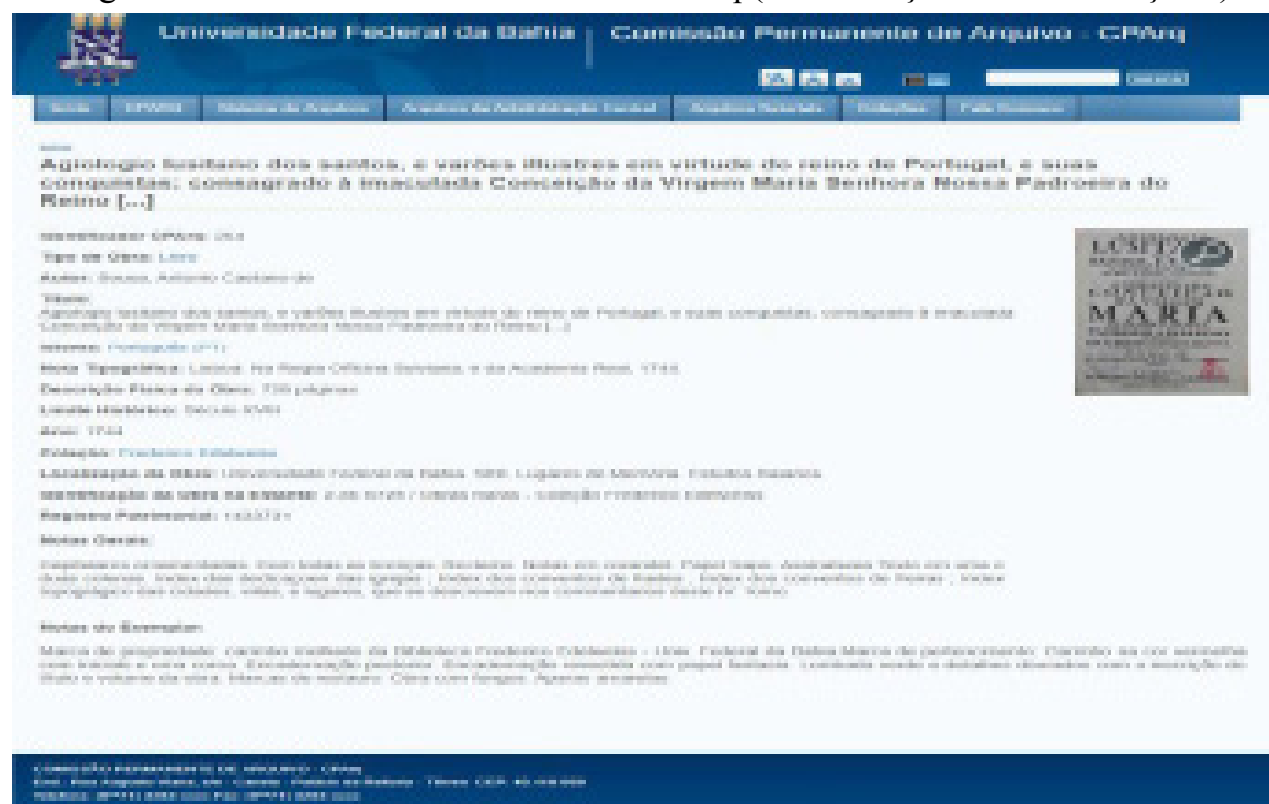
Figura 3: Interface Gráfica do Sistema PERGAMUM (Visualização da DESCRIÇÃO)

[illegible]

Fonte: Sistema Pergamum –SIBI/UFBA <http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php>

O sistema CParq (Figura 4), utilizando a ferramenta Drupal, foi idealizado com o propósito de ser um banco de dados com diferentes registros de documentos textuais, gravuras, quadros, esculturas, entre outros, garantindo-lhes a preservação e livre acesso ao patrimônio cultural e institucional da UFBA. Na base foram catalogadas as informações referenciais e adicionais, os metadados e, disponibilizados as imagens digitais das folhas de rosto das obras raras da coleção Frederico Edelweiss. (TOUTAIN; RIBEIRO 2017).

Figura 4: Interface Gráfica do Sistema CParq (Visualização da DESCRIÇÃO)



Fonte: CParq - Comissão Permanente de Arquivo/UFBA, 2016. <https://cparq.ufba.br/obras-raras>

Considerações Finais

A coleção especial de uma instituição universitária, em razão do valor cultural e institucional, poderá cooperar com a preservação e o resgate da memória social de uma nação. Para tanto, fundamental é o compromisso do profissional da informação, no sentido de elaborar a descrição e a representação da informação nos padrões internacionalmente previstos na International Standard Bibliographic Description – ISBD (IFLA, 2007), nos Princípios de Catalogação de 2009 (DECLARAÇÃO..., 2009) e no código Resource Description and Access - RDA, (RDA..., 2009).

A adoção de normas permite: o intercâmbio da mensagem catalográfica entre instituições documentais no mundo, o que amplia as alternativas de escolha pelos usuários e auxilia outros profissionais; consistência sintática e semântica do registro bibliográfico, o que facilita o reconhecimento dos sinais e sua compreensão, pelo uso de linguagem comum (MEY; SILVEIRA, 2010, p.135).

Portanto, ao implementar o processo de representação e descrição da informação das obras raras e valiosas da coleção Frederico Edelweiss, a Coordenação de “Lugares de Memória” teve como meta não só beneficiar a comunidade acadêmica da Universidade Federal da Bahia, mas também estudantes, pesquisadores e grupos de pesquisa de várias áreas do conhecimento e do mundo.

Em suma, este trabalho de base qualitativa possibilitou a preservação patrimonial e divulgação de informações sobre as obras raras e valiosas dos séculos XVI ao XVIII do espaço informacional Estudos Baianos “Lugares de Memória” da UFBA, por meio de catálogos online que possuem dupla função, uma como instrumento de pesquisa e outra como fontes de bibliografia especializada, permitindo obter informações e conhecer essas obras sem a necessidade de acessar os documentos fisicamente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. **Bibliotecas, bibliofilia e bibliografia**: alguns apontamentos. *INCID: Revista de Documentação e Ciência da Informação*, v. 7, p. 183-201, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/41707>. Acesso em: 18 de fev. 2019.
- COSTA, Ivani Di Grazia; NAPOLEONE, Luciana Maria. **Bibliotecas particulares e coleções especiais**: diferentes perspectivas. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/32/2-Costa%20y%20Napoleone%20-%20ponencia.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2019.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A política do livro antigo no exterior e no Brasil. *BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 2, p. 95-103, 1987. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000000035/328922e452f3e715a5c470cc67bbd7d5>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- DECLARAÇÃO de princípios internacionais de catalogação. Trad. de Lídia Alvarenga e Márcia Milton Vianna. IFLA, 2009. versão online. Disponível em: www.ifla.org/files/cataloguing/icp/icp_2009-pt.pdf. Acesso em: 4 jul. 2019.
- EDELWEISS, Frederico G. **O nascimento de uma biblioteca**. Salvador, 1974, 6 p. (Documento datilografado).
- IFLA. Cataloguing Section. **International Standard Bibliographic Description (ISBD)**: preliminary consolidated edition. München: K.G. Saur, 2007. Disponível em: <http://www.ifla.org/publications/international-standard-bibliographic-description>. Acesso em: 4 jul. 2010.
- MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofoletti. Considerações teóricas aligeiradas sobre a catalogação e sua aplicação. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 125-137, 2010. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/12/pdf_4520d684ee_0014017.pdf. Acesso em: 4 jan. 2019.
- PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- PINHEIRO, Ana Virginia. A biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, v.5, p. 45-50, jan./dez. 1990. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/00000003576/4826a95f5dc523febad8c1a9387fae9f/>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- PINHEIRO, Ana Virginia. Metodologia para Inventário de acervo antigo. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. 123, p. 9-31, 2003. Disponível em: http://planorweb.bn.br/documentos/anais_123_2003.pdf. Acesso em: 18 maio 2018.
- RDA: resource description and access: full draft of RDA. JSC/RDA, 2009 [last update]. Disponível em: <http://www.rda-jsc.org/rdafulldraft.html>. Acesso em: 4 jul. 2010.
- REGLAS de catalogación. Madrid: Dirección General del Libro y Bibliotecas, 1985- 1988. 2v.
- SENA, Consuelo Pondé de. Centro de Estudos Baianos: elementos para sua história. Universitas. *Revista da Universidade Federal da Bahia*, Salvador, n. 33, p. 41-58, jul./set. 1985.
- SUNDSTRÖM, Admeire da Silva Santos SILVA, Hugo Oliveira Pinto. Catalogação de obras raras: análise das perspectivas bibliográfica e bibliológica. *Revista Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 111-133, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/download/14580/11222>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- TOLENTINO, Vinicius de Souza; ORTEGA, Cristina Dotta. A descrição sob o ponto de vista da catalogação, da

bibliografia e da catalografia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 21, n. 46, p. 2-18, mai./ago., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/40918>. Acesso em: 12 fev.2019.

TOUTAIN, Lídia Brandão; LIMA, Ana Maria Cerqueira; RIBEIRO, Maria Alice Santos. Política de preservação, conservação e restauração: patrimônio artístico e literário da UFBA. **Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.**, Campinas (SP), v.14, n.3, p.368-386, set/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8646334>. Acesso em: 16 fe. 2019

TOUTAIN, Lídia Maria Brandão; RIBEIRO, Maria Alice Santos. A pesquisa nos “Lugares de Memória”: preservação da memória da UFBA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18. 2017.

Marília (SP) **Anais...** UNESP, 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENCIBpaper/view/314>. Acesso em: 10 fev. 2019.

OBRAS RARAS COMO CORPUS PARA ANÁLISE DE TERMOS: relações de equivalência entre termos correntes e termos anacrônicos

Mozart Teixeira Braga

Graduado em Biblioteconomia pela Universidade de
Brasília e bibliotecário do INEP - Instituto Nacional de
Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Thomas Félix Sousa Nizio

Graduado em Museologia pela Universidade
de Brasília e em História pela UPIS-DF
e historiador do INEP – Instituto Nacional
de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Tiago de Almeida Silva

Graduado em Biblioteconomia e Ciências
Econômicas pela Universidade de Brasília
e bibliotecário do INEP – Instituto Nacional
de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Resumo

Demonstra, no âmbito de uma estrutura típica de vocabulários controlados, as possíveis relações de equivalência entre termos correntes com seus equivalentes anacrônicos. Este exercício propõe princípios a serem aplicados no acervo de Obras Raras do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e composto por aproximadamente 1.100 títulos, no sentido de demonstrar logicamente os tipos de relação de equivalência apresentadas. É proposta uma breve teoria formalizada de primeira ordem (axiomatizada), onde estabelecem-se os termos ordenados entre termo, conceito e qualificador, bem como revisão de literatura sobre a recuperação da informação mediante representação por assunto, com base em Lancaster e Hjørland. São demonstradas equivalências entre termos onomásticos e assuntos tópicos. Abordam-se os conceitos de equivalência forte e equivalência fraca, Discute-se a possível aplicação de tais equivalências na obtenção de maior precisão, com especial consideração às pesquisas historiográficas e bibliométricas.

Introdução

Nas palavras de Abbagnano, memória consiste em uma “possibilidade de dispor de conhecimentos passados” (2007, p. 657). Tal pluralidade de conhecimentos passados corresponde a um grande corpo heterogêneo de elementos dispostos, a priori, de modo caótico, indistinto. A recuperação de partes específicas dessa heterogeneidade pressupõe, portanto, um trabalho de sistematização ou de organização, o que remete ao conceito de memória descrito por Cunha e Cavalcanti, relacionado mais diretamente a aparatos de “registro, conservação e restituição de dados”, tais como “fichas, arquivos e recuperação automática da informação” (2008, p. 243).

Considerando tais princípios, esta pesquisa busca demonstrar a utilidade da formalização, registro e emprego de termos anacrônicos extraídos de Obras Raras (ORs) em relações de equivalência, considerando a Recuperação da Informação (RI) e a representação de assuntos conforme explicadas por Hjørland (1997). As proposições aqui expostas consideram amplamente as estruturas relacionais tipicamente encontradas em vocabulários controlados, tal como exposto por Harpring (2016).

O acervo de obras raras considerado na pesquisa é o do Centro de Informação e Biblioteca em Educação - Cibec, localizado no prédio do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e composto por aproximadamente 1.100 títulos, abrangendo várias áreas da Filosofia, Literatura, História, Educação e disciplinas afins.

As obras encontram-se disponíveis em português, inglês, francês, espanhol e latim, além de um vocabulário *nheengatu*. Pretende-se ainda destacar a importância em se conhecer e conservar acervos de obras raras como o do Cibec, como modo não apenas de preservar o conhecimento já existente, como também garantir a continuidade de inúmeros tipos de pesquisa, em particular as voltadas para a história da educação no Brasil e no mundo.

Recuperação da Informação e a representação de assuntos

De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p.35), o assunto de determinado documento pode ser “qualquer conceito, ou combinação de conceitos”. Hjørland (1992) aponta que, em geral, as definições encontradas a esse respeito são mais tácitas do que algo sistematizado; posteriormente, propõe uma diferenciação entre abordagens, uma voltada a documentos e outra a solicitações (Hjørland, 2016). Já Broughton, voltando-se especificamente a tesouros (2006, p. 71) destaca que o emprego de palavras na indexação e recuperação impõe que se estabeleçam termos preferidos, a fim de gerenciar fenômenos linguísticos e evitar ruídos. Os termos inadequados para indexação (não-preferidos) operam, com os termos preferidos, as chamadas relações de equivalência (op. cit.).

Entre dois termos quaisquer, observam-se equivalências que podem ser intra idiomáticas (p. ex., na sinonímia) e inter idiomáticas (estabelecidas através de traduções de um idioma para outro). Adicionalmente, Hilgert (2006, p. 290-291) diferencia equivalências fracas e equivalências fortes de acordo com a medida observada de identidade semântica entre diferentes enunciados.

Em Recuperação da informação (RI), relações de equivalência são empregadas em vocabulários controlados, como tesouros, a fim de registrar certas ocorrências, tais como sinonímias, variações lexicais e alterações de nomes históricos (HARPRING, 2016, p. 53- 58). Tais relações, normalmente, são simbolizadas pelas siglas UP ou UF (respectivamente, “usado para” e “used for”) e USE ou SEE, antecedendo os termos preferidos e não preferidos, respectivamente (op. cit., p. 284).

Considerando a frequência com a qual se observa diferenças entre textos mais correntes com obras raras, como seria possível estabelecer equivalências entre termos arcaicos e correntes? Em discussões sobre a conceituação de termos em acervos arquivísticos, culturais e históricos, autores têm debatido a questão “anacrônica” do uso de termos gerais de vocabulários controlados para estes acervos específicos e o risco na falha da recuperação da informação destes casos. A fim de fundamentar melhor o emprego das chamadas alterações em nomes e estruturas históricas, considera-se um conceito muito debatido em História, o *anacronismo*.

Anacronismo

Podemos inicialmente apresentar que Anacronismo é uma expressão ou conceito abordado na historiografia quando um termo, um local ou estrutura (política, econômica e social) é erroneamente definida ou interpretada diante de um texto, pesquisa ou representação histórica. Muito se tem debatido sobre anacronismo na historiografia, mas apesar das variantes desse debate, a discussão nas últimas décadas tem levado a compreender o anacronismo não mais como um erro e sim algo a ser compreendido como parte do “fazer histórico”. Lucien Febvre, historiador da Escola dos Annales foi referência na discussão ao tratar o anacronismo como o “pecado” do historiador e algo “diabólico” a ser evitado, mas em contraponto a negação a esta definição foi defendida pelo trabalho de Jacques Rancière (1996), “O conceito de anacronismo e a verdade do historiador”. O autor defende que o anacronismo como conceito que remete ao erro precisaria ser rejeitado já que a análise da diversidade de temporalidades de um agente histórico é comum na historiografia e, da mesma maneira, é um exercício de anacronismo:

O conceito de anacronismo é anti-histórico porque oculta as condições mesmas de toda historicidade. Há história na medida em que os homens não se “parecem” com seu tempo, na medida em que eles agem em ruptura com “seu” tempo, com a linha de temporalidade que lhes põe em seu lugar e lhes impõe fazer de seu tempo tal ou qual “emprego” (RANCIÈRE, 1996, p. 66).

Preconizar o anacronismo como um erro ou “pecado” do historiador é argumentado por José D’Assunção de Barros (2017) ao esclarecer os erros de compressão de estruturas e conceitos históricos em exercícios que ele analisa como uma leitura de “ontem para hoje”, e a de “hoje para ontem”, em que contextos e estruturas do tempo passado podem ser trazidos erroneamente pela interpretação do presente, como também o uso de um contexto do presente para caracterizar uma estrutura ou evento do passado. Entretanto, o anacronismo é discutido na historiografia mais como um instrumento de compreensão do próprio historiador em seu lugar de produzir histórias, sem ingenuidade ou erros, mas com intenções claras para codificar o tempo do agente histórico num passado legível para o presente.

Maria Bernadete Flores (2014, p. 440.) se baseia na defesa de Rancière para argumentar o uso do anacronismo como instrumento da ciência histórica: A “anacronia” de uma palavra, de um acontecimento, de uma série de significados que permitem direções, saltos ou conexões temporais, é o que dá sentido ao “fazer histórico”. Portanto o anacronismo torna-se instrumento do fazer histórico ou da operação historiográfica, esta ação compreendida por Certeau (1982) como exercício do historiador de pesquisar, interpretar e narrar os eventos do tempo histórico para ser tornar um “passado”. O autor afirma que na prática da operação historiográfica existe uma mutação do tempo histórico, este que é natural, sem limitações, e com durações variáveis. O historiador transforma este tempo passado criando sistemas, códigos, cifras e uma narrativa para que o tempo histórico se torne um “passado” compreensível e narrado pela percepção “presente” do historiador e do leitor. Colocando em paralelo com as afirmações de Rancière, a Operação historiográfica contém elementos de anacronismo. Portanto, compreender as diferenças semânticas, temporais, contextuais, as estruturas políticas e relacionar termos em desuso com termos presentes para garantir a interpretação e a pesquisa é uma ferramenta e trabalho do historiador como também do cientista da informação, o bibliotecário.

Como então seria possível usar o anacronismo como instrumento de Indexação, RI e Corpus de um Vocabulário Controlado? Para este estudo, propõe-se apresentar que há relações de ideias e conceitos de trabalhos escritos no passado com o tempo presente, as quais podem ser de compreensão, assimilação e discordância. Igualmente se propõe que conceitos do passado e do presente estejam relacionados em suas diferenças e semelhanças para a busca da informação mediante instrumentos da biblioteconomia. Propor que estes termos possam ser encontrados e relacionados através de seu tempo histórico é um exercício de uso de anacronismo como instrumento para uma indexação precisa das Obras Raras do Cibec, que são fragmentos do passado na história da educação, como também é um exercício de busca da informação em sua variedade temporal e espacial.

Uma teoria do tesouro em Cálculo de Predicados de Primeira Ordem

Para analisar as relações de termos antiquados e correntes em coleções históricas como as de Obras Raras precisamos observar uma “teoria do tesouro” para compreender suas relações ontológicas. Os termos descritores de um tesouro se constituem, cada um, em unidades que podem ser descritas em uma função de par ordenado de termo designante e conceito, onde o conceito delimita o significado exato do termo designante, do modo como se segue:

$$\{ \langle \text{termo}, \text{conceito} \rangle \mid \text{conceito} = \text{o significado do termo} \}$$

Considerando que em muitos casos se faz necessário a inserção de qualificadores no termo descritor, com vistas a delimitar seu escopo com maior precisão, pode-se expandir o par ordenado, tornando-o em uma função de termo ordenado:

$$\{ \langle (\text{termo}, \text{conceito}), \text{qualificador} \rangle \mid \text{qualificador} = \text{o escopo de } (\text{termo}, \text{conceito}) \}$$

O termo, portanto, adquire significado em função do conceito, na mesma medida em que o qualificador opera em função do par ordenado entre termo e conceito:

$$f(\text{termo}) = \text{conceito} \text{ e } f(\text{qualificador}) = (\text{termo}, \text{conceito})$$

Seguindo adiante, considera-se que cada termo descritor, em sua estrutura interna em forma de par ou terno ordenado, é formulado a partir de uma linguagem, que descreve um número X de termos designantes, um número Y de conceitos e um número Z de qualificadores, que combinados entre si, formam os termos descritores propriamente ditos, posteriormente empregados na indexação das obras raras. Tal linguagem acomoda, ainda as possíveis relações entre termos descritores: hiperonímia ou Termo Geral (TG), hiponímia ou Termo Específico (TE), equivalência ou Usado Para (UP) e Use (USE), termos relacionados de forma não-hierárquica (TR), bem como a propriedade “x é um termo” (T):

$$\{\text{tesouro} = \{\text{termo1}, \text{termo2}, \text{termo3} \dots \text{termoX}, \text{conceito1}, \text{conceito2}, \text{conceito3} \dots \text{conceitoY}, \text{qualificador1}, \text{qualificador 2} \dots \text{qualificadorZ}, \text{TG}, \text{TE}, \text{UP}, \text{USE}, \text{TR}, \text{T}\}$$

$$\beta = \langle \text{U}, \text{I} \rangle$$

$$\text{U} = \{\text{termo1}, \text{termo2} \dots \text{termoX}, \text{conceito1}, \text{conceito2} \dots \text{conceitoY}, \text{qualificador0}, \text{qualificador1}, \text{qualificador2},$$

qualificador3... qualificadorZ}, dado que o tesouro possui X termos, correspondentes a Y conceitos, que por sua vez lhes têm atribuído Z qualificadores, sendo que $q_n \neq \emptyset$ esse $n > 0$.

$$\begin{aligned} I(\text{termo1}) &= t1 \quad I(\text{termoX}) = tX \\ I(\text{conceito1}) &= c1 \quad I(\text{conceitoY}) = cY \\ I(\text{qualificador1}) &= q1 \quad I(\text{qualificadorZ}) = qZ \\ I(T) &= \{ \langle (tn, cn), qn \rangle \} \end{aligned}$$

Equivalência histórica entre termos

Como proposta de exercício em termos históricos encontrados em Obras Raras podemos observar as relações de equivalência a serem abordadas para este tipo de acervo. Consideramos inicialmente apresentar a fórmula matemática para equivalências modulares:

$$a \equiv b \pmod{n}$$

Numa descrição sucinta desta fórmula, um termo “x” pode ser tido como equivalente a um termo “y” se tomado como módulo um conceito que ambos compartilhem dentro de seus respectivos pares ordenados. Portanto, para breve análise apresentamos o termo onomástico “Bartolomeu Bueno” encontrado na indexação de uma publicação das Obras Raras do INEP. Este possui uma grafia contemporânea em sua descrição, mas na própria publicação o termo está numa grafia antiquada. Esta diferenciação gráfica precisaria ser definida para auxiliar na RI diante de usuários que diferenciam estes termos como também outras terminologias que possuam grafias em desuso. Neste caso, para considerarmos que $t1 = \text{“Bartolomeu Bueno”}$ e $t2 = \text{“Bartholomeu Bueno”}$ (FREITAS, 1936) e que ambos se dão em um par ordenado com $c1 = \text{“Bartolomeu Bueno da Silva, nascido em Santana de Parnaíba, 1672 e falecido em Vila Boa de Goiás, 1740”}$, do seguinte modo:

$$\{ \langle t1, c1 \rangle \mid c1 = \text{o significado de } t1 \} \quad \{ \langle t2, c1 \rangle \mid c1 = \text{o significado de } t2 \}, \text{ então: } t1 \equiv t2 \pmod{c1}$$

O que equivale a afirmar que “ $t1$ e $t2$ são equivalentes por simbolizarem o mesmo conceito $c1$ ”.

O mesmo princípio demonstrado acima em uma instância de termo onomástico (Bartolomeu Bueno da Silva) pode ser aplicado em outros tipos de termo, como os de assunto tópico. Considere que no exemplo supracitado, $t1$ corresponda a “Ensino Médio” e $t2$ corresponda a “Segundo Grau”, sendo $c1$ o “período escolar que compreende “a última etapa da educação básica no Brasil”. Mantendo a fórmula de equivalência modular citada anteriormente, temos que “Ensino Médio” e “Segundo Grau” são equivalentes, ou seja, dizem respeito a um período cronológico similar da educação básica, apesar de passarem por contextos políticos, históricos e estruturais diferentes. Estas diferenciações históricas teriam que passar não somente pelas relações de equivalência conceitual, mas também seriam vinculadas por notas históricas inscritas aos termos de vocabulário. Desta maneira, a fórmula neste aspecto aparenta limitante no sentido de que apenas termos mais genéricos ou mais amplos poderiam ser alocados numa prática de equivalências de termos por sua variação lexical, sinônimos ou variações históricas entre termos correntes e em desuso. Pode-se perceber que o anacronismo entre os termos citados se equipara ao apresentado pela historiografia e é verificado como instrumento de diferenciação para uma operação de indexação e recuperação da informação.

Bibliometria

Neste aspecto a bibliometria é um instrumento métrico que não baseia sua análise no conteúdo da publicação, sendo o objeto de estudo a quantidade de vezes em que os respectivos termos aparecem nas publicações ou a quantidade de publicações contendo os termos rastreados. Possibilita assim a exploração, organização e análise de grandes quantidades de dados que, se não avaliados corretamente com o auxílio de métodos estruturados, não geraria resultados para a tomada de decisões. Os estudos em bibliometria tem origem nos esforços de Lotka (1926), Bradford (1934), Zipf (1949) e outros autores que julgavam que a criação do conhecimento é personificada por meio da produção científica.

Em bibliometria, ou revisão integrativa de literatura, a exatidão caracteriza-se nas decisões relacionadas a forma da pesquisa e no atendimento às proposições de todos os métodos escolhidos. As revisões de literatura, termo escolhido para abarcar estudos quantitativos e qualitativos, devem justificar, com clareza, sua relevância ao leitor.

A bibliometria contempla várias abordagens de pesquisa científica que utilizam regras estatísticas que procuram por meio da mensuração compreender alguns aspectos relacionados à comunicação científica. Essas técnicas perpassam

a mera contagem de publicações ou da aplicação de técnicas estatísticas mais refinadas como a mineração textual. As leis de Lotka, Bradford e Zipf tiveram grande influência nas técnicas aplicadas nos estudos bibliométricos.

A respeito dessas leis bibliométricas, Vanti (2002, p. 153) aponta:

A lei de Lotka, ou lei do Quadrado Inverso, aponta para a medição da produtividade dos autores, mediante um modelo de distribuição tamanho-frequência dos diversos autores em um conjunto de documentos. A lei de Zipf, também conhecido como Lei do Mínimo Esforço, consiste em medir a frequência do aparecimento das palavras em vários textos, gerando uma lista ordenada de termos de uma determinada disciplina ou assunto. Já a lei de Bradford, ou Lei de Dispersão, permite, mediante a medição da produtividade das revistas, estabelecer o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto em um mesmo conjunto de revistas.

As técnicas bibliométricas nos permitem identificar o crescimento do conhecimento em determinada área; estudar a obsolescência da literatura científica; mensurar a produção individual de autores e organizações; analisar processos de citação/co-citação; determinar o desempenho de sistemas de recuperação da informação; aferir aspectos estatísticos da linguagem, palavras e frases; avaliar os usos dos documentos nos centros de informação e medir o crescimento e criação de novos temas. Para fins deste artigo foram utilizados os estudos bibliométricos no que concernem os estudos realizados por Zipf para analisar o conteúdo do conjunto de documentos textuais a fim de analisar a frequência de anacronismos.

Para a construção do corpus foram selecionadas Obras Raras, em língua portuguesa brasileira, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, selecionando a área educacional como assunto de estudo. Sobre o corpus selecionado analisou-se a aplicação das leis e princípios da bibliometria, aplicando as leis de Zipf e Goffman, pois possuem foco voltados para a frequência das palavras do texto possibilitando assim um melhor estudo dos anacronismos existentes.

A lei de Zipf, ou Lei do Mínimo Esforço, consiste em mensurar a frequência de ocorrência das palavras, elaborando assim uma lista ordenada de termos. O interesse de Zipf em analisar a alta e a baixa quantidade de ocorrências ao apresentar a Primeira lei de Zipf inferindo sobre as palavras que possuem alto número de repetições e a Segunda lei para baixa repetição, esta última aprimorada por Booth, é demonstrado por Mamfrim (1991). Esta lei opera sobre as palavras que são repetidas inúmeras vezes produzindo uma relação entre a frequência em quem cada palavra ocorre e sua posição na lista ordenada segundo sua frequência de ocorrência. Zipf observou uma constante (c) formada pelo produto da ordem de série das palavras (r) por sua frequência (f). Tem-se o seguinte:

$$c = r.f$$

A baixa frequência das palavras tratada na Segunda lei de Zipf-Booth pode ser obtida utilizando a expressão matemática onde L1 equivale ao número de palavras que têm frequência igual a um; Ln sendo o número de palavras com frequência n; e sendo o número 2 (dois) uma constante atribuída à língua inglesa.

$$\frac{L1}{Ln} = \frac{n(n+1)}{2}$$

Para documentos em língua portuguesa, após as devidas alterações, tem-se:

$$\frac{L1}{Ln} = \frac{n(n+1)}{9}$$

De acordo com Pao (1979) apud Mamfrim (1991), Goffman constatou a necessidade de um ponto de transição entre as palavras com alta e baixa frequência. Neste ponto seriam encontradas as palavras que representam o conteúdo temático do texto. Apresentada por Guedes (1994) a fórmula do ponto de transição de Goffman, tem-se:

$$n = \frac{-1 \pm \sqrt{1 + 8L1}}{2}$$

O valor n representa o número que separa as palavras de alta frequência das palavras de baixa frequência no documento (Ponto de Transição (T) de Goffman). O $L1$ refere-se ao número de palavras que têm frequência igual a um e o número 2 (dois), constante atribuída à língua inglesa. Em documentos de língua portuguesa este valor é substituído pelo número 9 (nove), como representado abaixo.

$$n = \frac{-1 \pm \sqrt{1 + 36L1}}{9}$$

Logo, existe uma determinada região ao redor de n que possui maior probabilidade de concentrar as palavras de alto conteúdo semântico, ou seja, aquelas que seriam utilizadas para a indexação de um texto em questão (GUEDES; BORSCHIVER, 2005).

Exemplificando a aplicação do conceito do Ponto de Transição (T) de Goffman, propõem-se a seguinte hipótese: utilizando como material de pesquisa as Obras Raras, em língua portuguesa brasileira, do Centro de Informação e Biblioteca em Educação – Cibec, em determinada pesquisa bibliométrica tomando-se o termo “ensino médio”, o resultado da equação mencionada acima ter sido $n = 13,34$. Dessa forma, a 13ª palavra (realizando-se o arredondamento simples de n) organizada pela listagem de distribuição das frequências de ocorrências de forma decrescente seria exatamente ela. Contudo, é provável que outras palavras tenham a mesma frequência da 13ª (por exemplo a 12ª, 13ª, 14ª palavras com a mesma frequência de ocorrência), o Ponto de Transição (T) de Goffman seria a 13ª palavra e a região seria composta pelas palavras que possuem a mesma frequência da ocorrência.

O Ponto de Transição (T) de Goffman é resultado da Primeira Lei de Zipf e da Lei de Zipf-Booth, sendo assim, para encontrá-lo é necessário a aplicação da equação $c = r.f$ (Primeira Lei de Zipf) para organizar os termos do texto ou conjunto de textos que estão sendo analisado por ordem decrescente de frequência de ocorrência.

Na análise das Obras Raras, as palavras que possuíam o mesmo significado, mas estavam repetidas no plural e no singular, foram unificadas de modo que não existissem significados repetidos que comprometessem as análises posteriores. Após a filtragem de termos, foram mapeadas 426 palavras-chaves únicas e exclusivas e, em seguida, foi promovida a tabulação correspondente. Das 426 palavras-chaves mapeadas, 102 (23,94%) foram incluídas apenas uma única vez. Além disso, outros 227 termos (53,28%) foram citados apenas duas vezes. Dessa forma, 77,22% das palavras-chaves utilizadas nas Obras Raras foram citadas uma ou duas vezes.

Nas Obras Raras que serviram como objeto de estudo para este artigo foram encontradas 426 palavras-chaves, com diferentes níveis de frequência. Para a aplicação da Primeira Lei de Zipf e do Ponto de Transição (T) de Goffman foi excluída a palavra “educação”, tendo em vista que o termo não chega a designar um tema específico ou um assunto na área de educação, funcionando como um termo facilitador da indexação, resultando assim em 425 palavras-chaves para os efeitos de teste.

Aplicando-se a equação da Primeira Lei de Zipf, com o objetivo de complementar a análise bibliométrica dos dados obtidos, o Ponto de Transição (T) de Goffman foi calculado conforme a equação:

$$n = \frac{-1 + \sqrt{1 + 36(102)}}{9}$$

$$n \cong 6,62$$

Conclui-se que a 6ª palavra-chave é o Ponto de Transição (T) de Goffman, ou seja, todas as palavras-chaves que possuem a mesma frequência de ocorrência encontram-se nesta região. Segundo Goffman, essa região tem a característica de concentrar as palavras de maior conteúdo semântico servindo como objeto de indexação do texto ou conjunto de textos.

É possível perceber uma relação muito forte entre o processo de indexação e o serviço de RI, na medida em que há um aperfeiçoamento na realização da indexação, ocorre automaticamente uma maior qualidade e eficácia na RI, já que os descritores selecionados constituem pontos de acesso ao respectivo documento. Nesse aspecto, para tornar a indexação automática cada vez mais eficiente melhorando desta forma a RI, a bibliometria dispõe de ferramentas para a seleção automática de descritores, como apresentado nos exemplos, utilizando a fórmula do Ponto de Transição (T) de Goffman.

Considerações finais

Buscou-se explicitar os desafios que estão envolvidos na realização da análise do conhecimento tipicamente

contido em obras raras, bem como os usos referentes à linguística, historiografia e bibliometria, enquanto se propõem princípios possíveis de serem inseridos em operacionalização relativa à indexação e pesquisa automatizada de assuntos contidos em obras raras. Constatou-se que para fins de RI e representação de assunto, é possível acomodar relações de equivalência entre termos correntes e anacronismos em estruturas lógicas, operáveis por máquina.

Os estudos abordados propõem um exercício de uma teoria do tesouro diante dos anacronismos encontrados em termos indexadores nas Obras Raras do INEP e exemplificados neste trabalho, como também utilizar suas relações de equivalência para uma RI aplicável.

Os estudos bibliométricos têm alcançado resultados que possibilitam uma compreensão da RI auxiliando o planejamento, organização e gerência de sistemas de informação possibilitando a análise de termos com maior conteúdo semântico e com características de indexação do tema ao qual estão ligados o conteúdo temático do documento.

Dessa forma os indicadores existentes evidenciam benefícios na análise e avaliação nos diversos campos do conhecimento propiciando uma maior apropriação dos fundamentos bibliométricos pelos pesquisadores, despertando seu interesse a tal ponto em que pesquisas vem crescendo amplamente.

Avaliação e estratégias são um processo continuado para resultados e novas análises na área da Indexação e disseminação do conhecimento em bibliografia voltada à Educação. Adicionalmente, verificou-se que as Obras Raras compõem um rico corpus terminológico, devido às variações observadas nos termos que tal corpus contém e configuradas a partir da evolução natural do processo histórico dos termos e da linguagem, o que oferece possibilidades para futuras pesquisas em RI voltadas às necessidades de informação específicas de pesquisadores, em particular daqueles interessados em História da Educação.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. [5. ed.]. São Paulo: Martins Fontes, 2007. xiv, 1210 p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p.11-32, 2006. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewFile/3707/3495>>. Acesso em: 10 de mar. 2019.
- BARROS, José D'Assunção. Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. **Ler História**, v. 71, p. 155-180, 2017.
- BROUGHTON, Vanda. **Essential thesaurus construction**. London: Facet Publishing, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CORTEZ, Paulo. **Some scholarly communication guidelines**: teaching report. Guimarães, Portugal: Department of Information Systems of University of Minho, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/11599>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet De Lemos, 2008.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Elogio do anacronismo: para os andróginos de Ismael Nery. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 414- 443, dez. 2014.
- FREITAS, Affonso A. **Vocabulário nheengatú**: (vernaculizado pelo português falado em São Paulo): (lingua tupi-guarani). São Paulo: [s.n.], 1936. (1868-1930).
- GUEDES, V. Estudo de um critério para indexação automática derivativa de textos científicos e tecnológicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 318- 326, set./dez. 1994.
- HARPRING, Patricia. **Introdução aos vocabulários controlados**: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado: Pinacoteca de São Paulo: ACAM Portinari, 2016.
- HILGERT, J. G. A paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. (v. 1).
- HJØRLAND, Birger. **Information seeking and subject representation**: an activity- theoretical approach to information science. Westport: Greenwood Press, 1997.
- HJØRLAND, Birger. Subject (of Documents). **Knowledge Organization**. v. 44, n. 1., p. 55-64, jan. 2017.
- MAMFRIM, F., COELHO, B. A. S. Indexação automática derivativa: um estudo com o Ponto T. Rio de Janeiro, 1988. 25p. Trabalho não publicado apresentado à disciplina de Bibliometria da ECO/UFRJ.
- MARZIALE, Maria Helena P.; MENDES, Isabel Amélia C. O fator de impacto das publicações científicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, p.466-471, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n4/13356.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- PAO, M. L. Automatic text analysis based on transistion phenomena of word occurencies. **JASIS**, v. 29, n. 3, p. 121-124,1979.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó-SC: Argos, 2011, p. 21-49.

SANCHO, Rosa. Indicadores bibliométricos utilizados en la evaluación de la ciencia y la tecnologia: revisión bibliográfica. **Revista española de documentación científica**. Barcelona:, v. 13, n. 3-4, p. 842-865, 1990. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=648486>>. Acesso em 10 mar. 2019.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 31, n. 2, p.152-162, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12918.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CATÁLOGO DE GRAVURAS DE INDÍGENAS NO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL: uma proposta de Iniciação Científica

Fábio Frohwein de Salles Moniz
professor doutor da
Faculdade de Letras- UFRJ
fabiofrohwein@gmail.com

Raysa Ortiz Blyth
graduanda em História da Arte
pela Escola de Belas Artes - UFRJ
raysablyth@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa de Iniciação Científica “Catálogo de gravuras de indígenas no acervo da Biblioteca Nacional”. A pesquisa partiu do pressuposto de que um catálogo de itens dessa natureza é de suma importância para um determinado setor da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com fontes primárias sobre índios no território brasileiro, seja para fins de tratamento dessas fontes (catalogação, descrição etc.), seja para busca, localização e consulta das mesmas. No primeiro ano de pesquisa, trabalharemos com um recorte de obras do séc. XVI, pelo fato de serem as primeiras impressões no Ocidente a disporem de representações imagéticas do corpo e dos hábitos indígenas, representações essas produzidas a partir do olhar europeu. Metodologicamente, a pesquisa estrutura-se em três etapas: 1) levantamento, reprodução e catalogação das gravuras de temática indígena no acervo das divisões de Obras Raras e de Iconografia da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); 2) levantamento bibliográfico de informações fundamentais para a pesquisa como a biografia dos gravuristas identificados, seus respectivos contextos históricos e principais obras. Nesta apresentação, exibiremos e comentaremos algumas gravuras de Théodore de Bry (1528-1598), que retratou, na obra *Americae tertia pars memorabile provinciae Brasiliae historiam continens* (1592), cenas do ritual de canibalismo dos índios tupinambás na então colônia portuguesa. Além do catálogo de gravuras propriamente dito, tencionamos, como produto final, a elaboração de notas de conteúdo que serão inseridas nas fichas catalográficas das obras raras abrangidas por esta pesquisa, para fins de otimização de suas descrições na base on-line da FBN. Nossa proposta é um desdobramento do projeto de Extensão “Os clássicos no acervo de obras raras da Biblioteca Nacional”, desenvolvido em acordo interinstitucional entre a Faculdade de Letras da UFRJ e a FBN.

Introdução

Esta apresentação objetiva divulgar a pesquisa “Catálogo de gravuras de indígenas no acervo da Biblioteca Nacional: uma proposta de iniciação científica”. A proposta justifica-se pelo fato de que os itens dessa natureza são de suma relevância para pesquisadores e profissionais que lidam com fontes primárias sobre índios compreendidos no que se considera atualmente o território brasileiro, seja para fins de tratamento dessas fontes (catalogação, descrição etc.), seja para busca, localização e consulta das mesmas. A pesquisa desdobrou-se do projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, coordenado pelo prof. dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz e realizado na Fundação Biblioteca Nacional.

Pelo fato de a proposta relacionar-se diretamente com a Extensão Universitária, torna-se imprescindível tratar, primeiramente, de questões fundamentais da ação extensionista. Na América Latina, a ideia de Extensão Universitária surgiu a partir do Manifesto de Córdoba (1918), fruto de uma insatisfação com o método docente tradicional. O manifesto propunha que a universidade dialogasse mais com a sociedade e se desenvolvesse como um centro de estudos de excelência voltado para os grandes problemas nacionais. No Brasil, a princípio, isso ocorria como ações isoladas e não integradas ao ensino e à pesquisa. O primeiro passo para um conceito de extensão mais próximo do atual ocorreu a

partir de 1975, por influência das ideias de Paulo Freire, expressas em *Extensão ou Comunicação?* (1968). Nesse livro, o educador define que a ação extensionista deve ser responsável pela troca entre os saberes populares e acadêmicos. Portanto, a Extensão implica que o saber popular seja, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da ação extensionista (FREIRE, 1968).

As ideias de Paulo Freire adicionaram, ao conceito de Extensão, dois novos elementos: a noção de relação entre Ensino, Pesquisa e Extensão e de interlocução entre universidade e sociedade. Essa ressignificação de conceito abriu margem para que houvesse equívocos quanto ao sentido do termo Extensão, tais como messianismo, assistencialismo, substituição da responsabilidade do poder público para com a população, bem como a concepção de um movimento unilateral e de invasão cultural.

Mas, como a Extensão é pensada atualmente? Com base na resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018 do Conselho Nacional de Educação, a Extensão Universitária é “um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre as Instituições de Ensino Superior e outros setores da sociedade, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2018). Além disso, atua como ferramenta que permite o diálogo entre a comunidade acadêmica e a sociedade, possibilitando o desenvolvimento de um saber acadêmico que articula teoria e experiência. Tendo se desdobrado de um contexto extensionista, este trabalho fundamenta-se na democratização do conhecimento acadêmico e no diálogo efetivo entre a universidade e determinados setores da sociedade brasileira, a saber, bibliotecários de acervos raros, documentalistas e pesquisadores.

Enquanto ação extensionista que permite à universidade cumprir sua função social, esta pesquisa propõe-se a colaborar para a melhoria dos serviços de uma biblioteca pública de referência internacional oferecidos à comunidade. Sendo assim, nossa proposta visa, em sua essência, à otimização do acesso às obras raras, por meio da correção dos dados dos livros disponíveis no catálogo do acervo de obras raras da Biblioteca Nacional. Ademais, os trabalhos a serem desenvolvidos ao longo desta pesquisa permitirão desdobramentos para outras futuras pesquisas e eventos culturais, bem como a expansão das atividades para outras bibliotecas.

Sobre a proposta

Nossa proposta de pesquisa consiste, fundamentalmente, na elaboração de um catálogo de gravuras de indígenas impressas em avulso ou em livros raros, depositadas no acervo da FBN. Subsidiariamente, objetivamos também elaborar notas de conteúdo sobre esses itens que serão inseridas nas fichas catalográficas das obras raras abrangidas por esta pesquisa, para fins de otimização de suas descrições na base on-line da referida instituição. Metodologicamente, a pesquisa estrutura-se em três etapas: 1) levantamento, reprodução e catalogação das gravuras de temática indígena no acervo em questão; 2) levantamento bibliográfico de informações fundamentais para a pesquisa como a biografia dos gravuristas identificados, seus respectivos contextos históricos, principais obras e técnicas utilizadas.

No primeiro ano de pesquisa, trabalharemos com um recorte de obras do séc. XVI, pelo fato de serem as primeiras impressões no Ocidente a disporem de representações imagéticas do corpo e dos hábitos indígenas, representações essas produzidas a partir do olhar europeu. Nesta apresentação, exibiremos e comentaremos, como amostragem inicial da pesquisa, algumas gravuras de Théodore de Bry (1528- 1598), que retratou, na obra *Americae tertia pars memorabile provinciae Brasiliae historiam continens* (1592), cenas do ritual de canibalismo dos índios tupinambás na então colônia portuguesa.

Sendo o contexto do séc. XVI o cenário estudado, importa esclarecermos que nesse momento a sociedade começa a colher os frutos deixados pelas inovações tecnológicas do século anterior. Diferente do resto da Europa, em que se mantinham ainda grandes unidades políticas, como o Sacro Império Romano-Germânico, verificou-se, ao longo da Idade Média na península itálica, a gradativa fragmentação da antiga dominação romana. Dessa forma, várias cidades-estado emanciparam-se politicamente, umas governadas por príncipes, outras por tiranos, em que se desenvolveu o conceito moderno de individualismo, segundo o historiador Jacob Burckhardt (2009): “Florença via-se então em meio ao mais rico desenvolvimento das individualidades, ao passo que os déspotas não reconheciam nem admitiam qualquer outra individualidade que não a sua própria e de seus servidores mais próximos”.

Esse foi o estopim para que houvesse um crescente incentivo ao comércio que só poderia desenvolver-se com uma mudança também no pensamento geral da sociedade que antes se encontrava sob a ideologia teocêntrica. Assim, o antropocentrismo surge como propulsor para o enriquecimento de uma burguesia cada vez mais ciosa de seu status quo e para a mobilidade social. Com isso, a península itálica seria o palco ideal para inovações técnicas que resultariam em mudanças radicais nas ciências (medicina, náutica, botânica etc.), nas artes (arquitetura, pintura, escultura etc.) e no estatuto social dos artistas.

No ramo da arte, uma dessas inovações foi a invenção da imprensa de tipos móveis por Gutenberg que permitiu intercalar textos impressos e gravuras nos livros. Sobre as imagens impressas, a técnica da xilografia era a mais comum e

consistia em fazer pequenas incisões numa placa de madeira com o auxílio de ferramentas chamadas goivas que tiravam da placa o que se desejava não aparecer na imagem final. Ou seja, na gravura, o que fosse branco era o que havia sido retirado da madeira enquanto o que fosse preto seria o relevo formado na placa e marcado pela tinta que seria transposta ao papel após passar pela prensa. Mesmo com toda a eficiência da xilografia, os artistas renascentistas buscavam algo que possibilitasse melhores resultados segundo a ambição da época. Assim, surgiu a gravura em metal que permitia que se executassem trabalhos mais delicados e com maior riqueza de detalhes. Nessa técnica, a matriz é uma placa de metal e nela é riscado, com uma outra ferramenta chamada buril, o que deve aparecer na imagem final. Nos sulcos que se formam pelo trabalho com o buril, deposita-se a tinta a ser transferida ao papel, depois de comprimida pela prensa. Em suma, essas são as duas técnicas que podem aparecer durante as pesquisas em livros desse período, mas ao final do séc. XVI, as gravuras em metal foram mais utilizadas, pois passaram a ser feitas em menor tempo e com maior apuro. Essa melhoria qualitativa das gravuras permitiu que ganhassem destaque e que não fossem apenas complementos dos textos. Assim, as gravuras tornaram-se um método sofisticado de comunicação que, para além de auxiliar na leitura dos semi-analfabetos, atenderiam também aos interesses de uma elite cultural.

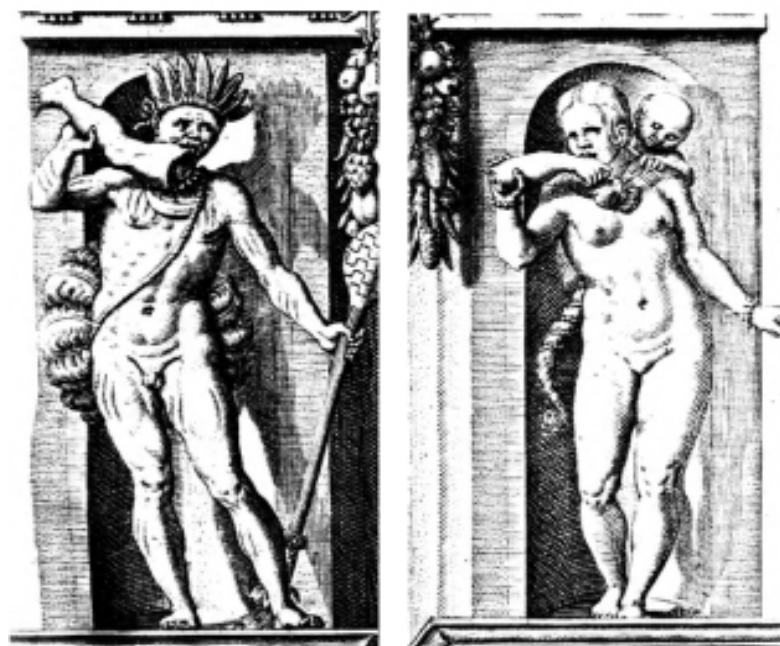
Conforme anunciamos anteriormente, um dos objetivos desta apresentação é a exibição comentada de algumas gravuras de Théodore de Bry. Antes de mais nada, é fundamental traçarmos breves linhas sobre a biografia do gravurista. O desenhista e ourives Théodore de Bry nasceu em Liège, Bélgica, em 1528 e faleceu em Frankfurt, Alemanha, em 1598. Embora haja poucas fontes sobre sua vida, sabemos que viveu em Frankfurt e lá se tornou editor, trabalhando também por muito tempo na Inglaterra. Suas gravuras, assim como as de seus filhos são consideradas uma das melhores da Holanda, de acordo Emmanuel Bénézit (1955, p. 189).

Não se sabe quem instruiu Bry na arte da gravura, mas, pelo seu estilo, podemos notar certa influência do gravurista alemão Hans Sebald Beham (1500-1550), de acordo com Michael Bryan (1816, p. 195). Bry trabalhou quase exclusivamente com a gravura, desenvolvendo um estilo próprio, marcado pelas escolhas de temas como procissões públicas e desfiles, que levou o artista a explorar, num grande número de figuras, a expressão em seus rostos. Sua assinatura era frequentemente marcada com “T.B.” (1816, p. 195).

Henry Keazor (1998, p. 132) considera que Bry tenha se baseado apenas em pesquisas etnográficas próprias para o desenvolvimento dos protótipos de suas figuras. No entanto, durante sua viagem a Londres em 1588, o artista adaptou gravuras por meio do acréscimo de, por exemplo, cenários paisagísticos e outros detalhes, mudando, inclusive, a aparência com que representava as pessoas. Para Keazor, as gravuras de indígenas de Bry não refletem a intenção de reproduzir exatamente os modelos observados em solo americano, já que essas imagens exibem, ao mesmo tempo, características ameríndias e europeias, embora algumas apresentem traços mais próximos de seus modelos (KEAZOR, 1998, p. 134). De qualquer forma, as gravuras de indígenas produzidas no séc. XVI devem ser entendidas como representações gerais do índio enquanto categoria universal e não como um indivíduo particular.

Esse hibridismo ameríndio-europeu, de que acabamos de tratar, verifica-se nas imagens que selecionamos do livro *Americae pars tertia*, terceiro volume, dentre nove, da obra em que Théodore de Bry retrata índios de várias regiões da América. A mais programática delas é o frontispício, comum a todos os volumes, cujos detalhes apresentamos a seguir:

Figura 1



Nas imagens acima, percebemos inequivocamente que Bry modelou a figura indígena a partir de um ideal canônico de longa tradição europeia, haja vista a postura dos corpos masculino e feminino em “S”, empregada desde escultores gregos clássicos como Praxíteles (séc. V a.C.) em sua obra “Hermes com Dionísio menino”:

Figura 2



Além disso, ainda no frontispício, notamos o hibridismo cultural por meio de outros detalhes em que Bry mescla elementos arquitetônicos maneiristas, como o frontão interrompido, e ornamentos de proveniência tropical, a exemplo de arranjos de frutas típicas americanas:

Figura 3



Por fim, destacamos abaixo um detalhe de gravura da p. 126 de *Americae pars tertia* (à esquerda) que, pela posição dos personagens, parece remeter ao óleo sobre madeira *A lamentação* (à direita), do pintor flamengo Petrus Christus (1410-1475), e a toda uma tradição de pinturas que tratam da temática do Cristo morto.

Figura 4



Considerações finais

À guisa de conclusão, sublinhamos que nossa pesquisa ainda se encontra em estágio inicial, com apenas dois meses de trabalho dedicados quase que exclusivamente às leituras para fundamentação teórica e definição da proposta de nosso catálogo. Dessa forma, ainda não concluímos o levantamento de quantas e quais gravuras de ameríndios integram o acervo FBN. Consequentemente, não foram produzidas as notas informativas acerca das gravuras que integrarão nosso catálogo e que complementarão suas fichas catalográficas na base de dados biblioteconômicos da FBN. Nossos próximos passos serão: continuar as leituras relacionadas ao tema e objetivo da pesquisa, como Renascimento, gravuristas e gravuras de ameríndios; estabelecer uma estrutura da ficha técnica que organizará as informações do catálogo; e continuar o levantamento de itens do acervo da FBN relacionados à pesquisa.

REFERÊNCIAS

BÉNÉZIT, Emmanuel. **Dictionnaire critique et documentaires des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs de tous les temps et tous les pays par un groupe d'écrivains spécialistes français et étrangers**. Paris: E. Gründ, 1955. (v. 2).

BRYAN, Michael. **A biographical and critical dictionary of painters and engravers**. London: Carpenter and son, 1816.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1968. 136 p.

KEAZOR, Henry. **Theodore de Bry's images for America**. Londres: Print Quarterly Publications, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Texto referencia para a Audiência Pública sobre as Diretrizes para a Política de Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/95681-texto-referencia-audiencia-publica-diretrizes-politica-de-extensao/file>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

NOTA:

Os autores não enviaram as fontes das imagens.

AS ENCADERNAÇÕES DA COLEÇÃO DE OBRAS RARAS E ESPECIAIS DA CASA DE OSWALDO CRUZ: um estudo para sua preservação¹

Ana Roberta Tartaglia

Mestre em Preservação e Gestão
do Patrimônio Cultural das Ciências e
da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/
Fiocruz Serviço de Conservação e
Restauração de Documentos/
Departamento de Arquivo e
Documentação/Casa de Oswaldo Cruz
ana.tartaglia@fiocruz.br

Resumo

A coleção de obras raras e especiais da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde, engloba títulos que vão do século XVII ao XX, e formam um conjunto precioso para a Casa de Oswaldo Cruz. O estudo realizado teve como finalidade identificar e valorizar as encadernações desta coleção, fornecendo informações sobre estilos, características materiais e decorativas, e estruturas de produção – sobretudo aquelas executadas de maneira artesanal, porém sem perder a dimensão da transição para o modelo industrial de produção editorial. Esta investigação visa auxiliar a tomada de decisões em preservação, para que vestígios do tempo e do fazer da atividade de encadernação não sejam negligenciados. Outra intenção, é oferecer elementos para futuras pesquisas no campo da encadernação e da preservação do livro como objeto, contribuindo para o conhecimento global dos acervos preciosos da Casa de Oswaldo Cruz.

Introdução

A biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz (COC) - Biblioteca de História das Ciências e da Saúde (BHCS), é especializada em História da Medicina, História da Saúde Pública, História, Sociologia e Filosofia da Ciência, e possui cerca de 80.000 itens. A coleção de obras raras e especiais possuía cerca de 345 volumes no início deste estudo, em 2016, com obras do século XVII ao XX.

Esta pesquisa foi motivada por ocasião da implementação de um grande projeto de restauração de livros denominado Restauro 2016, que envolvia tanto obras do acervo corrente, como parte das obras raras e especiais.

Inicialmente, o Projeto Restauro 2016 previa o tratamento de 600 livros. Com o início deste estudo, foi acordado com a BHCS, excluir o máximo de livros da coleção de obras raras na primeira fase do projeto, para que este estudo pudesse ter acesso aos livros em suas condições atuais de preservação, sem interferência das ações de restauração.

A partir deste projeto, os desdobramentos das ações restaurativas e seu impacto sobre o acervo começaram a ser levados em consideração, na medida em que uma das ações solicitadas no projeto era justamente a reencadernação dos livros.

A restauração seria realizada por prestadores de serviços contratados por meio de licitação. O agravante desta situação era que nem sempre os livros saíam da instituição com diagnóstico de conservação detalhado, item a item. Portanto, no passado, reencadernações podem ter acontecido, sem que, necessariamente as obras submetidas à restauração assim necessitassem. Desta forma, era possível que o número de obras reencadernadas fosse muito elevado, levando o acervo a ter uma unificação em seu visual e consequentemente, uma perda dos valores estéticos, artísticos e históricos na coleção de obras raras.

Objetivo

O objetivo maior do estudo era a produção de conhecimento sobre as encadernações deste importante acervo bibliográfico da COC, para apoiar a tomada de decisões no campo da preservação, e sensibilizar gestores e conservadores de acervos a respeito de cuidados com itens bibliográficos para além de sua capacidade informacional.

Para tanto, a pesquisa foi centrada na produção de dados que pudesse alimentar um catálogo das encadernações existentes. Para chegar a este catálogo foram necessários elaborar os seguintes produtos:

- inventário das encadernações das obras raras no período de 1664 a 1899;
- seleção de 30 obras, a partir do inventário, para elaboração do catálogo descritivo e ilustrado das encadernações;
- diagnóstico de conservação destes 30 livros selecionados;
- proposta para disponibilização deste diagnóstico em um campo na base de dados da biblioteca – acesso apenas para os gestores.

Esta pesquisa e a produção do catálogo atendem a algumas diretrizes elaboradas pela COC e expostas em documentos como a Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde².

Pesquisa e desenvolvimento em preservação de acervos: A produção de conhecimento deve subsidiar a definição e o aprimoramento constante das estratégias de conservação dos acervos. Deve considerar a reflexão sobre as práticas de preservação e os materiais que compõem os acervos, bem como estar atenta às inovações tecnológicas. Deve se dar por meio de planejamento estratégico e prever que as ações de pesquisa e de desenvolvimento de técnicas e metodologias ocorram de modo integrado, inter e multidisciplinar. (FIOCRUZ/COC, 2013, p. 8).

A partir destas elaborações, a dissertação foi estruturada em três capítulos, descritos abaixo, sendo que o primeiro trabalha com a formação da COC, da BHCS e do acervo de obras raras. O segundo capítulo trata de um estudo de caso e descreve a elaboração dos produtos expostos aqui. E o terceiro capítulo apresenta o catálogo das encadernações propriamente.

A Biblioteca e a coleção obras raras e especiais

Foi fundamental a descrição das circunstâncias em que foi criada a Casa de Oswaldo Cruz (COC), na década de 1980³, e como a biblioteca surgiu neste momento para o entendimento do cenário.

Um evento muito importante para compreender o estado de conservação atual das obras raras e especiais, foi o das ‘dunas’. Mas o que foram as dunas? Eram montanhas e montanhas de livros, documentos, fotografias que não tinham mais interesse em certas unidades da Fundação e foram colocados nas salas do Prédio da Expansão, para “guarda”⁴. As dunas foram impactantes para todos os envolvidos na criação da COC, na década de 1980, pois destas pilhas saíram grande parte dos acervos iniciais da COC. É necessário ressaltar o fato de que muitos dos livros que integram os projetos de restauração ainda hoje, são oriundos das dunas e foram danificados neste momento.

A partir deste entendimento, tratamos aspectos da coleção de obras raras e especiais pela ótica de sua composição e de seus doadores, e partimos para notar as características materiais dos livros, especificamente pelo ponto de vista das encadernações e seus processos através dos tempos.

Conforme o livro vai se tornando um produto mais disponível e a um número cada vez maior de leitores através dos séculos, é possível perceber pelas características das encadernações que a forma de produção se modifica, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1

Século XVII		Encadernação plena (inteira), flexível em pergaminho, nervos verdadeiros (linho), guardas em papel liso e cabeceado manual (bordado).
Século XVIII		Encadernação plena (inteira) em couro marmorizado, com douração decorativa (frisos), nervos embutidos, lombada lisa, guardas em papel marmorizado e cabeceado manual (bordado).
Século XIX		Meia encadernação em couro e papel marmorizado, nervos embutidos, falsos nervos na lombada guardas em papel marmorizado e cabeceado industrial.

Fonte: Tartaglia, 2016-2018.

As novas características de produção influem diretamente na aparência e resistência das encadernações. A partir, especialmente do século XIX, surgem modelos mais leves, mais simples, mais próprios ao uso cotidiano. O couro ou pergaminho deixam de ser a primeira escolha e entram em cena, tecidos e papéis.

Ao observar as coleções e sua origem, as características dos livros e de seus doadores, notamos uma vasta gama de assuntos, de idiomas e de marcas de deixadas por seus antigos donos. Dentre as marcas de propriedade coletadas na coleção, destaco as de Oswaldo Cruz, que possuía várias maneiras de marcar seus livros, sendo os ex-libris os de maior ocorrência (FIG.1). Consideramos a versão 1, como a mais antiga e contemporânea ao produtor. A confirmação desta hipótese veio através de uma recente doação ao Departamento de Arquivo e Documentação (DAD), de familiares de Eduardo Oswaldo Cruz, em que recebemos vários exemplares deste ex-libris, ainda envoltos na embalagem original da Maison Stern, de Paris, onde foi produzido. As outras duas versões (2 e 3 – latinizada) podem ter sido produzidas após sua morte, por encomenda da Biblioteca de Manguinhos, mas ainda é necessária uma investigação mais aprofundada para confirmação.

Figura 1: Ex-libris produzido pela Maison Stern, Paris (imagem maior – gravura em metal), e as duas produzidas posteriormente (xilogravura).



Fonte: Tartaglia, 2016-2018.

Outras marcas utilizadas por Oswaldo Cruz foram os sinetes: a cruz de malta com lírios foi encontrada tanto em douração na lombada como em relevo seco, nas folhas internas dos livros. Já o OSWALDO - Saber, Querer, Esperar,

Poder foi encontrado tanto impresso em papel de carta do cientista, que consta no acervo do DAD, quanto em relevo seco (FIG.2) nos livros. A matriz xilográfica do ex-libris versão 2 e o sinete da cruz de malta, pertencem ao acervo do Museu da Vida/COC/FIOCRUZ.

Figura 2: marcas usadas em douração, impressão e relevo seco (sinetes) por Oswaldo Cruz.



Fonte: Tartaglia, 2016-2018.

Marcas como as de estabelecimentos comerciais e de profissionais do livro, são importantes pois ajudam a determinar se a encadernação é contemporânea à sua data de publicação ou se pode ter sido encomendada posteriormente (pelo livreiro, pelo editor ou mesmo pelo proprietário). As características gráficas de algumas marcas e o tipo de informação que contém, ajudam a perceber em qual época a encadernação pode ter ocorrido.

As etiquetas de livrarias são interessantes pois são verdadeiros anúncios de publicidade sobre os serviços que prestavam e o tipo de livros que vendiam em suas casas. A Livraria Clássica de Nicolao Alves, por exemplo, foi um dos estabelecimentos comerciais mais encontrados nos livros que pertenceram a Oswaldo Cruz. Era inicialmente dedicada ao comércio de livros didáticos e foi uma das casas comerciais mais importantes do século XIX. A sociedade com seu sobrinho ajudou a expandir os negócios de tal forma, que foi criada a primeira rede de livrarias nacional e uma das maiores editoras brasileiras: a Francisco Alves.

Considerações sobre o acervo e produtos propostos

Neste capítulo, inicialmente tratamos do caso da restauração da Encyclopédie da BHCS, uma coleção que contém 72 livros, e que possibilitou algumas reflexões sobre a prática da restauração, onde pudemos focar nas escolhas aplicadas para a preservação no momento do tratamento.

A obra enciclopédica foi produzida na segunda metade do século XVIII, por Diderot e d'Alembert, e levou 21 anos para ser finalizada (1751-1772). Era composta, em sua versão original, por 17 volumes de textos (ou discursos) e 11 volumes de pranchas ilustradas sobre os diversos assuntos de que tratava.

A Encyclopédie teve ao todo seis edições entre as autorizadas e as piratas, algumas concomitantes com a original, porém de tamanhos e quantidade de volumes diferentes: 4 edições in-fólio (cerca de 32x22 cm), 1 edição in-quarto (cerca de 22x16 cm) e 1 edição in-octavo (cerca de 16x11 cm). Para as edições em tamanhos menores se gastava menos com papel e tinta, e por consequência, eram mais lucrativas aos editores e em tese, mais baratas para o consumidor final. A coleção da BHCS foi doação da família de Carlos Chagas Filho, em 2008. Faltam a primeira parte do volume um, e os três volumes com as pranchas ilustradas. Os livros estavam todos em forma de brochura, com uma capa simples de papel azul claro, sem impressão tipográfica.

Este estado original suscita perguntas inquietantes, sendo uma delas: como a coleção passou cerca de 230 anos sendo apenas brochura com uma simples capa de papel? Um feito praticamente impossível, pois a prática era transformá-las em capa dura; o estado brochura era uma estrutura para baratear a venda, para torná-la menos dispendiosa e sempre encarado como algo temporário, transitório. De qualquer modo, encontrar uma coleção de mais de duzentos anos em uma forma de encadernação tão rudimentar, já seria motivo para entendê-la como rara.

A partir dos questionamentos colocados neste capítulo, foi possível tocar em vários pontos ligados à valoração de acervos e à autenticidade. Procuramos refletir sobre a preservação de maneira ampliada e sobre a responsabilidade dos gestores dos acervos em decisões que afetem os bens públicos guardados pelas instituições.

Posteriormente ao estudo de caso, foram abordados os produtos elaborados para possibilitar o conhecimento sobre a

coleção rara e especial:

- inventário das encadernações: foram compiladas as seguintes informações - ano da edição; pequena imagem da encadernação; número de chamada; título; autor; imprensa; dimensões; número de páginas; procedência; estado de conservação da encadernação; breve descrição da encadernação; marcas (de propriedade ou de circulação); e observações gerais. Foram inventariados 182 itens, de 1664 a 1899;
- o catálogo das encadernações: os critérios utilizados para escolha das obras foram: o interesse que a encadernação desperta por seu estilo, época de produção, materiais e estruturas de construção, e a autenticidade ou originalidade da obra, ou seja, se a encadernação seria contemporânea à edição do livro. Foram selecionadas 30 obras para o catálogo;
- diagnóstico de conservação dos livros: foi realizado item a item; modelo próprio para a análise de livros e com campos específicos sobre encadernação. Utilizamos como base para o desenvolvimento da ficha, o modelo usado na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), nos projetos Estudo para a preservação da Biblioteca Rui Barbosa (2011-2013); Diagnóstico para a Digitalização de obras da Biblioteca Rui Barbosa (2014). O modelo elaborado contempla campos para anexação de fotografias e para indicações e descrição dos tratamentos realizados em cada livro. Foram diagnosticadas as 30 obras do catálogo;
- disponibilização deste diagnóstico em um campo na base de dados da biblioteca: segue como proposta para ser planejada após a migração de dados da biblioteca para o novo sistema ALEPH.

O catálogo das encadernações

No último capítulo da dissertação, temos a exposição do catálogo das encadernações (FIG.3), produto principal desta proposição, que dispõe 30 obras selecionadas dentre os 182 itens analisados neste estudo. O catálogo tem a intenção de servir como ferramenta de estudo para interessados em encadernação e como item de consulta para as equipes que trabalham com o acervo.

Figura 3: página dupla do catálogo das encadernações; Diagramação de Octávio Augusto e Fotografias de Humberto Teski.



Fonte: Tartaglia, 2016-2018

Precisamente na virada para o século XIX, percebemos algumas diferenças nas encadernações, que foram provocadas pelo aumento da demanda por livros, pois é neste momento que os editores e encadernadores começam a usar materiais alternativos, como o papel, pois são mais baratos e abundantes, para produzir as encadernações.

Percebemos o aparecimento das capas impressas em papel e em tecido e de estilos de encadernação com materiais variados, pois já não temos mais aquela predominância da pele (couro ou pergaminho) como nos séculos XVII e XVIII. As soluções gráficas de acabamento aparecem em livros de editor, ou seja, aqueles que foram criados por grandes livreiros que produziam suas próprias edições, em um ritmo industrial. O livro passa a ser um produto pronto, onde o leitor/consumidor, não precisa mais se preocupar em mandar encadernar.

As obras que compõem o catálogo foram escolhidas por seus estilos de encadernação mais representativos de cada período estudado e que poderiam ser de interesse histórico, considerando aspectos como inovação, características gráficas e de acabamento.

O estado de conservação das encadernações não influenciou nas escolhas, embora fossem preferíveis as que estivessem em bom estado e sem intervenção de restauração. Entretanto, alguns exemplares realmente mereciam estar no catálogo, independentemente de sua condição física.

Muitos dos livros que compõem o catálogo, não sofrerão a ação de intervenção restaurativa no momento, por entendermos que estas podem encobrir e impedir a percepção que hoje temos das estruturas de encadernação originais. Estas obras serão apenas acondicionadas em caixas sob medida, para sua manutenção, até que cheguemos a uma decisão sobre se devem ou não sofrer restauração e de que maneira será realizada.

Considerações finais

Ao chegar ao final deste estudo, percebemos que ainda há muito por investigar para podermos buscar sempre melhores abordagens para o “como fazer” a preservação.

E que ainda há muito que conhecer entre as prateleiras da biblioteca, com tantos segredos e preciosidades guardadas, esperando apenas uma oportunidade para mostrar todo seu potencial de estudo e entendimento sobre uma determinada época.

Pretendemos que os produtos gerados e sugeridos aqui, possam auxiliar a BHCS no reconhecimento de que as encadernações originais (sejam capa dura, capa solta, flexíveis ou brochuras) tem relevância para o patrimônio bibliográfico da instituição e um grande potencial como objeto de pesquisa futuros. E que possam apresentar aos interessados no assunto, caminhos para suas próprias elaborações e pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Henrique de Beaurepaire Rohan. Notícia sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. In: **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950, Tomo 48, p. 36.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Manguinhos do sonho à vida**: a ciência na Belle Époque. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BESSONE, Tania Maria. **Palácio de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros, 1870-1920. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. **Escritos: revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 41-52, 2011.

DARNTON, Robert. **O Iluminismo como negócio – história da publicação da Enciclopédia - 1775-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Os filósofos podam a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da Encyclopédie. In: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986. p. 247.

FARIA, Maria Isabel & PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FEBVRE, Lucian & MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. 2. ed. brasileira, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013.

TARTAGLIA, Ana Roberta. **Livro**: design e preservação: considerações entre a prática e a conservação. Monografia (especialização). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de C&T, 2009, 76 f.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la Restauración**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

NOTAS:

1. Este estudo foi produzido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (PPGPAT/COC/FIOCRUZ), sob a orientação da Professora Doutora Laurinda Rosa Maciel e inserido na linha de pesquisa Patrimônio Cultural: Preservação e Gestão. O PPGPAT é um mestrado profissional e como tal, sua proposta é apresentar além da dissertação, um produto. O produto que propus foi um catálogo das encadernações das obras raras e especiais da BHCS. A dissertação se encontra disponível em: http://ppgpat.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_ana_roberta_tartaglia.pdf. (Acesso em 31/07/2019).

2. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013. 26 p.

3. A Casa de Oswaldo Cruz foi criada em 1986, como uma unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, dedicada à preservação da memória da Fiocruz e às atividades de pesquisa, ensino, documentação e divulgação da história da saúde pública e das ciências biomédicas no Brasil.

4. Palavra aqui usada sem o sentido de preservação como conhecemos hoje.

O CONHECIMENTO GERADO A PARTIR DO ACERVO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL (BCE) DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Raphael Diego Greenhalgh

Doutor em Ciência da Informação
pelo PPGCInf/UnB

Bibliotecário do Setor de Obras Raras
da BCE/UnB
raphaelrdg@bce.unb.br

Néria Lourenço

Mestra em Ciência da Informação
pelo PPGCInf/UnB

Bibliotecária do Setor de Obras Raras
da BCE/UnB
neria@bce.unb.br

Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh

Mestra e doutoranda em Ciência da Informação
pelo PPGCInf/UnB

Bibliotecária da Biblioteca Nacional de Brasília
mariana.greenhalgh@cultura.df.gov.br

Resumo

Diante da importância do acervo de obras raras da BCE/UnB verificou-se a necessidade de levantar o conhecimento subjetivo e objetivo gerado a partir destas obras. Para isso, foi feito um levantamento dos usuários dos últimos dez anos (2009-2018) e analisadas suas publicações, de modo a identificar em quais havia citação dos títulos consultados da coleção de obras raras. Também foram levantadas as visitas orientadas e técnicas no Setor de Obras Raras, as exposições e eventos realizados e os estágios supervisionados. Desta forma, foi possível verificar que este acervo possui relação significativa com os objetivos universitários de ensino, pesquisa e extensão.

Introdução

A UnB conta com uma biblioteca para dar suporte à tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão, desde a sua fundação, em 1962. Hoje a BCE possui mais de 1,5 milhão de itens físicos, além da assinatura de várias bases de dados e também de recursos digitais produzidos e mantidos por ela. Dentre as várias coleções que a BCE possui está o acervo de obras raras, oriundo também das coleções formadoras do acervo da biblioteca, vindos das bibliotecas particulares, por exemplo, do político e jornalista Carlos Lacerda, do médico e escritor Pedro Nava, do crítico literário Agrippino Grieco e do político e professor Homero Pires, entre outros.

Diante da importância do acervo raro da BCE, torna-se importante entender a relação das pesquisas nestas obras com a geração de conhecimento subjetivo e objetivo, como define Popper (1975). Portanto, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar o conhecimento gerado a partir do acervo de obras raras da BCE/UnB. Para isso, foram levantadas as produções dos pesquisadores de obras raras e identificadas em quais delas as obras raras consultadas haviam sido citadas. Também foram analisadas as outras formas de transmissão de conhecimento do Setor de Obras Raras, como os eventos relacionados ao acervo e que aconteceram na BCE, as exposições permanente e temáticas feitas com as obras raras, as visitas orientadas e técnicas ao Setor e também os estágios supervisionados que os alunos do

curso de Biblioteconomia da UnB fazem nas Obras Raras.

Verifica-se, portanto, as áreas temáticas das produções baseadas no acervo de obras raras, a tipologia documental destas produções e o índice de relevância da obra consultada dentro das publicações levantadas. Também são identificados os tipos de usuários que estudam o acervo e o quantitativo de visitantes às exposições feitas no Setor de Obras Raras. Desta forma, foi usado um recorte temporal de dez anos (2009-2018), devido à facilidade de acesso aos documentos gerados neste período, assim como, foi realizada uma pesquisa censitária, com análise quali-quantitativa dos dados coletados e com uma perspectiva descritiva e exploratória, fazendo um levantamento a partir de análise documental, por meio dos arquivos administrativos do Setor. Identificando que o acervo de obras raras tem impacto significativo nas ações de ensino, pesquisa e extensão da UnB.

A BCE e o acervo de Obras Raras

A Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB) nasce na ideia de uma universidade integrada, e no início do planejamento da UnB já é prevista a construção desta biblioteca, desde a Lei n. 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autorizada o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília. As primeiras instalações da universidade foram no então Ministério da Educação e Cultura, no bloco 1 da Esplanada dos Ministérios, onde a biblioteca ficava no sexto andar. Em 1962 há a transferência da biblioteca para a Sala Papiros, na Faculdade de Educação, que foi o primeiro bloco construído no atual Campus Darcy Ribeiro. Outra mudança aconteceu em janeiro de 1964, quando passou da Sala Papiros para o prédio chamado SG-12. As obras para o atual prédio iniciaram em 1970, tendo sua inauguração em 12 de março de 1973, que coincidentemente viria a ser a data comemorativa do dia do bibliotecário, a partir de 1980¹.

O acervo da BCE foi formado inicialmente pela compra de bibliotecas particulares de intelectuais renomados, entre as décadas de 1960 e 1980. Lacerda (2017) mostra que em 1963 foram adquiridos 415 volumes sobre Bibliografia e Biblioteconomia, que pertenciam ao Oswaldo de Carvalho, por meio da Livraria Américo de Souza Pinto; 710 volumes sobre Direito Internacional, do embaixador Hildebrando Accioly; 30 mil volumes do bibliófilo, professor e político Homero Pires; 9.600 volumes do professor de filosofia Pedro de Almeida Moura, também por meio da Livraria Américo de Souza Pinto e parte da coleção do advogado e político Ricardo Xavier da Silveira, por meio da Livraria São José. A autora dá notícias também sobre duas aquisições em 1964, de 2.500 volumes do professor, educador, sociólogo, crítico literário e escritor Fernando de Azevedo e de 703 títulos de livros e 25 títulos de periódicos, com 264 fascículos, do sociólogo, professor e crítico literário Antônio Cândido.

Lacerda (2017) ainda mostra que na década de 1970 houve a compra de três coleções, com a aquisição de 30 mil volumes, em 1975, do acervo do escritor e crítico literário Agrippino Grieco; de 6 mil volumes, em 1978, do professor e jurista Aliomar Baleeiro e dos 17 mil volumes, em 1979, do político, jornalista e escritor Carlos Lacerda. Na década de 1980, a autora ainda indica a compra de outras cinco coleções, sendo elas a da geógrafa Dora de Amarante Romariz, e da escritora Vera Pacheco Jordão, ambas adquiridas em 1982; do médico e escritor Pedro Nava, adquirida entre 1983 e 1984; do professor e jurista Vandick Londres da Nóbrega, em 1984, e do professor Eudoro de Souza, em 1988. Além destas aquisições, a BCE recebeu também doações de coleções inteiras de ex-professores e de órgãos da administração pública.

Hoje a BCE ainda se encontra no prédio inaugurado em 1973, que apresenta cerca de 16 mil m² de área e abriga mais de 1,5 milhão de itens físicos presentes nas coleções: Acervo Geral, Coleções Especiais, Espaço Cassiano Nunes, Espaço de Direitos Humanos, Obras Raras, Periódicos e Referência. Integra o Sistema de Bibliotecas da UnB, que conta com seis bibliotecas, onde além da BCE, estão as bibliotecas dos outros três Campi: Ceilândia, Gama e Planaltina; o CEDIARTE, biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e a COLEMED, biblioteca do Hospital Universitário. Além do acervo físico, a BCE provê acesso a inúmeras bases de dados, como o Portal de Periódicos da Capes, EBSCO, JSTOR, Minha Biblioteca, entre outras. Assim como, mantém um conjunto de serviços digitais como o Repositório Institucional, a Biblioteca Digital Sonora, a Biblioteca Digital de Coleções Especiais, entre outros².

A história do Setor de Obras Raras está intimamente ligada à história da própria BCE, pois, dentro das coleções que foram adquiridas, vinham obras consideradas raras, que quando identificadas iam sendo separadas das demais, formando assim o Setor. Já em 1962 a BCE contava com uma Seção de Obras Raras, com o local onde fica hoje, idealizado no planejamento da construção do atual prédio da biblioteca, pensando em abrigar este acervo raro, localizado no primeiro andar deste edifício. Outro fator que com certeza impulsionou a rápida criação do Setor, provavelmente tem relação com o desejo de Darcy Ribeiro de montar uma coleção brasileira completa, contendo todos os livros citados por Rubens Borba de Moares em sua Bibliografia Brasileira, como diz Fonseca (1973).

No Setor de Obras Raras, entre os exemplares que abriga há, por exemplo, o livro *Rerum per octennium in Brasilia et alibi gestarum...*, publicado em 1647, escrito por Gaspar Barleus, que a pedido de Maurício de Nassau, produziu a obra a respeito da vasta documentação sobre o Brasil gerada pela colonização holandesa, trazendo ilustrações dos artistas

Theodor Matham, George Marcgraf e Frans Post (LUCIANI, [s. d.]). Esta obra apresenta ex libris de Ricardo Xavier da Silveira, coleção de onde também veio o livro dos viajantes naturalistas Spix e Von Martius, *Reise in Brasilien*, publicado em três volumes textuais e um atlas de imagens, em 1823.

Além de livros e periódicos oriundos da coleção do político Carlos Lacerda, o Setor de Obras Raras ainda abriga todo o seu arquivo pessoal, composto por cerca de 60 mil documentos a respeito de sua vida pessoal, empresarial e política e também da sua produção intelectual. Arquivo este que veio como doação à BCE junto do processo de compra de sua biblioteca particular (SOUSA, 2000). Há ainda no acervo de obras raras três coleções sobre autores específicos: a Camiliana, com aproximadamente 200 obras escritas, prefaciadas, traduzidas ou sobre Camilo Castelo Branco; a Hipocratiana, composta de 70 obras sobre Hipócrates, pai da medicina; e a Camoniana, com obras de e sobre Camões. Na Camiliana, muitos exemplares são oriundos da coleção do Homero Pires, enquanto a Hipocratiana foi adquirida do médico Pedro Nava. Com exemplares vindos das coleções de Carlos Lacerda, Pedro Nava e Ricardo Xavier da Silveira, o Setor de Obras Raras conta também com os 23 títulos da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, composta por livros de arte, produzidos entre 1944 e 1969, com gravuras de artistas brasileiros renomados, como Santa Rosa, Carybé, Darel, Portinari, Di Cavalcanti, entre outros (BARRIOS, 2008).

No acervo de obras raras da BCE ainda há uma coleção de ex libris, que em meados dos anos 1990, parte dela foi organizada pela Professora do Instituto de Artes, Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo. A origem destas obras é incerta para muitos dos exemplares, sendo possível que tenham vindo parar na BCE por meio das coleções compradas e mencionadas anteriormente, pois neste acervo há ex libris que eram colecionados por Homero Pires, possível de assim dizer, por esta coleção ter sido mantida incólume, com 252 ex libris, como atesta Bertinazzo (2012). Segundo a autora, a coleção neste momento tinha 2.554 peças, sendo 1.252 tombadas e 1.302 duplicatas. Em 2018 o Setor de Obras Raras recebeu por doação da família do artista produtor de ex libris, Jorge de Oliveira, sua coleção pessoal, com ex libris confeccionados por ele, mas também de ao menos outros 63 artistas, de 20 nacionalidades diferentes, em um total de exemplares de aproximadamente 3.673 peças. Os ex libris feitos por Jorge de Oliveira estão sendo disponibilizados para acesso online a partir da Biblioteca Digital de Coleções Especiais (BDCE) da BCE/UnB.

O Setor de Obras Raras abriga também uma coleção de manuscritos, sendo três manuscritos medievais do século XIV e mais de 2 mil manuscritos dos séculos XIX e XX. Os manuscritos dos séculos XIX e XX, certamente vieram das coleções adquiridas pela BCE, pois estão presentes neste acervo diversas cartas, cartões e textos escritos para e por Homero Pires e Agrippino Grieco. Como exemplo destes documentos destacam-se os manuscritos dos livros *Água Mãe*, de José Lins do Rego e *As Razões do Coração*, de Afrânio Peixoto, com dedicatória dos autores ao Homero Pires. Já os manuscritos medievais também são oriundos de uma compra, pois foram adquiridos da viúva do Prof. Serafim da Silva Neto, em 1964. Trata-se de três manuscritos em pergaminho, com escrita gótica librária rendonda, com cerca de 169 fólios em pergaminho, distribuídos entre três obras: *Flos Sanctorum* (81 fólios), *Livro das Aves* (8 fólios e meio), únicos conhecidos em português e *Diálogos de São Gregório* (80 fólios), um de quatro conhecidos em português. As obras, de modo geral, tratam de doutrina e de modelo de comportamento dentro dos preceitos cristãos da época, apresentando registro histórico dos credos e costumes ainda hoje praticados nos mosteiros. Estes três manuscritos também apresentam versão digital disponível online na BDCE.

Conhecimento objetivo e subjetivo

Ao tratar de conhecimento gerado, é pertinente trazer a contribuição de Popper (1975) que percebe possibilidades de conhecimento, não se restringindo ao aspecto cognitivo do indivíduo. O autor entende que existem três mundos (ou universos), sendo o primeiro, o “mundo de objetos físicos ou de estados materiais”; o segundo, “o mundo de estados de consciência ou de estados mentais”, e o terceiro, “o mundo de conteúdos objetivos de pensamentos”. Estes mundos não existem isolados e se relacionam em diferentes formas. O primeiro mundo é aquele real que buscamos representar, ele possibilita o conhecimento subjetivo e é descrito pelo conhecimento objetivo. O segundo mundo, por sua vez, é aquele que existe no indivíduo, ele controla e regula o primeiro mundo e produz o terceiro mundo. Sua existência depende do primeiro mundo. Já o terceiro mundo é a representação do conhecimento pessoal por artefatos como livros, ferramentas, teorias, modelos, bibliotecas, computadores e redes. Sua existência é real no primeiro mundo. Seu conteúdo desenvolve e recorda o mundo.

Apesar de surgir a partir do ser humano, Popper (1975) entende o terceiro mundo autônomo, pois não depende de uma interpretação ou entendimento posterior por outros indivíduos para ser validado. Sua estrutura se basta em si mesmo. Embora seja autônomo, a ação de criação de novos e melhorados conhecimentos são necessários e sempre passam pelos seres humanos. O efeito de retrocarga acontece quando novos problemas emergentes surgem para estimular o indivíduo a novas criações. “A autonomia do terceiro mundo e a retrocarga do terceiro mundo sobre o segundo e mesmo o primeiro estão entre os fatos mais importantes do crescimento do conhecimento” (POPPER, 1975, p. 120).

O terceiro mundo de Popper é de grande interesse para a Ciência da Informação, tanto por enxergar o conhecimento

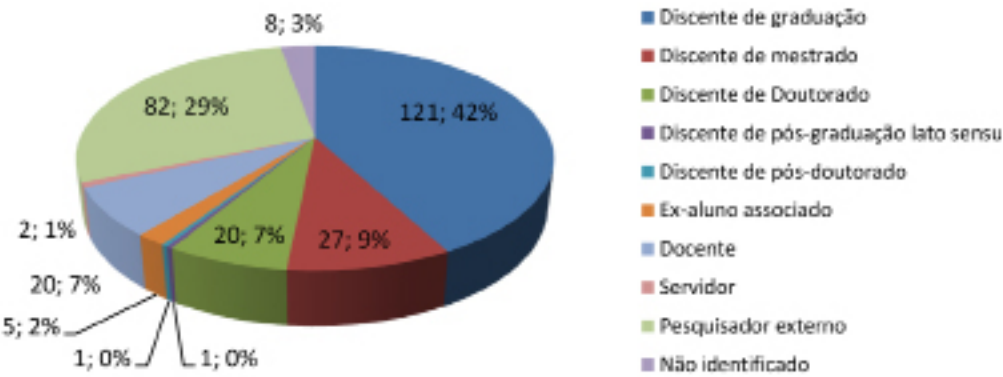
registrado como a informação, seu objeto de estudo, como também por identificar a evolução cognitiva do ser humano. Dentre os conhecimentos entendidos pelo autor, o conhecimento objetivo tem o maior potencial para reconhecimento.

Usuários e as publicações geradas

A dimensão e a complexidade do terceiro mundo é maior do que qualquer contribuição. Ninguém construiu sozinho este mundo ou tem conhecimento de todo ele. Popper (1975) deixa claro sua visão, que se trata de uma construção coletiva e que seu crescimento depende do efeito da retrocarga pela infinidade de novos problemas, considerando também que apesar da autonomia do terceiro mundo e também por causa dela, haverá sempre obras originais. Os estudos que resultaram das consultas realizadas no setor de Obras Raras da BCE/UnB, neste sentido, são identificados no terceiro mundo de Popper (1975), o do conhecimento objetivo.

No período de dez anos, de janeiro de 2009 a dezembro de 2018, verificou-se que no Setor de Obras Raras da BCE/UnB foram atendidos 283 usuários. Ou seja, uma média de atendimento de 28,3 usuários ao ano. Como o acervo raro não é emprestado, sendo permitida apenas a consulta local das obras, os pesquisadores frequentemente comparecem no local por mais de um dia. Portanto, no período estudado, observou-se que os usuários fizeram 507 visitas ao Setor, numa média de 1,8 visitas por pesquisador. Outro fator verificado é que foram atendidas no Setor de Obras Raras todas as categorias de usuários da biblioteca: discentes de graduação, mestrado, doutorado, pós-graduação lato sensu e pós-doutorado, docentes, ex- alunos associados, servidores e pesquisadores externos. A dispersão por categoria de usuário pode ser vista no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Quantidade de usuários por categoria

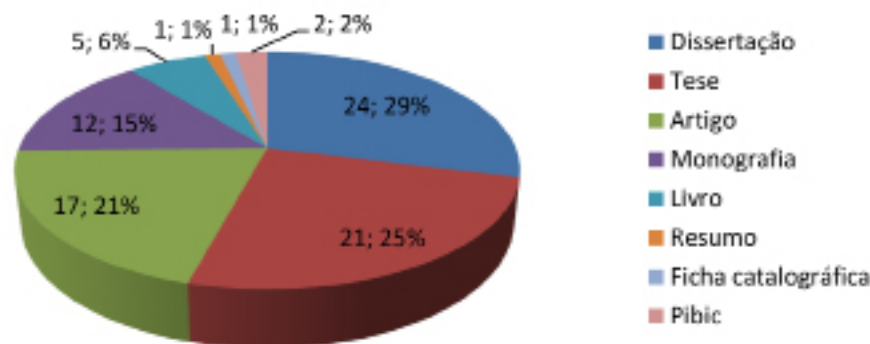


Fonte: Dos autores

Nesta dispersão gráfica é possível verificar que a categoria de usuários que mais pesquisa no acervo é a de discentes de graduação, correspondendo a 42% do total de consulentes. Este dado dá indícios da função educacional do acervo, visto que, geralmente esta pesquisa está relacionada às disciplinas de graduação, de modo a complementar o ensino adquirido em sala de aula. A segunda maior categoria de usuários é a de pesquisadores externos, de modo que, ao permitir que pessoas de fora da instituição acessem um conteúdo de fomento à ciência produzida nesta Instituição de Ensino Superior, ela se relaciona com outras comunidades científicas, fazendo uma aproximação da concepção e funções das atividades de extensão desta universidade. Vale ressaltar também que 50 (18%) dos 283 usuários foram ao Setor consultar os documentos presentes no Arquivo Carlos Lacerda.

Após o levantamento dos usuários que pesquisaram no acervo de obras raras nos últimos dez anos, foi realizada uma verificação no Currículo Lattes destes usuários, a fim de identificar as publicações que eles produziram e que apresentavam citação e referência das obras consultadas por eles no Setor de Obras Raras. Levantamento este com o intuito de entender o impacto que esta coleção causa nas produções científicas brasileiras. Nesta pesquisa foram encontrados 83 trabalhos gerados pelos usuários do Setor e que citam a(s) obra(s) consultada(s). Estas publicações foram geradas por 73 usuários diferentes, mostrando que mais de 25% dos pesquisadores produziram algum trabalho com base na sua consulta no Setor de Obras Raras, e que alguns usuários criaram mais de um trabalho, tendo como suporte o acervo pesquisado. Um mesmo usuário chegou a produzir quatro trabalhos diferentes em que há citação da obra consultada no Setor, sendo três artigos e uma tese. Além de artigos e teses, foram gerados livros, monografias, dissertações, resumos em eventos, fichas catalográficas e relatórios do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), conforme mostra o Gráfico 2:

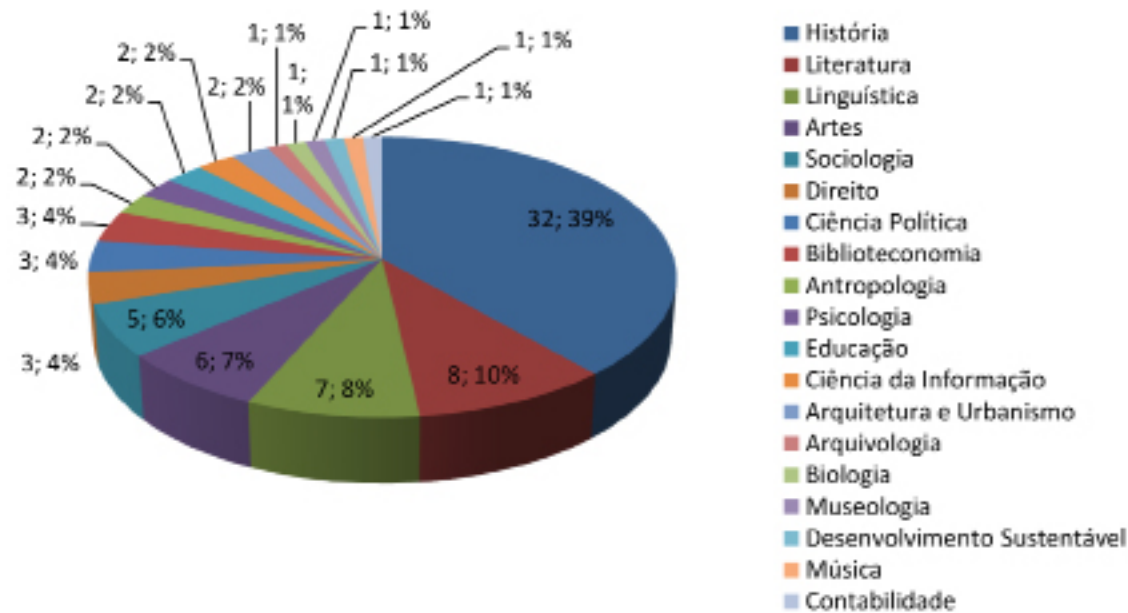
Gráfico 2 – Quantidade e tipologia dos trabalhos gerados



Fonte: Dos autores

É necessário salientar que muitos dos usuários podem ainda não ter publicado seus trabalhos, como no caso dos discentes de mestrados e doutorados dos últimos dois a quatro anos, que podem ainda não ter defendido seus trabalhos. Neste gráfico fica claro que a maioria dos trabalhos são oriundos de trabalhos finais de pós-graduação stricto sensu, com 54% das publicações sendo dissertações e teses. Este aspecto reforça o que foi dito anteriormente, no sentido de a maioria dos alunos de graduação usar o acervo para atividades ligadas às disciplinas de graduação, como suporte educacional na apreensão do conhecimento adquirido em sala de aula. O potencial de pesquisa presente no acervo é verificado na diversidade temática das produções dos usuários. Pois, os trabalhos publicados são de dezenove áreas do conhecimento, conforme se pode ver no Gráfico 3:

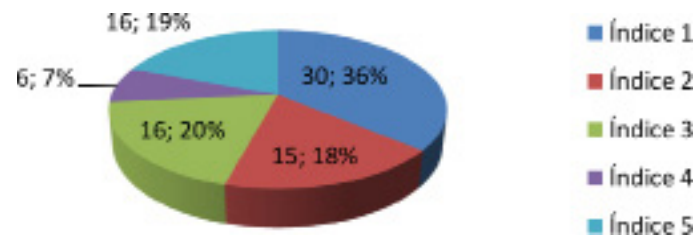
Gráfico 3 – Áreas do conhecimento dos trabalhos gerados



Fonte: Dos autores

Para entender a relevância das obras consultadas dentro das publicações dos usuários foi atribuído um índice com escala de 1-5, onde o índice 1 representa que a obra consultada foi citada apenas uma vez, ou poucas vezes na publicação, servindo com elemento auxiliar na produção deste conhecimento. Enquanto o índice 5 refere-se ao trabalho que usou a obra como objeto principal, sendo o cerne da pesquisa deste usuário. A maioria dos trabalhos (54,9%) usou as obras consultadas como suporte para entender ou justificar algum elemento dentro da pesquisa, com trabalhos classificados com índices 1 e 2. Contudo, uma quantidade significativa (45,1%) citou as obras raras consultadas como fonte importante ou mesmo principal para a realização da publicação, se enquadrando nos índices de 3 a 5. A dispersão dos trabalhos dentro dos índices de 1 a 5 pode ser vista no Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 – Relevância da obra consultada nas publicações geradas



Fonte: Dos autores

Salienta-se também que em toda tipologia de trabalhos analisados houve ao menos um em que os exemplares consultados do acervo serviram como objeto principal da pesquisa, sendo índice 5.

Obras consultadas, visitas, eventos, exposições e estágios

O conhecimento subjetivo de Popper (1975) é o reconhecimento do ser cognoscente que empiricamente conhece novas coisas, possibilitando novas ideias. Todo conhecimento adquirido consiste na modificação de alguma forma de conhecimento, ou seja, no aprimoramento do estado de conhecimento existente. Quando se considera o conhecimento gerado, não é coerente considerar somente aqueles estruturados em conhecimento objetivo. Toda forma de divulgação e de apresentação de novas ideias, a partir das visitas no Setor de Obras Raras da BCE/UnB, resulta num novo estado de conhecimento dos indivíduos.

No quantitativo de obras consultadas foi levantado que ao menos 316 títulos diferentes foram consultados. Em alguns formulários não foi possível identificar todos os títulos consultados. Desses 316, ao menos 49 (15,5%) títulos foram consultados mais de uma vez. As obras mais consultadas foram os manuscritos medievais, com 13 consultas, sendo que o Livro das Aves foi consultado em 6 ocasiões diferentes. Outros materiais que estão entre os mais consultados são os periódicos: O Pasquim (11 vezes), Manchete (10 vezes), Careta (8 vezes) e Movimento (6 vezes). A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi consultada em 6 ocasiões.

No Setor de Obras Raras há uma área para exposições onde fica uma exposição permanente de itens representativos do acervo. Estes itens deixam de ficar expostos apenas quando há a realização de alguma exposição temática. Esta área é aberta a visitas tanto para a comunidade interna, quanto externa. Também no Setor, são realizadas visitas técnicas, onde profissionais de outras instituições solicitam que lhes sejam repassados alguns conhecimentos técnicos a respeito do modo de gestão de acervos raros da BCE. Ao todo, neste período de dez anos, o Setor teve 71 visitas de turmas, conforme o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Visitas ao Setor de Obras Raras

Público	Tipo	Turmas
Externo	Escolas	10
	Faculdades	04
	Curso técnico	01
	Visitas Técnicas	07
	Outros	04
Interno	Alunos de Graduação	45

Fonte: Dos autores

Não há dados registrados quanto às visitas referentes aos anos de 2013 e 2014. Sabe-se também que os dados relacionados no Quadro 1 não correspondem ao total exato de visitas, indicando aquilo que foi possível levantar a respeito. Assim como, o total de 454 assinaturas no livro de visitas da exposição permanente não representa a realidade absoluta. De modo que, este levantamento traz dados que servem de comparativo, mas que revelam a necessidade de um maior controle e rigor na coleta destes.

No período analisado também foram realizadas algumas exposições temáticas, como a que ocorreu em novembro de 2012 em comemoração aos 50 anos da BCE, intitulada “O que é uma obra rara”; em 2014 houve a exposição “O centenário de Carlos Lacerda: objetos no Setor de Obras Raras” e entre 25 de outubro e 27 de novembro de 2017 foi realizada a exposição “Stella Maris e a participação da UnB no Projeto Rondon”, inclusive com uma exposição online

também. Em razão da Semana Universitária de 2018 o Setor de Obras Raras ofereceu como atividades, uma palestra intitulada “Censura a Impresses no Brasil: da colônia aos dias atuais” e visitas orientadas ao setor, montando com isso uma exposição sobre censura para os participantes destas atividades. Em 2018 também, professores do Departamento de História trouxeram eventos à BCE com temática relacionada diretamente com o Setor de Obras Raras, sendo a “Semana de Estudos Medievais” realizada entre 7 e 10 de maio e o evento “Materialidade e interpretação de manuscritos e impressos na Época Moderna” realizado nos dias 19 e 20 de outubro. Ocasões estas em que foram realizadas duas exposições de um único dia, exclusivas para os participantes dos eventos.

Quadro 2 – Exposições

Exposições	Período	Assinaturas no livro de visitas
BCE 50 anos: “O que é uma obra rara”	Nov. 2012	41
O centenário de Carlos Lacerda: objetos no Setor de Obras Raras	24 nov. / 07 dez. 2014	60
Stella Maris e a participação da UnB no Projeto Rondon	25 out. / 27 nov. 2017	103; 227 visualizações online
Impresses censurados no Brasil	24 set. / 11 out. 2018	184
Exposição “Manuscritos Medievais”	08 mai. 2018	Média de 60
Exposição “Materialidade do livro”	19 out. 2018	Média de 60

Fonte: Dos autores

O curso de Biblioteconomia da UnB, na disciplina Estágio Supervisionado 1, exige que os alunos do curso passem por diversos setores dentro das bibliotecas, sendo um deles, o de Obras Raras, onde eles cumprem 6 horas de estágio obrigatório. Muitos deles optam por fazer este estágio na BCE, de modo que foram atendidos 373 alunos no período analisado, com média de 45,6 alunos ao ano fazendo esta atividade, pois não foi possível contabilizar os dados referentes aos anos de 2013 e 2014.

Considerações Finais

Diante dos dados analisados, verificou-se um impacto considerável do acervo de obras raras nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da UnB, pois atende as necessidades informacionais de todas as categorias de usuários da BCE, que produziram trabalhos para cumprir objetivos da graduação, especialização e pós-graduação stricto sensu. Também atende às necessidades de uma comunidade externa à universidade, permitindo que o acervo de obras raras apoie a geração de produções de pesquisadores de outras universidades. Assim como, mostra que os trabalhos gerados usam as obras consultadas tanto como auxiliares no entendimento do objeto dessas produções, quanto como foco principal destas pesquisas.

Percebeu-se também a necessidade de melhorias nos métodos de controle de dados sobre consultas ao acervo e visitas ao Setor, pois verificou-se que dados de alguns períodos não refletiam fidedignamente a realidade do contexto pesquisado. A manutenção periódica e continuada deste levantamento permitirá que se tenha noção completa das atividades do Setor de Obras Raras, de modo a dar subsídios para a aprimoração dos serviços prestados e assim aumentar o número de usuários e pesquisas geradas a partir deste acervo. Para isso, notou-se a necessidade de aumentar a divulgação do acervo de Obras Raras, principalmente à comunidade interna.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, V. M. A modernidade do livro de arte brasileiro: a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de obras raras da UnB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS, 17, 2008. **Anais...** Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/074.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

BERTINAZZO, S. M. F. **Ex libris**: pequeno objeto do desejo. Brasília: Edunb, 2012. Disponível em: <www.bce.unb.br>. Acesso em: 26 mar. 2019.

BIBLIOTECA DIGITAL DE COLEÇÕES ESPECIAIS (BDCE). 2019. Disponível em: <bdce.unb.br>. Acesso em: 26 mar. 2019.

FONSECA, E. N. Biblioteca central da Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 1973.

LACERDA, A. R. L. A importância das bibliotecas particulares incorporadas aos acervos públicos: as coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XXVII, 2017. **Anais...** São Paulo: RBBD, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/825/964>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

LUCIANI, F. T. **Barleus**: oito anos de Nassau no Brasil. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/97>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

POPPER, Karl Raimund Sir. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 394 p.

SOUSA, R. T. B. (Coord.). **Inventário do Fundo Carlos Lacerda**. Brasília: BCE, 2000.

NOTAS:

1. As informações sobre a história da biblioteca foram retiradas do site da BCE: www.bce.unb.br.

2. As informações sobre as coleções, bibliotecas setoriais, bases de dados e bibliotecas digitais foram retiradas do site da BCE.

AS BIBLIOTECAS DE OBRAS RARAS COMO ESPAÇO DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Eva Lucia Medvedeff
Bacharel em Biblioteconomia
emedvedeff@gmail.com

Resumo

As bibliotecas de obras raras têm dentre suas funções, além de ser espaço de guarda e exposição, a responsabilidade de fomentar o estudo da história da humanidade, contribuindo para manter viva a memória do que fomos, somos e poderemos ser. O múltiplo conhecimento pode subsidiar estudos sobre as mais diversas atividades. Se dirigirmos atenção à materialidade do livro, o papel, seus tipos e formas de fabricação, encadernação, local e tempo onde foram desenvolvidas as técnicas, é possível abrir discussões nas áreas de história, sociologia e antropologia. A fabricação de tintas interessa a químicos, entre outros profissionais que podem contribuir para a conservação e/ou restauro, ou atualizar técnicas para melhor preservação do meio ambiente. A arquitetura, engenharia, artes plásticas e design encontram assuntos diversos nas construções de bibliotecas e livros. Administrar e organizar a biblioteca é um capítulo a parte. Para o acesso aos itens e manutenção de sua integridade, a catalogação e a indexação também são bases para preservação.

Introdução

Segundo Ranganathan (2009) para cada leitor um livro, para cada livro um leitor, sempre pensando no tempo do leitor e no crescimento constante da biblioteca. Mas... na biblioteca de obras raras existem alguns parâmetros diferentes que precisam ser observados. As bibliotecas são o espaço onde desde a Antiguidade os homens depositam seus conhecimentos e sua esperança de que o futuro saberá de sua existência e habilidades. Com o passar dos anos e por conta de todo tipo de intempéries a que foram expostas, as bibliotecas passaram a ter em seus acervos itens únicos ou quase únicos, que contam uma história além da que está inscrita em suas páginas. Itens que passaram a ter valor econômico e social, que despertam o desejo de muitos, pois o valor dos objetos está no julgamento dos sujeitos. Guardar e manter esses itens, expor com o cuidado necessário para que sejam preservados para as gerações futuras são algumas das incumbências de uma biblioteca de obras raras, o que mobiliza profissionais de várias áreas, além da Biblioteconomia. Estudar um livro raro abre múltiplos enfoques, da engenharia as técnicas de catalogação e indexação, da biologia as artes plásticas. Gerir uma biblioteca de obras raras requer conhecimento múltiplo, estudo constante e bom relacionamento com as áreas que podem contribuir ou se beneficiar de seu uso.

As bibliotecas

O estudo das bibliotecas antigas, berço original dos itens hoje considerados raros, é um campo vasto para a pesquisa. Onde e como estavam posicionadas as bibliotecas? Como eram organizados os livros e com que intuito? Quem possuía livros? Para que eram usados? Como conseguiam localizar um texto entre tantos? Existia uma regra para a aquisição de livros? Quem pensava nas coleções, se é que elas já existiam? Sempre houve diferença na organização das bibliotecas monacais, dos reis e universitárias ou o tempo e as mudanças ocorridas nos livros, na quantidade de livros e no uso fez com que mudassem até como as conhecemos hoje? As bibliotecas, seu acervo, cada item, são assuntos para muita pesquisa, teses, dissertações, TCCs. Os livros como conhecemos hoje, percorreram longo caminho até sua forma atual. De tabuletas amarradas por cordões aos formatos contemporâneos o códice foi aprimorado e aperfeiçoado para atender aos leitores, editores, escritores e toda sorte de envolvidos em sua produção, e a biblioteca acompanha as modificações para manter a guarda e o acesso aos itens. Mas o assunto é a biblioteca de obras raras hoje, a biblioteca que

aglutina disciplinas no estudo de cada um de seus itens e que é responsável por disseminar informação e conhecimento.

Segurança

A disseminação da informação é assunto corrente e recorrente em artigos e livros, mas não podemos esquecer que a guarda e a exposição dos bens ali depositados não pode ter seu acesso facilitado aos colecionadores inescrupulosos que os subtraem por simples prazer. O valor sugerido pela demanda gera um fetiche que em geral torna os objetos mais difíceis de serem comprados, o que gera mais fetiche, aumenta seu valor econômico e torna valiosos objetos que são desejados. O mercado desses colecionadores é vasto e os cuidados com a segurança dos livros não pode ser menor. Essa é uma das questões que envolvem a importância das bibliotecas de obras raras: a segurança. Não é possível esquecer da segurança para o acervo, para a edificação, para as pessoas que tem trânsito direto ao local. É preciso fazer o máximo para que as obras cheguem às próximas gerações ainda sendo disponibilizadas e que a história humana continue sendo contada e estudada. Sistema de segurança é mais uma das áreas que pode ser estudada a partir das bibliotecas de obras raras.

Química, física, meio ambiente e mais...

Se pensarmos na química: a cola, a tinta, o papel, a linha, o metal de que foi feita a capa, o verniz que protegeu a madeira, o composto utilizado para imprimir uma gravura, a diluição de cada elemento, a mistura exata para este ou aquele efeito, muitas vezes único e raro, fosse alcançado. O que ainda é possível reproduzir e quais elementos já não mais se encontram disponíveis.

Todo o processo de fabricação do papel, sua distribuição e uso podem ser acompanhados nos itens da biblioteca. As muitas modificações sofridas no preparo desde sua criação. Cada livro, folheto, periódico conta em seu suporte a história de uma área, de um tempo. As relações comerciais e sociais que envolvem a produção do papel são causas e consequências que fizeram e fazem a história, independente do conteúdo do livro.

A química tem na biblioteca de obras raras um manancial inesgotável de objetos de pesquisa. A tinta, o verniz, a madeira, a linha, o metal, o papel, a diluição de cada composto, a reprodução de materiais para conservação e restauro, para controle e combate de pragas, e para prolongamento da vida útil do acervo. A composição de cada um dos itens e suas variações pode mostrar como eram produzidos e porque sua produção foi descontinuada. Os avanços e pausas na produção de matéria-prima, disputas por controle comercial, a vida social das coisas envolvidas na produção dos itens que hoje se encontram nas bibliotecas de obras raras.

A construção das prensas, o processo de observação e preparo de cada tipo para a impressão. A compreensão e as modificações no espaço para imprimir texto e imagens, a criação de letras para facilitar a leitura para todos. Todo o preparo do pergaminho, papiro ou papel da fabricação, transporte, acondicionamento, uso. O desenvolvimento de suporte para a leitura até chegar ao formato códice que usamos até hoje.

A manutenção da vida das pessoas e dos objetos, o prédio, o que está e o que circula dentro e no entorno da biblioteca também pode ser estudado com vistas a melhorar o uso efetivo do espaço tendo como consequência a preservação e conservação dos itens.

Letras

O interesse das Letras na biblioteca de obras raras pode iniciar por seus clássicos da literatura, mas não é apenas este. A história da escrita, da leitura, dos tipos, dos formatos, dos parágrafos, vírgulas, pontos, espaços e margens, por sua criação e mudanças ao longo do tempo. A formação dos alfabetos, as palavras e seus significados que variam com o tempo e a região. As diferentes edições demonstram as mudanças ocorridas na composição do livro. O papel, os tipos, o uso da página, o público leitor.

Formação e desenvolvimento de coleções, catalogação, indexação

Outro aspecto que não pode ser relegado ao segundo plano é a formação e desenvolvimento de coleções. Sendo a ideia primeira a difusão da informação e do conhecimento, a facilidade da guarda, o acesso aos itens, a escolha do sistema de ordenação a partir de uma política estruturada precisa ser estudada e aplicada congregando os setores da biblioteca, tornando o trabalho e as decisões mais efetivas e coerentes quando a compra, recepção de doação ou descarte se fizerem necessários.

A catalogação e a indexação são campos de pesquisa na biblioteca de obras raras. A catalogação exaustiva é

mais uma forma de assegurar que em caso de furto ou roubo o item seja identificado e devolvido ao seu dono original. Sistemas têm sido desenvolvidos para que a descrição de dados e metadados faça essa identificação de maneira rápida e com o mínimo de erro.

A organização do conhecimento, a lógica das coleções, dos acervos, os sistemas criados para a guarda e localização de cada texto. A taxonomia que produz arranjos lógicos para ordenação. Os tesouros que unem ideias afins para que a busca por termos congêneres não se perca e o resultado seja o mais completo possível.

Conservação e preservação como início e fim

Para resolver, ou ao menos minimizar os problemas de conservação e preservação profissionais de várias áreas precisam estar envolvidos. Engenheiros e arquitetos em contato com químicos, meteorologistas para estudar os materiais existentes na biblioteca para um sistema adequado de controle do ambiente, gerando assim um menor risco para o acervo e pessoas que trabalham ou transitam por lá. Isso cria um campo de estudo, pois não podemos esquecer da segurança para o acervo, para a edificação, para as pessoas que lidam diariamente com a situação. A difusão do conhecimento, da informação passa pela segurança dispensada ao conjunto acervo, usuários, pessoal.

Figura 1



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1339708_894/icon1339813.jpg

A partir de medidas básicas será mais seguro abrir as portas das bibliotecas de obras raras, pois funcionários e usuários terão conhecimento de sua importância. O patrimônio ali guardado terá seu valor reconhecido como difusor de conhecimento histórico.

Design, artes plásticas

As bibliotecas de obras raras são espaços onde o design e as artes plásticas têm espaço e lugar. As artes decorativas estão guardadas nos livros, tanto em seu conteúdo quanto na sua produção. Manuais produzidos séculos atrás inspiram todas as artes, guardam e trazem de volta estilos e modas de tempos passados. Nos livros de anatomia o corpo humano é conhecido, além de animais, flores, plantas, tudo encontramos nos livros.

As religiões são objeto de estudo nas bibliotecas de obras raras não só pelas mudanças nos conteúdos dos livros, edições diversas muitas vezes trazem textos modificados, e essas modificações causam transformações no comportamento da população e suas relações com as igrejas. Os formatos das bíblias, os livros de horas, missais e livros de cantos dizem muito do fazer de seus usuários.

Figura 2



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250111/icon1250111.jpg

Considerações finais

Darnton (1982), em “O que é a história dos livros?” mostra algumas interessantes facetas que as bibliotecas de obras raras guardam. Os livros e sua transformação através da história, e o que pode ser aprendido com livros antigos e raros. O comportamento de toda a sociedade está registrado em suas páginas.

As diferentes edições demonstram as mudanças ocorridas na composição do livro. O papel, os tipos, o uso da página, o público leitor.

Na Apresentação de “A ordem dos livros na biblioteca”, Weitzel (2007) lembra que, “É necessário refletir sobre nossas teorias e práticas da atualidade e de suas consequências futuras sobre as coleções que se deseja perpetuar.” A organização do conhecimento tem na biblioteca de obras raras campo de atuação para a preservação. Pensando em sistemas que permitam a localização dos livros de forma que não seja necessária sua mudança de lugar a cada aumento do acervo.

A biblioteca de obras raras pode ser a base e o ponto de apoio para a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade da Biblioteconomia, tendo em vista a multiplicidade de materiais usados como suporte para a escrita e transmissão de informação e conhecimento.

REFERÊNCIAS

BURY, Richard de. **Philobiblon, ou, O amigo do livro**. Ed. bilíngüe Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

CRIPPA, Giulia. **Políticas da Informação**: representações artísticas e literárias de livros, bibliotecas e de seus protagonistas. São Paulo: Todas as musas, 2014.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FARIA, Maria Isabel. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EdUSP, 2008.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **A ordem dos livros na biblioteca**: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa. Colaboração de Simone da Rocha Weitzel. Rio de Janeiro; Niterói (RJ): Interciência: Intertexto, 2007.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

VAILLANT CALLOL, Milagros. **Biodeterioração do patrimônio histórico**: alternativas para sua erradicação e controle. Rio de Janeiro: MAST: FCRB, 2013.

A BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS E ANTIGAS DO CENTRO DE TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO ESPAÇO DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Fabiana Magno de Lacerda

Bibliotecária e Arquivista -
Universidade Federal Fluminense
MBA em Gestão Estratégica
da Informação pela Escola
Politécnica da UFRJ.

Melina de Brito dos Santos

Mestranda de Ciência da Informação
do IBICT. Bibliotecária -
Universidade Federal Fluminense.

Resumo

A Sociedade do Conhecimento reconhece a importância da informação como um bem social, atribuindo-a o devido mérito no desenvolvimento cultural e social da humanidade (SÁ; SANTOS; PINTO, 2018). O uso da informação como matéria prima para estruturar um conhecimento, é definitivamente um assunto que determinará a empregabilidade de seus feitos e usos futuros. A palavra biblioteca nos remete a ideia de uma coleção material impressa ou manuscrita, ordenada e organizada com o intuito de estudo ou pesquisa futura (CUNHA, 2008). O objetivo da biblioteca é de assegurar a conservação e salvaguarda dos textos, o que facilitará o trabalho intelectual (BARBIER, 2005). A biblioteca é um instrumento de trabalho com a informação e com o conhecimento. A Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BOR/CT/UFRJ), foi fundada em 1968 e seu acervo data de 1810, paralelamente a inauguração da Academia Real Militar. Possui obras nacionais e internacionais, com predominância da língua francesa, produzidas entre o século XVII e século XX. Comporta um acervo de cerca de 23 mil obras monográficas e mais de mil títulos de periódicos, com conteúdo que abrange vários livros e imagens. Essa biblioteca atende um perfil de usuários, dentre eles os alunos de graduação, pós-graduação e professores, da UFRJ e de outras instituições, que são responsáveis diretamente pela difusão da informação e o desenvolvimento de novos conhecimentos. A ciência é cumulativa e a biblioteca tem a função de preservar a memória, organizando a informação para que todo ser humano possa usufruir dela (MILANESI, 1985). Com isso, podemos relacionar com o perfil dos usuários e suas necessidades de estudos, existe a crença de que na medida em que surgem os dados, outros novos dados serão exigidos, e com isso leva as novas buscas. A biblioteca proporciona esse jogo com os dados, onde a multiplicidade das informações que se reforçam ou que se anulam, mas estará ela chegando ao seu objetivo, que é estar sempre um pouco mais a frente (MILANESI, 1985). Neste aspecto se reflete a necessidade da Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BOR/CT/UFRJ) como uma figura e/ou espaço de difusão do conhecimento.

Introdução

Com as novas tecnologias, a internet e as redes sociais, além do acesso as informações de forma instantânea têm

modificado o comportamento e hábitos da população leitora e que trabalha com pesquisa. A figura da Biblioteca é vista como algo arcaico e muito ultrapassado. Muitos indagam: “para que servem as bibliotecas agora, se toda e qualquer tipo de informação, científico ou não, está disponível em um clique do mouse?”

A palavra biblioteca nos remete a ideia de uma coleção material impressa ou manuscrita, ordenada e organizada com o intuito de estudo ou pesquisa futura (CUNHA, 2008). O objetivo da biblioteca é de assegurar a conservação e salvaguarda dos textos, o que facilitará o trabalho intelectual (BARBIER, 2005). A biblioteca é um instrumento de trabalho com a informação e com o conhecimento.

As bibliotecas têm origem muito antiga. Sua sobrevivência como instituição, adaptando-se às mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Esta seria suficiente para deixar evidente que lhe cabe desempenhar uma importante função, embora essa função nem sempre alcance pleno reconhecimento em todas as sociedades, por razões de ordem histórica e cultural.

Biblioteca é um diferencial na pesquisa acadêmica, principalmente no fornecimento de dados para pesquisas diversas - seja em história, filosofia, matemática e entre outros.

A ciência é cumulativa e a biblioteca tem a função de preservar a memória, organizando a informação para que todo ser humano possa usufruir dela (MILANESI, 1985).

A Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BOR/CT/UFRJ)

A Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BOR/CT/UFRJ) foi fundada em 1968, no prédio do Centro de Tecnologia da UFRJ, onde permanece até hoje. Porém seu valioso acervo data de 1810, paralelamente a inauguração da Academia Real Militar.

Possui em seu acervo obras nacionais e internacionais, com predominância da língua francesa, produzidas entre o século XVII e século XX. O acervo é composto por aproximadamente 23 mil obras monográficas e mais de mil títulos de periódicos, além de teses, manuscritos, fotografias, in-fólios e folheto, com conteúdo que abrange as áreas de matemática, física, química, engenharias e história das ciências.

São encontradas em seu acervo títulos de grandes nomes da ciência moderna, tais como Isaac Newton, Lavoisier, Euler, Laplace e etc. Também possui obras de ilustres brasileiros que corroboraram para o desenvolvimento da engenharia e arquitetura no Brasil, como André Rebouças, Paulo de Frontin, Henrique Morize, Saturnino de Brito, Amoroso Costa, Barão de Teffé, entre outros.

Como produtos e serviços são ofertados catálogo de obras restauradas, catálogo da Memória da Engenharia Nacional e catálogo da Bibliotheca da Escola Polytechnica, de 1882, bem como exposição de obras e visita guiada. O acesso ao acervo é realizado por meio de agendamento prévio (bor@ct.ufrj.br), sendo necessário acessar previamente a Base Minerva¹ para informar quais obras deseja consultar.

Essa biblioteca atende um perfil de usuários, dentre eles os alunos de graduação, pós-graduação e professores, tanto da UFRJ quanto de outras instituições. São em sua maioria pós-graduandos e professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE)² da UFRJ. Estes usuários são responsáveis diretamente pela difusão da informação e o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Em um ambiente como o universitário com diversos tipos de usuários, estes demandam também de diferentes necessidades. Em uma biblioteca universitária o atendimento ao aluno recém ingresso deverá ser diferente do aluno final de curso, pois sua forma de agir e tentar localizar a informação a princípio é confusa, por não tem o conhecimento funcional da instituição. Ranganathan (2009) preconiza e discute a postura do bibliotecário a possibilitar o acesso do usuário a informação. Há uma preocupação do bibliotecário em ser o fio condutor entre o usuário e a informação.

Via de regra, como a biblioteca de obras raras não costuma receber graduandos na biblioteca, existem algumas formas de atrair usuários recém-chegados a UFRJ. Uma delas é a visitação e exposição das obras do século XVII a XIX, com títulos de Isaac Newton e Vitruvio, por exemplo. O HCTE solicita esse serviço de acolhimento dos alunos dentro de um calendário específico do programa. Outra solicitação atribuída ao serviço de referência da biblioteca, que é oferecido aos pesquisadores que querem consultar determinada obra do acervo. Como a biblioteca tem como função disponibilizar a informação necessária correlata para seu usuário, o serviço de referência também disponibiliza obras que estejam correlacionadas com a obra ou temática pedida pelo usuário/pesquisador.

Para Grogan (1995), o serviço de referência aplica-se a uma assistência efetivamente prestada ao usuário que necessita de informação. No processo, se formula uma consulta ao bibliotecário, mas ela se estende durante e além da busca da informação solicitada, realizada pelo bibliotecário.

“[...] É fundamental não perder de vista a transação como um todo, um processo essencialmente de comunicação

interpessoal com a finalidade específica de satisfazer a necessidades de informação de outrem” (GROGAN, 1995, p. 51).

Um dos fatos que está inserido no cotidiano das bibliotecas está relacionado - em grande parte - ao material do acervo que precisa ser deliberadamente utilizado, a fim de proporcionar algum benefício aos seus usuários. O serviço de referência é mais do que um expediente para a comodidade do usuário.

Ao observarmos com mais clareza, o processo de referência se constitui somente de um aspecto da busca pela informação e conhecimento, ao qual a pessoa empreende e conserva sua qualidade de ação e/ou lógica, o que é inquestionavelmente humana. Sem que o bibliotecário aproxime a fonte do usuário, esse fluxo jamais existirá ou só existirá de modo ineficiente. A finalidade do serviço de referência é permitir que as informações fluam eficientemente entre as fontes de informação e para quem precisa de informações.

A sociedade do conhecimento

Na Idade Média se obteve o início das sociedades organizadas, e a primeira foi intitulada de Sociedade Agrícola. A Sociedade Agrícola era formada por camponeses e senhores feudais, onde quem possuísse maiores terrenos e plantações era o detentor de maior poderio/riqueza.

Com a Revolução Industrial, o detentor de maior poderio passa a ser aquele que tem maiores riquezas acumuladas no banco, fábricas e/ou em construções, dando início a Sociedade Industrial. Meados do século XX entrou em ação a Sociedade da Informação, que se embasava em simplesmente sobre o uso estratégico ou tático para a obtenção de maior número de informação possível, onde o mais bem informado será o mais forte.

Ao final do século XX, houve vários questionamentos que foram muito debatidos, principalmente pelo indivíduo ser bem informado não quer dizer que este saberá utilizar de forma inteligência e específica aquela informação tornando-o algo único -- ao qual irá ser um diferencial para sua existência e sobrevivência. Nesse sentido, entra em cena a Sociedade do Conhecimento.

A Sociedade da Informação e do conhecimento é reconhecida pelo uso intenso da informação e do conhecimento e das tecnologias de informação e da comunicação, na vida do indivíduo e da sociedade, em suas diversas atividades (DZIEKANIAK; ROVER, 2012, p. 03).

As primeiras tentativas da sistematização do Conhecimento vieram da Europa: a primeira Escola de Engenheiros foi fundada na França em 1747, *École des Ponts et Chaussées*, logo seguida pela *École Polytechnique*, em 1794. Na Alemanha, a primeira Escola de Agricultura foi fundada em 1770. Simultaneamente, um dos mais importantes livros da história, a Enciclopédia, foi editado entre 1751 e 1772 por Denis Diderot e Jean D’Alembert.

Eles almejavam reunir todas as tecnologias existentes de forma que estas pudessem ser aprendidas por “tecnologistas”. Tecnologia é a combinação de *téchne* (Conhecimento) com *logy* (organizado, sistematizado). O termo surgiu, portanto, durante o século XVIII, a partir do movimento de criação das Escolas e das tentativas de sistematização do Conhecimento (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 54).

Com a revolução industrial, a tecnologia ganha importância, mas o capital e o trabalho passam a ser as forças motrizes do desenvolvimento econômico. Uma nova realidade, no entanto, vem se impondo no cenário mundial: a chamada Sociedade do Conhecimento (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 55).

Atualmente nos encontramos em um mundo onde, pela primeira vez, o conhecimento supera os fatores tradicionais de produção, no processo de criação de riqueza. Mesmo em setores econômicos mais tradicionais, como a agricultura, a indústria de bens de consumo e de capital, a competição é cada vez mais baseada na capacidade de transformar informação em conhecimento e conhecimento em valor. Informação, conhecimento, criatividade e inovação são os ingredientes básicos para todas as organizações que atuam nesta nova sociedade, sejam elas públicas ou privadas (CAVALCANTI, 2010).

De acordo com Thomas Hobbes (1588-1679) o “Conhecimento é poder”, onde determinado indivíduo obtenha o poder para criar, manter e/ou inovar algo. O conhecimento é caracterizado como aquele que traz eficiência de estado e organização para o pessoal e/ou para o coletivo. “O conhecimento vem a ser o valor agregado à informação, “que culminará na tomada de decisões acertadas, no saber fazer” (DZIEKANIAK; ROVER, 2012, p. 03).

A Sociedade do Conhecimento é uma forma de organização, onde o conhecimento ganhou visibilidade. Algumas das alianças e parcerias que conhecemos, são pautadas em troca de conhecimento, onde este possibilita a valorização do conhecimento e da riqueza econômica para muitos países.

[...] na Sociedade do Conhecimento, devem ter formação crítica e elas próprias devem compreender qual informação possui fonte fidedigna e serem capazes de encontrar a informação que procuram e, ao mesmo tempo, produzirem informação para ser consumida, interpretada e criticada por

O executivo e as várias áreas que se encontram no meio de uma Sociedade de Conhecimento, são obrigados a lidar com várias informações e transformá-los em um novo conhecimento. O pesquisador é um dos principais fornecedores desses novos conhecimentos advindos de pesquisas e uso de vários contextos construtivos e destrutivos.

No século passado, todo e qualquer informação e/ou conhecimento era concentrado a poucos e o acesso era limitado. Nesse sentido, existia pouquíssima incidência de geração de novo conhecimento, pelo fato da existência de poucos pesquisadores e da dificuldade em se obter o acesso ao material necessário para realizar a pesquisa. Com o advento das novas tecnologias - principalmente das mídias sociais - o acesso a informação, o disseminar a informação e o compartilhar a informação, ganham outra perspectiva. Com a ideia da implementação de um acesso facilitado a informação, que acarretará consequentemente em um maior incentivo na geração do conhecimento. Em parte a disponibilidade facilitada da informação, permitiu valorização da informação e uma geração exponencial do conhecimento - o que nos leva a crer que a informação ganha destaque, principalmente em meio a sociedade e ao mercado.

Informacionalização da economia é o uso da informação sobre algo que é considerado rentável e viabiliza o tempo sob a matéria. Nisso, se aplica qualquer pesquisa e tudo que auxilia a projetização e a concretização da pesquisa em menos tempo. A informação como mola propulsora do crescimento do capitalismo, o aumento de desigualdades sociais e o desenvolvimento de uma consciência maior, que escapa ao mando das grandes potências econômicas, haja vista às potencialidades ofertadas pelo próprio desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (DZIEKANIAK; ROVER, 2012).

O conhecimento é intangível e o principal fator de produção atual. Conhecimento é o que cria mais riqueza. O conteúdo tem mais valor. A valorização dada ao material, não se aplica ao conhecimento, isso significa que a valorização voltada ao conhecimento é constante e primordial para qualquer intento. O conhecimento não fica obsoleto, somente agrega.

O intento da economia do conhecimento é colocar que quanto mais se compartilha mais será seu valor, além de haver uma personalização em massa e com isso a geração de uma inovação na área ou em assuntos afins. Nesse sentido, o debate fica em torno sobre “à importância da informação e do conhecimento, não como bens sociais, mas sim, como matérias prima para o desenvolvimento da livre concorrência econômica” (DZIEKANIAK; ROVER, 2012, p. 03).

Neste contexto, a Sociedade do Conhecimento é onde as ideias

[...] passam a ter grande importância, estão surgindo em várias partes do mundo os ThinkThanks, que nada mais são do que grupos ou centros de pensamento para a discussão de ideias. Esses centros têm por objetivo a construção de um mundo, de uma sociedade mais saudável do ponto de vista econômico e social, que possa desfrutar de uma melhor qualidade de vida (DZIEKANIAK; ROVER, 2012, p. 03).

Para Dziekaniak e Rover (2012), a informação e o conhecimento são bens públicos, na qual auxiliariam no desenvolvimento e potencialidades das diversas sociedades já existentes. Apesar do pensamento dos autores, existe uma grande dificuldade entre a boa vontade na elaboração teórica do Manifesto e a aplicação prática do mesmo pelas Nações. Para isto, o contexto esperado pela Sociedade do Conhecimento é aquele que distribui igualmente para todos os empenhos realizados por todos.

A Biblioteca de Obras Raras como instrumento gerador de conhecimento

A biblioteca é compreendida como uma coleção organizada de vários registros informacionais que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, com fim de atender às necessidades de informação, de pesquisa, da educação e do lazer de seus usuários (CUNHA, 2008). Já o conceito de obras raras, é denominado por Silva e Freire (2006, p. 6), como sendo as “responsáveis pelo estímulo, pela imaginação e pela curiosidade intelectual de pesquisadores”, sendo assim, elas possuem uma estabilidade, pois sobrevivem diante das constantes mudanças que contribuem para a immortalização das atuações e realizações da humanidade.

Independente do objetivo da coleção, seu acervo é de valor inestimável, portanto, é necessária a adoção de processos e políticas rigorosas de preservação. O acesso a essas coleções geralmente é limitado e burocrático, para se manter o controle de quem as manuseará e com quais objetivos sequer consultá-las. Desta forma, cria-se um paradigma dentro da biblioteca, onde sua função é promover a disseminação e o uso constante do conhecimento que abriga e, ao

mesmo tempo, tomar todas as medidas necessárias à conservação dos documentos (GREENHALGH, 2011, p. 161).

A história da biblioteca é uma história de registro da informação destacada na própria trajetória do homem. Este se manifestou na medida da produção do registro informativo (MILANESI, 1985). O uso do suporte para registro informativo engendrou sistemas para reter a informação sobre o suporte concreto, o papel. “Quanto mais o homem gera documentos, mais profissionais especializados no controle da informação buscam instrumentos e técnicas que permitem a cada homem encontrar o dado que procura” (MILANESI, 1985, p. 16-17).

O registro da informação permite uma transposição de relatos, a construção de um conhecimento e a possibilidade da geração de novos dados. A partir de determinada leitura de um registro é estimulado a criação de novos dados, inclinando assim, para novas pesquisas. Nesse sentido, a biblioteca é uma figura que motiva a geração de novos dados. Uma biblioteca de obras raras como a BOR, que possui a veracidade de seus documentos e dados, é considerada uma forte geradora exponencial de dados, a partir de seus dados únicos e raros.

A palavra “Dado” para Zins (2007) é frequentemente usada para referenciar as recuperações decodificadas pelo computador, onde a maioria são usadas para se referirem as observações estatísticas ou coleções de evidências. Com isso, temos a ideia de que os Dados são códigos invariáveis em sistemas de computadores – uma representação de fatos ou idéias – ao qual pode ser comunicada ou manipulada por algum processo. Os Dados são entendidos como um conjunto de símbolos, itens com números ou outra informação, que são adquiridas através da observação de forma quantificada e/ou qualificada.

Nisso, temos a noção de que os Dados são fatos e estatísticas que podem ser quantificados, medidos, contados e armazenados. Os Dados podem ser definidos como uma classe de objetos informacionais, construindo unidades de codificação binária e que se destina a ser armazenado, processado e transmitido por computadores digitais. Os dados são itens discretos de informação, fatos simples e isolados, produtos de atividade intelectual em sua forma bruta, o quê, de acordo com Zins (2007), é chamado de fatos sobre algum assunto e não é definido dentro de uma estrutura trabalhada. A informação é estruturada como um conjunto de significados com fins de se criar um conhecimento específico.

Zins (2007) destaca que os “Dados” são as observações dos fatos sobre o mundo - que são coletadas por cientistas, com pouca interpretação contextual. Nas abordagens de Zins (2007) são ressaltados os conceitos sobre o dado, a informação e o conhecimento, além de afirmar que estes conceitos se encontram incorporados no conceito de ciência da informação, ou seja, seus conceitos estão inter-relacionados.

Dados são comumente concebidos como matéria-prima para informação, que é concebido como a matéria prima para conhecimento. Além disso, para Zins (2007), o conhecimento é um fenômeno social pertinente ao ser humano - um produto deliberado da mente humana. Isto pode ser gravado, o que torna sua comunicação mais eficiente, e facilita seu armazenamento, manipulação e recuperação. O conhecimento é composto de elementos brutos, chamados dados, e é transportado em pacotes, chamados documentos.

Desde a Grécia antiga existem diferentes visões sobre o significado e a função do Conhecimento, tanto no Ocidente como no Oriente. Sócrates e os monges Taoístas e Zen acreditavam que a única função do Conhecimento era o auto-conhecimento, e que ele deveria ser usado para o crescimento pessoal, para aumentar nossa auto-satisfação/auto-estima e sabedoria (CAVALCANTI; GOMES, 2001). Neste preceito, o conhecimento pode ser interpretado como algo que alguém absorve somente através de um aprendizado e/ou experiência. Portanto, é algo que não se tem uma aplicação específica, não possui princípios gerais ou qualquer tipo de formalização ou padronização (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 54).

[...] o Conhecimento, como aquele incorporado nos seres humanos (“capital intelectual”) e na tecnologia, sempre foi central para o desenvolvimento econômico. Mas apenas nos últimos anos, quando as atividades econômicas tornaram-se mais e mais intensivas/abundantes em Conhecimento, sua importância relativa foi reconhecida. Investimentos em Conhecimento, tais como pesquisa e desenvolvimento, educação e treinamento, e abordagens inovadoras para o trabalho são consideradas a chave para o crescimento econômico” (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 62).

As variadas pesquisas são interpretadas como uma competição que são cada vez mais baseadas “na capacidade de transformar informação em Conhecimento e Conhecimento em decisões e ações” (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 53). A informação é “considerada o insumo básico para o desenvolvimento do conhecimento, ou seja, não são sinônimos” (DZIEKANIAK; ROVER, 2012, p. 03).

Conforme Cavalcante e Gomes (2001, p. 56) “não podemos nos contentar em gerar novos Conhecimentos, em fazer apenas a pesquisa pela pesquisa, ou simplesmente em coletar informações e guardá-las”.

Em todos os campos de pesquisa, a informação sempre é associada ao poder. O poder está associado à flexibilização e bom uso da informação, que permite o trabalho obter reconhecimento ou valor em determinado campo de pesquisa

ou área do conhecimento. Com a necessidade dada a partir de novas pesquisas, as estratégias e as forma de obter a informação mudam. Com isso em mente, nos remete sempre a ideia de que “é indispensável estar atento às mudanças, ser flexível, perceber as inovações tecnológicas e [...] entender que informação e Conhecimento são fatores estratégicos” (CAVALCANTI; GOMES, 2001, p. 58).

A palavra Conhecimento é considerada um termo que indica erudição, instrução, saber (CUNHA, 2009). O conhecimento é “criado por seres humanos e serve a alguns interesses melhor do que outros, mas deve ser examinado em relação às implicações analíticas daqueles que desejam servir-se a algum interesse” (MENDES; SOARES, 2016, p. 581).

O Conhecimento é uma “operação vital imanente que tem por efeito fazer um objeto presente ao sentido ou à inteligência” além de ser considerada “a informação mais valiosa e [...] mais difícil de gerenciar [...] precisamente porque alguém deu a informação um contexto, um significado, uma interpretação” (CUNHA, 2009, p. 101). Nesse sentido, “a informação tem sua origem e seu destino na sociedade que a gera e a transforma em conhecimento, e à formação do profissional da informação” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 132).

A Sociedade do Conhecimento reconhece a importância da informação como um bem social, atribuindo-a o devido mérito no desenvolvimento cultural e social da humanidade (SÁ; SANTOS; PINTO, 2018). O uso da informação como matéria prima para estruturar um conhecimento, é definitivamente um assunto que determinará a empregabilidade de seus feitos e usos futuros.

Considerações finais

Com isso, podemos relacionar com o perfil dos usuários e suas necessidades de estudos, que existe a crença de que na medida em que surgem os dados, outros novos dados serão exigidos, e com isso leva as novas buscas. A biblioteca proporciona esse jogo com os dados, onde a multiplicidade das informações que se reforçam ou que se anulam, mas estará ela chegando ao seu objetivo, que é estar sempre um pouco mais a frente (MILANESI, 1985).

Neste aspecto se reflete a necessidade da Biblioteca de Obras Raras e Antigas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BOR/CT/UFRJ) como uma figura e/ou espaço de difusão do conhecimento.

A biblioteca de obras raras é uma boa fornecedora de dados verídicos, além de ser uma excelente incentivadora a pesquisa, o que consequentemente implica na formulação de novos dados. Quando pensamos em pesquisas em qualquer área, todas necessitam de informação verídica e precisa onde, muita das vezes, somente uma biblioteca física pode oferecer. Por esse motivo, a biblioteca de obras raras por ser fonte de informação concreta e fidedigna, nos remete a certeza por possuir dados únicos. Esta é indispensável para a pesquisa científica na atualidade e para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, Frédéric. A invenção da escrita: o livro na Antiguidade. In: _____. **A história do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. cap. 1.
- CAVALCANTI, Marcos. **O trabalho na era do conhecimento**. 2010. Disponível em: <<https://textosparareflexao.blogspot.com/2010/05/o-trabalho-na-era-do-conhecimento.html>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- DZIEKANIAK, G.; ROVER, A. Sociedade do conhecimento: características, demandas e requisitos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 7, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/29394>>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- GREENHALGH, R. D. Digitalização de obras raras: algumas considerações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 159-167, jul./set.2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362011000300010>>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- GROGAN, Denis. **A prática do Serviço de Referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.
- MENDES, Suênia Oliveira; SOARES, Ana Paula Alves. Analysis of citation of the work “what is Knowledge Organization (KO)?” of the Hjørland. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC, v. 21, n. 3, p. 579-588, ago./nov. 2016.
- MILANESI, Luiz. **O que é biblioteca**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet Lemos, 2009.
- SÁ, J. M.; SANTOS, M. B.; PINTO, F. M. A. G. Proposta de programa de competência em informação em biblioteca universitária de enfermagem da Universidade Federal Fluminense: desafios para o profissional da informação. In: _____. **Anais do XLI Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação**, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, G. S.; FREIRE, B. M. J. Folheando livros: incursão teórica em tesouros bibliográficos e bibliológicos. **Biblionline**, João Pessoa, v. 2, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/613/450>>. Acesso em: abr. 2019.
- VITORINO, Elizete Viera; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n.1, jan./abr. 2011, p. 99-110.
- ZINS, C. Conceptual approaches for defining data, information and knowledge. **Journal of The American Society for Information Science (JASIST)**, v. 28, n. 4, p. 526-535, 2007.

NOTAS:

1. www.miverva.ufrj.br
2. <http://www.hcte.ufrj.br/index.html>

AS OBRAS RARAS DO CENTRO DE MEMÓRIA DA MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: difusão do conhecimento e dinamismo entre os acervos bibliográfico, museológico e arquivístico histórico

Ráisa Mendes Fernandes de Souza

Bibliotecária do Centro de Memória da Medicina da UFMG e doutoranda em Ciência da Informação pela UFPB
raisamendess@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Professora Doutora da Escola de Ciência da Informação - UFMG
apmeneses@gmail.com

Ethel Mizrahy Cuperschmid

Historiadora do Centro de Memória da Medicina/UFMG doutora em História pela UFMG
ethelmizrahy@yahoo.com.br

Resumo

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), antiga Escola de Medicina de Belo Horizonte, foi fundada no ano de 1911 e o Centro de Memória da Medicina (CEMEMOR) foi inaugurado no ano de 1977. Atualmente o centro é composto por três acervos distintos: o acervo museológico, o acervo arquivístico histórico e o acervo bibliográfico raro/precioso formados ao longo dos anos por meio de doações de professores, ex- alunos e de seus familiares. As exposições temporárias, promovidas pelo Museu, são acompanhadas de exemplares do acervo bibliográfico e arquivístico, no intuito de enriquecer o seu contexto e divulgar o conteúdo histórico preservado pelo Cememor. A partir desse contexto, a proposição e o objetivo geral do presente trabalho são de discutir a importância da integração das obras bibliográficas raras enquanto difusoras do conhecimento em contextos que ultrapassem os espaços físicos das bibliotecas. Os objetivos específicos compreendem: entender novas possibilidades de disseminação do acervo bibliográfico raro sem prejudicar a sua preservação; fortalecer a importância da integração de acervos de diversas tipologias enquanto instrumentos dotados de contexto e memória; considerar alternativas que aperfeiçoem as atividades de extensão em centros de memória universitários. Como métodos, foi adotado o método de estudo de caso descritivo, com foco na discussão da divulgação do conhecimento científico a partir da experiência do Cememor e seus diversos acervos. Nesse sentido, as etapas para a efetivação deste estudo de caso abarcam o levantamento bibliográfico, levantamento das obras bibliográficas que se encontram nas exposições do Museu, análises e redação das considerações finais. Conclui-se que uma biblioteca de obras raras, além de proporcionar serviços tradicionais como salvaguarda, pesquisa e consulta, também é capaz de ressignificar seu acervo, transformando-o em uma coleção que está constantemente em movimento (fisicamente ou não), aperfeiçoando sua extensão com a comunidade interna e externa e contribuindo para a construção e divulgação do conhecimento científico.

Introdução

A institucionalização da custódia e disseminação do patrimônio material, concretizada por meio da criação de museus, arquivos e bibliotecas, tem impulsionado pesquisas que defendem a preservação documental histórica e rara. Trata-se de uma preservação não somente das propriedades físicas de acervos especiais, mas também dos personagens

que rodeiam suas trajetórias, dos seus contextos de criação e dos discursos que esses objetos, mesmo sendo inanimados, carregam.

Segundo Von Simon (2000), a importância da sistematização de registros da memória institucional ou mesmo de uma área do conhecimento, possibilitando sua recuperação, está na possibilidade de se traçarem paralelos entre passado e presente, da reconstrução crítica de fatos históricos e do incentivo às discussões sobre a evolução do saber. Para a mesma autora, os centros de memória são definidos como instituições que, de forma profissional e seguindo critérios pré-estabelecidos, realizam o trabalho de coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social retida em suportes materiais diversos. Os centros surgiram no Brasil por volta da década de 1980, inseridos em um cenário de redemocratização do país, trazendo à tona a valorização da cultura e identidade das organizações e dos coletivos sociais (CAMARGO; GOULART, 2015).

O Centro de Memória da Medicina (CEMEMOR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi inaugurado no ano de 1977 e atualmente abarca, além das peças museológicas, um rico acervo de livros raros e preciosos e documentos históricos. Essas três coleções foram formadas por meio de doações de professores, ex-alunos e de seus familiares. As exposições temporárias, promovidas pelo Museu, são acompanhadas de exemplares do acervo bibliográfico e arquivístico, no intuito de enriquecer o seu contexto e divulgar o conteúdo histórico preservado pelo Cememor.

Após várias modificações em seu espaço físico, atualmente o Cememor é constituído por duas galerias: Antônio Gonçalves Gomide e Luís Gomes Ferreyra para suas exposições de longa duração, um corredor interno com dez vitrines expositivas, uma sala para secretaria administrativa que abriga parte do acervo pictórico, uma sala de reuniões compartilhada com outros setores da Faculdade, a reserva técnica e, por fim, a sala de pesquisa que também abarca o acervo arquivístico e bibliográfico.

Dependendo do assunto abordado, ou personalidade homenageada, são retirados provisoriamente dessas duas coleções manuais ou obras de referência raros, fotografias, cartas e documentos/livros assinados que possam completar e ilustrar a coleção museológica exposta para visita. Na impossibilidade de retirada de algum exemplar bibliográfico, por questões de segurança e conservação, este é fotografado - sem flash - ou digitalizado parcialmente e sua reprodução é exposta em conjunto com as peças tridimensionais.

O objetivo geral do presente trabalho é o de discutir a importância da integração das obras bibliográficas preciosas enquanto difusoras do conhecimento em contextos que ultrapassem os espaços físicos das bibliotecas. Os objetivos específicos compreendem: entender novas possibilidades de disseminação do acervo bibliográfico raro sem prejudicar a sua preservação; fortalecer a importância da integração de acervos de diversas tipologias enquanto instrumentos dotados de contexto e memória; considerar alternativas que aperfeiçoem as atividades de extensão em centros de memória universitários.

Para efetivação dessa proposição, foi adotado o método de estudo de caso descritivo, com foco na discussão da divulgação do conhecimento científico a partir da experiência do Cememor e seus diversos acervos. Nesse sentido, as etapas para a efetivação deste estudo de caso, abarcam o levantamento bibliográfico, levantamento das obras bibliográficas que se encontram nas exposições do Museu, análises e redação das considerações finais.

O trecho seguinte trará um panorama de como encontram-se as obras bibliográficas nas exposições museológicas.

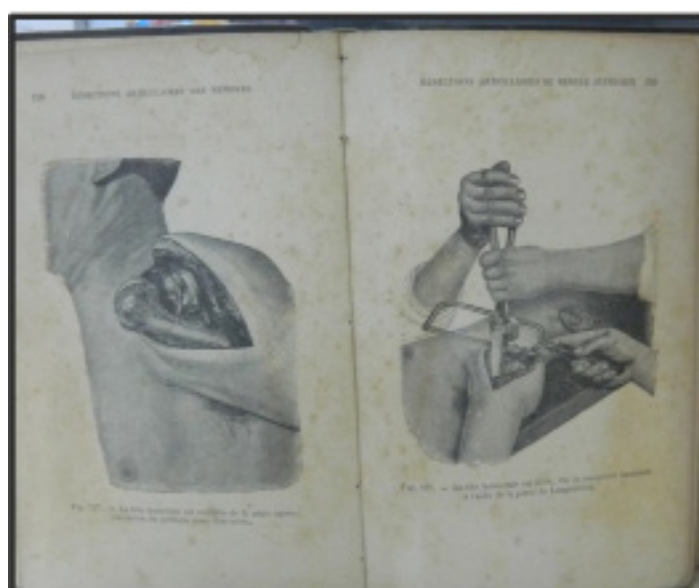
Exposições museográficas e o dinamismo entre acervos

Atualmente podem ser identificadas dez exposições com equipamentos e instrumentos relacionados a história da saúde e que são acompanhadas também de material bibliográfico raro, precioso ou comum, bem como alguns documentos arquivísticos. As coleções envolvem as seguintes temáticas: medicina na guerra, homenagem a Alfredo Balena, microscopia, radiologia, seringas raras, odontologia, farmácia, anatomia, construção da Faculdade de Medicina da UFMG e a vida médica de Juscelino Kubitschek. Os livros que acompanham essas coleções foram publicados entre os anos de 1890 a 2002 e abordam os assuntos das respectivas obras museológicas que formam as exposições.

Logo no corredor principal do Museu, ainda na entrada, é possível encontrar a primeira exposição que conta com material bibliográfico, trata-se da exposição sobre medicina na guerra (Figura 1). Uma espada, um capacete de guerra e um telefone portátil foram doados por um médico cujo avô foi também médico, por sua vez na Segunda Guerra Mundial. A partir desses artefatos, foram retirados do acervo bibliográfico livros que continham ilustrações sobre as cirurgias de guerra, as quais tinham função paliativa nos soldados. Como as cirurgias eram realizadas por vezes, em situações insalubres e com recursos precários, a intenção era reparar a lesão do paciente de forma que ele tivesse condição de retornar ao campo de batalha. As obras selecionadas para serem exibidas foram as de Orr e Lubbock (1944), Trueta (1940), Zuckerkandl (1900), Williens (1916) e Lejars (1923). Orr e Lubbock (1944) se dedicaram a defender a importância de iniciativas governamentais focadas na alimentação das nações envolvidas em guerras (LIRA, 2018). Os demais autores que compõem a exposição se detiveram em detalhar cirurgias e material cirúrgico, alguns inclusive

ilustrados de forma muito realista.

Figura 1 – Obra da exposição sobre a medicina na guerra



Fonte: Ilustração da obra de Williens (1916), arquivos do Cememor.

Próxima a essa exposição, ainda no corredor principal do Museu, foi montada uma pequena homenagem ao ex-professor Alfredo Balena, contendo dois retratos originais e a primeira edição de sua obra *Novo processo therapeutico da choréa do Sydenham* (BALENA, 1926). Alfredo foi o primeiro catedrático da Faculdade de Medicina, além de ter contribuído para a sua fundação.

À esquerda desse mesmo corredor de entrada, na galeria Luis Gomes Ferreyra, ainda em sua entrada, é possível observar uma coleção de microscópios, sendo o mais antigo deles datado do ano de 1900. Juntamente com tais instrumentos constam as obras de Langeron (1949) e de Fernandes (1949) que falam sobre citologia, técnicas de diagnóstico envolvendo microscópios e assuntos relacionados à microscopia em geral.

Na parte interna da galeria constam três exposições detentoras de acervos bibliográficos, que são a exposição sobre farmácia, sobre odontologia e sobre radiologia. A primeira delas apresenta dezenas de substâncias farmacológicas que foram deixadas na Faculdade por professores antigos, sendo que algumas ainda permanecem intactas, como é o caso das ampolas de vidro contendo soro fisiológico. Nesta coleção encontram-se expostas as obras de Pires (1920) e de Herrel (1945). Aurélio Pires, autor da primeira obra mencionada, foi um dos batalhadores incansáveis pela criação da Escola Médica em Minas Gerais (CORRÊA; GUSMÃO, 2011) e suas produções científicas são inestimáveis preciosidades para o acervo do Centro. Além de deter o diploma de farmacêutico e de ter exercido a carreira de professor, também foi jornalista. O obra de Herrel (1945) contém um levantamento bibliográfico sobre a história da penicilina e de sua utilização clínica. Essa obra se tornou um trabalho de grande utilidade prática (REIS, 1946).

Na exposição sobre odontologia, alguns equipamentos próprios dessa área foram deixados por doadores diversos, como uma cadeira de dentista, instrumentais odontológicos e suportes de chão. Nessa coleção são encontradas as obras de Pinto (2000), Parreira (1957) e Lima (1941), que abordam o tratamento de fissuras labiopalatais e outros problemas relacionados à odontologia em geral.

A Exposição sobre radiologia contém equipamentos de raio-x fabricados nos anos de 1930 e 1950 e um manual a respeito de uma peça da marca Fournier (NOTIONS, 1924).

Por fim, na exposição sobre seringas raras, consta uma rica coleção de seringas fabricadas entre os anos de 1870 e 1970. Nela encontra-se um exemplar de Bordier (1902), que traz algumas ilustrações de seringas utilizadas na época de publicação desse livro.

Também existe, nas dependências do Cememor, o Corredor da Memória. Esse espaço é composto por duas vitrines e um painel de madeira com cinco telões de LED, onde são projetadas imagens do acervo em looping. Nele são exibidas exposições temporárias contendo entrevistas, documentos digitalizados, fotografias de livros do acervo e até mesmo imagens provenientes de acervos de outras instituições. Nele já foram exibidas exposições sobre as obras de Ferreyra [1735], Marinelli (1619), Rosa (2003), Lara (2017a, 2017b, 2017c) e de Garcia (2010).

Ao longo de todas as galerias e do corredor principal estão expostos livros contendo assinaturas de ponto dos servidores na década de 1920, bem como um livro de registro da entrada de cadáveres na Faculdade de Medicina no período de 1913 à 1967, para controle de “peças” para as aulas e pesquisas de anatomia.

Nem todas as obras em exposição são raras no sentido mais tradicional do termo. Algumas apresentam preciosidade

local pelo fato de serem obras dificilmente encontradas no Brasil.

Na galeria Antônio Gonçalves Gomide encontram-se quatro exposições que contém itens bibliográficos e arquivísticos. A primeira delas, disposta logo na entrada dessa galeria, expõe artefatos que carregam um pouco da História da Faculdade de Medicina (Figura 2). Nela estão expostas, da esquerda para a direita, uma trolha utilizada no lançamento da pedra fundamental das novas instalações da Faculdade de Medicina, em 1956, simbolizando uma de suas maiores reformas. Em seguida consta o primeiro manuscrito, original, que trata da criação da Faculdade, ainda em 1910. Também foram incluídas anotações originais datilografadas pelo ex-professor Cícero Ferreira e utilizadas em suas aulas. Por último uma cópia de um dos quadros que ilustra a fundação da Faculdade, representando seus doze signatários: Alfredo Balena (clínica médica); Cornélio Vaz de Mello (anatomia médico-cirúrgica, operações e aparelhos); Zoroastro Rodrigues de Alvarenga (higiene); Cícero Ribeiro Ferreira Rodrigues (medicina legal); Otávio Machado (clínica pediátrica médica e cirúrgica, ortopedia e higiene infantil); Eduardo Borges Ribeiro da Costa (clínica cirúrgica); Hugo Furquim Werneck (ginecologia e obstetrícia); Samuel Libânio (clínica médica, 2ª cadeira); Antônio Aleixo (clínica dermatológica e sifilográfica); Ezequiel Caetano Dias (microbiologia); Honorato Alves (oftalmologia e otorrinolaringologia); e Olyntho Deodato dos Reis Meirelles (farmacologia).

Figura 2 – Exposição sobre a criação da Faculdade de Medicina da UFMG



Fonte: arquivos do CEMEMOR

A segunda exposição contém artefatos da área de anatomia que, além de algumas peças reais de fetos e órgãos do corpo humano, possui instrumentos usados nas aulas da Faculdade de Medicina e também obras gerais sobre o assunto, sendo algumas delas preciosas como o caso de Testut (1911) e Testut, Jacob e Billet (1921) e outras mais recentes, como as obras de Bogliolo (1956, 1976), esse último ex-professor da Faculdade de Medicina e grande referência nas áreas de patologia e anatomia.

Dentro dessa coleção, encontra-se, também, uma exposição sobre a obra de Rabello (1918), que obteve grande repercussão nacional (Figura 3). Trata-se de sua tese submetida para o concurso de professor substituto para a Faculdade de Medicina da UFMG, na qual o autor descreve uma das cirurgias que realizou em um rapaz (David Soares) que foi criado como menina (Emilia Soares) até os 19 anos em função de uma má formação genital. Tal má formação foi descoberta quando o rapaz, ainda tido como moça, foi levado ao médico pelo pai por ainda não ter menstruado. Esse caso impactou tanto nos registros médicos e forenses, como na área artística, uma vez que serviu de inspiração para a peça teatral “O patinho torto”, de Coelho Neto (1973). Nessa mesma exposição encontra-se a cópia de uma foto do rapaz quando ainda assumia a identidade feminina e a obra de Werneck (1998), fonte dessa fotografia. Trata-se de uma coleção composta tanto por obras bibliográficas, quanto por documentos arquivísticos, como pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 - Livros da exposição de anatomia: caso David Soares



Fonte: arquivos do Cememor

Ainda nessa mesma galeria, encontra-se a exposição museográfica sobre Juscelino Kubitschek, em que estão dispostos equipamentos e mobiliário originais do consultório do ex-presidente, além da obra de Araújo (2002) que conta como foi sua trajetória profissional enquanto médico e enquanto político que defendeu a saúde pública brasileira.

Considerações finais e ações futuras

Houve algumas contribuições de profissionais bibliotecários junto à equipe do Cememor, porém essa participação sempre esteve ligada ao tratamento técnico do acervo e raramente à organização das exposições museográficas. Todas as exposições mencionadas foram elaboradas pela equipe museológica do Centro, pois até então não contavam com um bibliotecário permanente na equipe.

É imprescindível que o bibliotecário atuante em centros de memória extravase sua atuação técnica para contribuir mais ativamente na organização museológica e na educação museal, entendendo melhor o assunto e o contexto histórico das coleções. Nesse contexto não basta somente uma leitura técnica da obra, sendo necessária também uma leitura cuidadosa de seu conteúdo, bem como de pesquisas sobre a repercussão dessa publicação e sobre a vida de seu(s) autor(es).

O fortalecimento da extensão e ampliação do contato com o usuário dessa unidade de informação também se faz necessário para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, em que tanto o bibliotecário, quanto o museólogo, o arquivista e até mesmo o historiador exercem papéis de parceria e protagonismo na construção de conhecimento.

Salienta-se que o bibliotecário também é responsável pela conscientização a respeito das técnicas de conservação dos documentos que integram as exposições, evitando que haja danos que podem ser graves e até mesmo irreparáveis nas coleções. É importante que as equipes responsáveis por centros de memória, em geral, busquem sempre capacitar-se acerca da preservação museal e bibliográfica, uma vez que as pesquisas da área conservação e restauro costumam apresentar atualizações na medida em que pesquisadores da área vão identificando malefícios em algumas técnicas que antes eram tidas como integralmente seguras.

A presença dos artefatos bibliográficos nas exposições reforça também a importância da publicação científica formal enquanto fonte confiável, já que todas as exposições exigem um estudo aprofundado da equipe a respeito do passado de suas peças.

Quanto ao Cememor, espera-se que todas as obras bibliográficas sejam higienizadas e catalogadas para assim comporem todas as exposições existentes. Serão analisadas outras formas de exposição bibliográfica, além da elaboração de cronogramas com o intuito de evitar maiores danos às obras expostas.

Por fim, com este estudo de caso, buscou-se reafirmar a importância e a indissociabilidade de acervos bibliográficos, museológicos e arquivísticos no contexto dos centros de memória, uma vez que tais unidades lidam com um passado que foi registrado de inúmeras maneiras, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas que tratam sobre ações e dinamização de acervos históricos. Conclui-se que uma biblioteca de obras raras, além de proporcionar serviços tradicionais como salvaguarda, pesquisa e consulta, também é capaz de ressignificar seu acervo, transformando-o em uma coleção que está constantemente em movimento (fisicamente ou não), aperfeiçoando sua extensão com a

comunidade interna e externa e contribuindo para a construção e divulgação do conhecimento científico, da história, da memória e da cultura, intra e extra muros das universidades.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. **Juscelino Kubitschek, o médico**. 3. ed. Belo Horizonte: F.A., 2002.
- BALENA, Alfredo. **Novo processo therapeutico da choréa do Sydenham**. Rio de Janeiro: Typ. Leusinger, 1926.
- BOGLIOLO, L. **Livro de registro de exames anátomo-patológicos (1946-1956)**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; Departamento de Anatomia, 1956.
- BOGLIOLO, L. **Patologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1976.
- BORDIER, H. **Précis de manipulations de physique biologique**. 5ed. Paris: Octave Doin, 1902.
- CAMARGO, A. M. de A.; GOULART, S. **Centros de memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições SESC SP, 2015.
- COELHO NETTO, H. M. **O patinho torto ou os misterios do sexo**: comedia em 3 atos. Rio de Janeiro: 1973. (Coleção dramaturgia brasileira).
- CORRÊA, E. J.; GUSMÃO, S. N. S. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG: da criação à federalização. **Revista de Medicina de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 105-111. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/300>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- CUNHA, M. T. S. Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 18-27, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/10347/7537>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- FERNANDES, M. C. **Métodos escolhidos de técnica microscópica**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- FERREYRA, L. G. **Erário mineral**. [Lisboa Occidentia] [Portugal]: Officina de Miguel Rodrigues, [1735].
- GARCIA, E. B. **Antropologia da Alegoria da calúnia**. Belo Horizonte: Artear, 2010.
- HERREL, W. E. **Penicillin and other antibiotic agents**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1945.
- LANGERON, M. **Precis de microscopie**: technique, experimentation, diagnostic. 7. ed. Paris: Masson, 1949.
- LARA, M. **Ancestralidade**: o alvorecer da medicina nas Minas Gerais. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2017a. (Cicero Ferreira: um apóstolo da medicina).
- LARA, M. **Contemporaneidade**: a carreira do apóstolo Cicero. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2017b. (Cicero Ferreira: um apóstolo da medicina).
- LARA, M. **O legado**: a vida e obra do grande empreendedor. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2017c. (Cicero Ferreira: um apóstolo da medicina).
- LEJARS, F. **Um hospital militaire a Paris (1914 - 1919)**: pendant la guerre. Paris: Massion e cie, 1923.
- LIMA, C. **Odontologia e medicina**: problemas clinicos, problemas sociais. Porto Alegre: Globo, 1941.
- LIRA, A. Aforismo da autonomia: a trajetória de John Boyd Orr na américa e as campanhas para a criação do Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). **Faces de Clio**, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, jan./jun. 2018.

Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/7.Artigo-D2-Augusto.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

MARINELLI, I. **Hippocratis coi medicorum omnium facile Principis Opera, quibus addidimus**. Venetiis [Veneza, Italia]: Apud Hieronymum, & Alexandrum Polum, 1619. 2v. em 1.

MORANDO, L. ‘Miloca que virou David’: intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939). **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, Natal, v. 6, p. 147-169, 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v06n08art07_morando.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

NOTIONS de Radiodiagnostic a l’usage des praticiens et mode d’emploi du radiophore Fournier. Paris: Guerpillon, 1924.

ORR, Sir J.; LUBBOCK, D. **Alimentação do povo em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: CEB, 1944.

PARREIRA, E. **Considerações sobre o diagnostico em clinica odontologica**. 1957. 64 f. Trabalho apresentado (Cátedra) - Faculdade de Odontologia e Farmácia, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1957.

PINTO, N. F. **Fissuras labiopalatais**: retrospectiva histórica e tratamento. Belo Horizonte: Novo Milênio, 2000.

PIRES, A. **Compendio de pharmacia galenica**. Belo Horizonte: Imprensa Official, 1920..

RABELLO, D. **Theses para o concurso de professor substituto da 12ª secção**: Faculdade de Medicina de Bello Horizonte. Bello Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1918.

REIS, J. B. dos. Análises de livros. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 4, n. 2, abr./ jun, 1946. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1946000200010>. Acesso em: 01 abr. 2019.

ROSA, J. G. **Ooó do vovô**: correspondência de João de Guimarães Rosa, o vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess, de setembro de 1966 a novembro de 1967. São Paulo: Edusp; Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: PUC/Minas, 2003.

TESTUT, L. **Traité d’anatomie humaine**. 6.éd. rev., corr. et augm. Paris: Doin, 1911-1912. 4 v.

TESTUT, L.; JACOB, O; BILLET, H. **Atlas de disección por regiones**. Barcelona: Casa Editorial P.Salvat, 1921.

TRUEA, J. **Treatment of war wounds and fractures**. Newyork: Paul B Hoeber, 1940.

WILLENS, C. H. **Manuel de Chirurgie de Guerre**. Paris: A Maloine et Filis, 1916.

WERNECK, H. **O desatino da rapaziada**. Minas Gerais: Companhia das Letras. 1998.

ZUCKERKANDL, O. **Atlas manuel de chirurgie opératoire**. Paris: Librairie J. -B Bailliére et Filis, 1900.

EXPOSIÇÃO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: além do preto e branco

Alessandro Ossola
Bibliotecário e fotógrafo
ossolaalexandro1@gmail.com

Resumo

A exposição Theatro Municipal do Rio de Janeiro: além do preto e branco celebra os 110 anos deste espaço tão imponente e importante para a cidade maravilhosa. Este trabalho busca, através de fotografias comparativas, trazer conceitos de memória, preservação e história do local. O público embarca em um passeio entre passado e presente e compreende um pouco da trajetória e identidade do Theatro, além de refletir sobre a importância em documentar e preservar a passagem de tempo.

Introdução

É comum do ser humano registrar momentos. Datas comemorativas, eventos, passeios, até mesmo uma simples selfie. Congelar um pequeno espaço de tempo para virar um momento visualmente inesquecível, de lembrança, de remontagem de um passado, de uma memória. Com a fotografia podemos reviver experiências ainda que de um passado distante. O objetivo deste trabalho é proporcionar um passeio entre passado e presente a partir da comparação das fotografias contidas no livro Theatro Municipal do Rio de Janeiro, representando as transformações nos ambientes do mesmo ao longo de seus 110 anos de existência, destacando curiosos detalhes dos recintos de 1909 e de 2019. Carrega consigo um papel fundamental de registro da memória institucional do Theatro Municipal e compreende um pouco de sua trajetória e identidade, além de refletir sobre a importância em documentar e preservar a passagem de tempo.

Fotografia e memória

A partir do momento que uma cena é capturada pelas lentes de um fotógrafo, aquele momento fica eternizado e a fotografia se torna um dispositivo de memória, podendo esta ser de cunho individual ou coletivo. Através dela, sentimentos são recordados e lembranças revividas.

“Não há dúvida de que o mundo de hoje é um mundo eminentemente imagético e que a fotografia é o seu representante maior, compondo com a escrita e o som a hipermediação da comunicação extensiva moderna” (RODRIGUES, 2007, p. 75).

Para Batista Junior (apud Santaella et Nöth, 1998) as “fotografias funcionam como documentos dos efeitos do tempo e dos traços de envelhecimento”. E, segundo Monego; Guarnieri (2012, p. 74, apud KOSSOY, 2001), só compreendendo a fotografia em seu contexto histórico, que podemos avaliar a importância que a imagem tem, afirmando que “a fotografia é um meio de informação sobre o mundo e a vida”. Sobre isso, a fotografia vem desempenhando um importante papel como registro de memória, logo precisa ser preservada.

A Biblioteca de Obras Raras: contextualização

Diversas instituições culturais vêm se utilizando da fotografia como meio para divulgar seu acervo e suas atividades em redes sociais. A Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBAOR/UFRJ), foi o local na qual a oportunidade de unir a fotografia e a biblioteconomia foi concretizada. Com

proposta de voluntariado, foram realizados diversos trabalhos fotográficos com o objetivo de divulgação do acervo e serviços da biblioteca, como: A segunda e terceira edições da revista anual Boletim Informativo EBAOR (Figura 1 e 2); A criação de um jornal mensal que reúne posts publicados nas redes sociais e curiosidades do acervo, chamado Correios EBAOR (Figura 3); E a oportunidade de ser um dos organizadores de um evento de extensão. O evento, denominado I Seminário da EBAOR, teve como proposta celebrar o acervo da biblioteca. Em busca de algo para o encerramento, foi levantado o projeto de uma exposição fotográfica.

Figuras 1, 2 e 3: Capa do segundo e terceiro volume do Boletim Informativo EBAOR. Capa do Correio EBAOR.

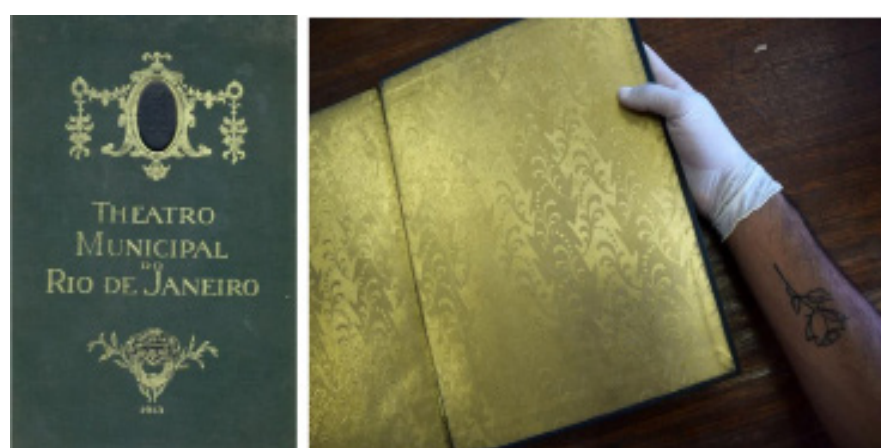


Fonte: Arquivo pessoal.

A exposição: relato de experiência

A fatalidade ocorrida ao Museu Nacional da UFRJ em 2018 foi o gatilho necessário para se pensar na preservação dos espaços culturais presentes no estado do Rio de Janeiro. A principal tentativa de recuperar a memória de um espaço que se perdeu em chamas foi solicitar aos visitantes que enviassem fotografias. A iniciativa, mesmo que singela, foi uma forma de reviver um passado e guardar as lembranças deste principal centro cultural da zona norte do Rio de Janeiro. Mediante ao ocorrido relatado, surgiu a proposta para a exposição. A mesma seria uma exposição fotográfica que abordaria intrinsecamente conceitos de preservação e que levassem às pessoas a pensarem sobre memória e valorização de espaços culturais. Esta exposição teria como base o acervo da EBAOR. E, inicialmente, seria totalmente virtual. Diversos livros sobre o Rio de Janeiro foram selecionados em ideias iniciais. Estando em um ano de comemorações na EBAOR, optou-se pelo livro Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Figuras 4 e 5), devido às comemorações dos 110 anos deste espaço em 2019.

Figuras 4 e 5: : Encadernação e folhas de guarda douradas do livro Theatro Municipal do Rio de Janeiro.



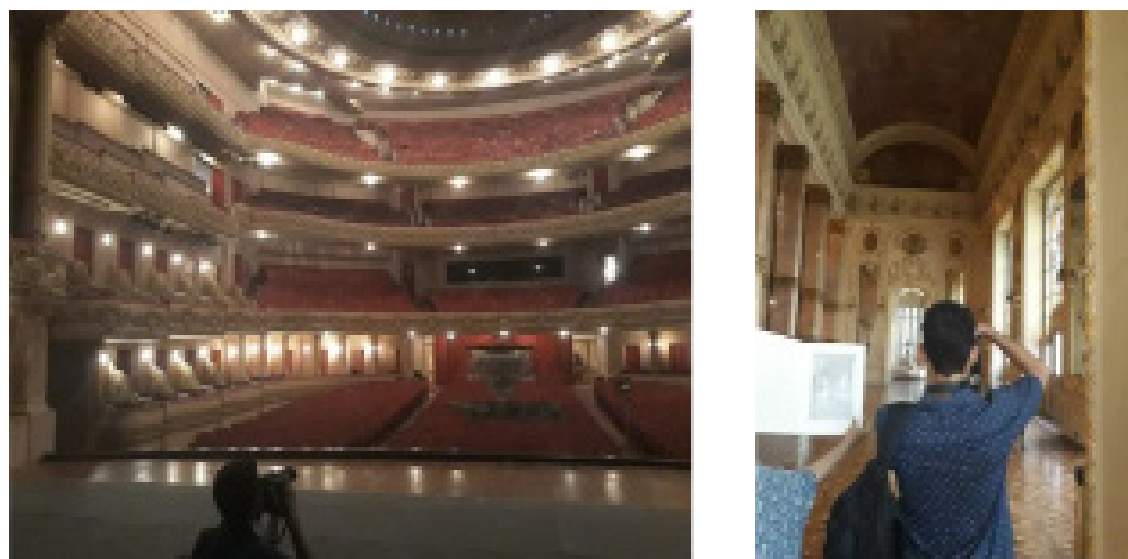
Fonte: Arquivo Pessoal.

A obra a ser usada como pilar para a exposição foi a primeira publicação bibliográfica com fotografias sobre o Theatro Municipal, inaugurado em 14 de julho de 1909. Considerada um álbum, a obra foi publicada em 1913 contendo imagens dos ambientes do Theatro ressaltando obras, esculturas, mosaicos, pinturas, plantas, projetos e desenhos no

interior do prédio. A primeira edição possui os autógrafos de Francisco de Oliveira Passos, arquiteto responsável pela construção do Theatro Municipal e engenheiro consultor da prefeitura de Francisco Pereira Passos, e de João do Rio, pseudônimo do cronista e jornalista João Paulo Emília Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, autor da obra. Texto paralelo em português e em francês. Encadernação luxuosa em tecido e decoração em ouro, com guarda decorada em papel dourado. Impresso em papel couché nas cores vermelho e preto, ilustrados com fotografias em preto e branco, editadas pela Editora Musso, embora sem autoria do fotógrafo(s).

Com a obra selecionada, foi iniciado o processo de captação das fotografias para a exposição. No dia 04 de fevereiro de 2019, foi feita primeira visita a parte interna do Theatro (Figuras 6 e 7). Os enquadramentos das fotografias atuais foram feitos a partir dos enquadramentos originais, construindo um ambiente lúdico e instigante onde o público pode interagir com as imagens a partir do conceito de “jogo das diferenças”.

Figuras 6 e 7: Captação das imagens.



Fonte: Arquivo Pessoal.

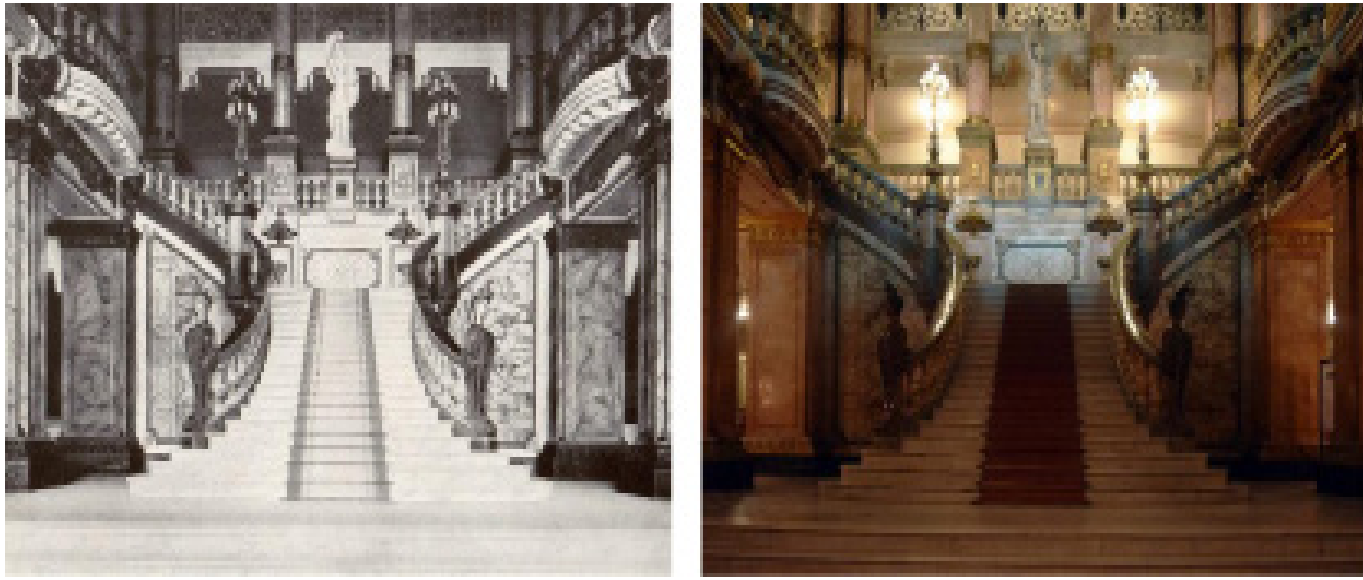
Em 21 de março de 2019, o trabalho foi apresentado no I Seminário da EBAOR (Figuras 8 e 9). O título escolhido foi “Exposição Theatro Municipal do Rio de Janeiro: além do preto e branco”, fazendo alusão às fotografias em preto e branco que consistem no livro. O público, de grande maioria composto por profissionais da informação, pode ver a primeira etapa da Exposição, com as fotografias da parte interna do Theatro. As imagens apresentavam poucas (Figuras 10 e 11), mas também diversas mudanças no ambiente do lugar (Figuras 12 e 13), gerando uma intensa reflexão sobre o papel dos cidadãos, gestores, e, principalmente bibliotecários (maior público do evento) em relação aos espaços culturais.

Figuras 8 e 9: Apresentação no I Seminário da EBAOR.



Fonte: Arquivo EBAOR.

Figuras 10 e 11: Escadaria nobre (vista geral).



Fontes: Livro Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Alessandro Ossola.

Figuras 12 e 13: A Dança Antiga. Decoração das lojas.



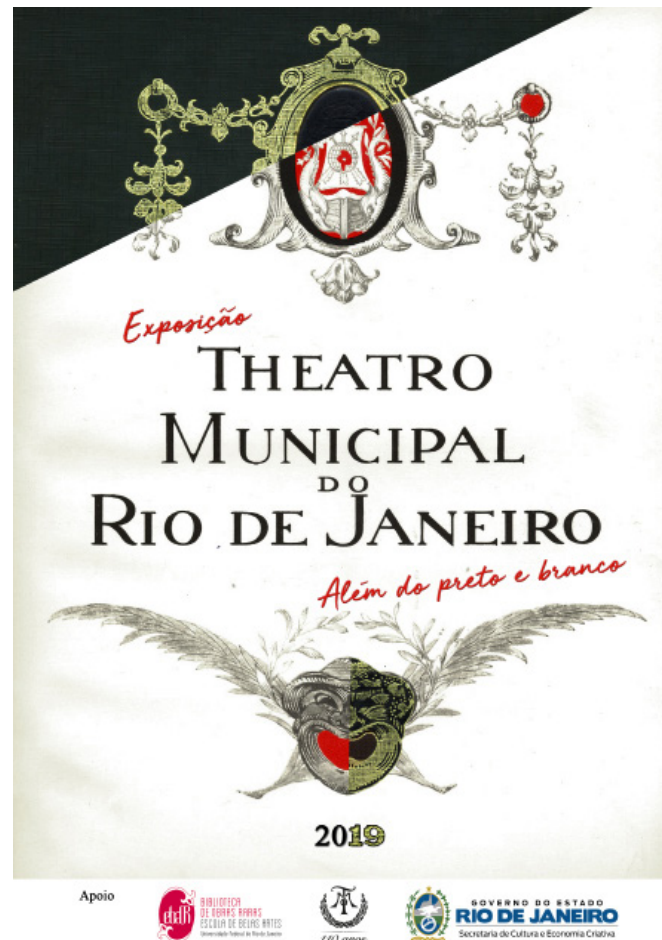
Fontes: Livro Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Alessandro Ossola.

Em contato direto com o Theatro Municipal, foi acordado que a exposição participaria como atividade especial das festividades dos 110 anos do espaço. Para a realização da mesma, no dia 22 de junho de 2019 foram realizadas as fotografias da parte externa, a fim de complementar o trabalho.

Considerações finais

Em meio às comemorações, a exposição foi aberta no dia 21 de julho de 2019 (Figuras 14, 15, 16 e 17). O projeto que seria totalmente virtual ganhou uma parte física nas dependências do Theatro. Contando com três vitrines, dispôs uma obra fac-similar, curiosidades do livro e 16 fotografias.

Figura 14: Banner de divulgação da Exposição. Arte: Alessandro Ossola.



Fonte: Alessandro Ossola.

Figura 15: Vitrine com a Exposição. Fotografias expostas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

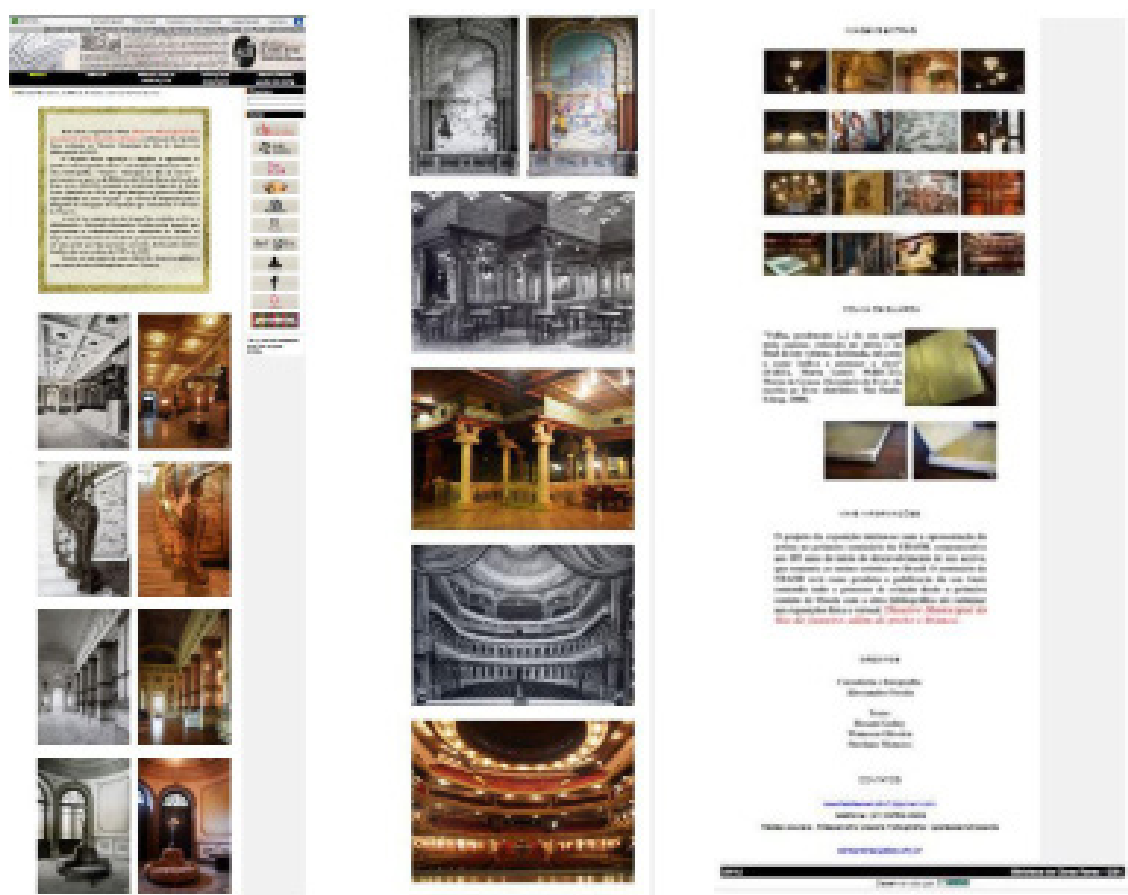
A abertura contou com uma visita guiada pelos espaços, terminando no local em que a exposição se encontrava. Ao final da terceira vitrine o público pode acessar a parte virtual da Exposição escaneando um código QR (Figura 19). A exposição online (Figura 20) contou com 14 fotografias, novas informações sobre a obra de João do Rio e fotografias extras do Theatro.

Figura 16: Equipe Escola de Belas Artes. Da esquerda para direita: Wanessa Oliveira, Rosani Godoy, Sterlane Menezes, Marize Malta e Alessandro Ossola.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 17: Exposição virtual no site da EBAOR.



Fonte: site da EBAOR.

O livro, peça chave do trabalho, com registros visuais do Theatro, funcionou como uma forte ferramenta documental para, no presente, nos remeter a uma realidade não vivida. Preservar esta obra é preservar a história deste lugar. E através deste trabalho visual, o público – de aproximadamente 1000 pessoas (dentre crianças, adultos, idosos e até mesmo de fora do País) – pode perceber a importância que a fotografia tem para o entendimento de um passado e a concepção de um futuro. E conhecendo a história, registrando e disseminando as informações, o público aprende o valor que espaços como o Theatro Municipal têm para a cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

BATISTA JUNIOR, Natalício. **Fotografia e memória**: contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. Disponível em:< <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2019.

MONEGO, Sonia; GUARNIERI, Vanderleia. A fotografia como recurso de memória. In: Documentos: da produção à historicidade. **Cadernos do CEOM**. Ano 25, n. 36. 2012.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci. Inf., Brasília**, v. 36, n. 3, p. 67 – 76, set./dez. 2007.

NOTAS:

1. A relação com a Biblioteca se deu no período entre 2012 e 2014, onde desenvolvi diversos trabalhos como bolsista enquanto realizava a graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação.
2. Formação em Biblioteconomia pela UFRJ em 2014; Graduando em Fotografia pela Universidade Cruzeiro do Sul.
3. Em 02 de setembro de 2018, o Museu Nacional foi atingido por um incêndio que ocasionou a perda de grande parte de seu acervo e espaço físico.